FON FON
ANNO XXIII — N.º 27
Rio, 6 de Julho de 1929
Preço 1$000

## —Os seus incommodos causavam-lhe todos os mezes dôr de cabeça, cólicas e mal estar.

***Eram tres ou quatro dias de um martyrio continuo, que a obrigava a ficar em casa, ou mesmo a guardar o leito.***

O unico remedio que conseguiu livral-a desses tormentos foi a prodigiosa

Dois comprimidos alliviam-lhe as dôres por completo, regularisam a circulação do sangue e restituem-lhe, assim, a energia e o bem estar.

**Igualmente admiravel contra as dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.**

*Não ataca o coração nem os rins.*

"agora os vejo chegar sem medo"!

# O conto brasileiro

## ESTACA

MERCÊDES, que vi morrer tão tragicamente, disseram-me que havia sido uma rapariga exuberante. No seu leito de morte, suggeriu-me uma santa com os grandes olhos abertos, na expressão pungente da dôr que a fulminára.

Tendo casado aos quatorze annos, durante toda a vida expiára essa criançada. Cêdo, sentiu-se desprotegida pelo homem que lhe enchêra o coração ingenuo, reconhecendo, com horror, que se ligára a um caracter pobre. E na criança o amôr se transmudára em heroismo.

Fôra humilde, triste e resignada, acompanhando-o na quéda, no perseverante desejo de impedil-a, conseguindo sómente retardal-a. E assim affrontando os perigos que lhe offerecia a corja que o cercava, ella o ia arrancar dos antros em que se pervertia... e assim, quando o suspeitava ameaçado pelos chefes irritados contra os desregramentos dos seus desempenhos, ella ia pedir-lhes, implorando, mais para lhe evitar o vexame do que para poupar a si mesma a miseria inevitavel.

Bêbedo consummado, tornou-se, em seguida, jogador. O escasso ordenado ficava no panno verde, cuja côr attrae sempre com seu prestigio irresistivel... Mas não foi só isso.

Como si o vicio não bastasse, Mercêdes, amorosa, terrivelmente amorosa, teve certeza da primeira traição.

Ainda assim, sob todas as injurias, na mais lamentavel das abdicações — a da dignidade — ella o seguia, resignadamente, cega, desattenta aos conselhos que lhe martellavam para romper com tão abominavel existencia.

Emmagrecendo, definhando, precocemente envelhecida, entre lagrimas, replicava num argumento de defesa:

— Mas, não vêem que, se o abandono, elle cáe de todo?

E proseguia. Esmerava-se no cuidar-lhe o vestuario, rejuvenescendo nesse afan. Exultava nos raros momentos em que elle estava *bom*, e, nesses instantes, restaurava as energias exhauridas no labutar insano, para defendel-o nas horas más, arrancal-o á allucinação alcoolica ou aos braços da amante preferida.

E nessa vida de abnegado heroismo, Mercêdes arrastou vinte annos a fio! Ao cabo desse tempo, quando a conheci, mirrada e doente, era um vestigio humano, um farrapo de gente, uma sombra quasi. Restavam-lhe apenas os olhos, grandes, immensos e pretos, e cujo brilho fulgurante resistira ás lagrimas. Esses olhos, com esse brilho, foram além da vida...

Um dia, em casa, sózinha como sempre, pois não tivera filhos, sentiu a porta escancarar-se fragorosamente. Encaminhou-se e viu, então, o marido bêbedo completamente, arrastando pela mão a amante, amarrotada e trôpega tambem.

Falto de forças, elle cambaleou junto do fogareiro onde fumegava o jantar. A mulher, aparvalhada, mediu o perigo ainda e, num ultimo gesto de soccorro, com brandura, desviou-o para o outro lado, e cahiu ella, pesadamente, um filête de sangue a escorrer da bocca contrahida — o coração estalara á violencia do choque — com os grandes olhos abertos, na expressão pungente que lhe vi, retendo para a eternidade, aquelle quadro sinistro, o peor de todo o seu martyrio.

* * *

Algum tempo depois do desenlace cruel, uma noticia banal de diario matutino annunciava que fôra encontrado morto um individuo miseravel, cuja entidade me revelou o marido de Mercêdes.

E eu pensei, então, na criatura sublime de tenacidade amorosa, no seu vaticinio, porque, de facto, elle cahiu de todo, logo que se viu desamparado pela mulher, como si ella fôra uma verdadeira estaca...

IRENE DRUMMOND.

### O COMMENTARIO

*A actual administração do Lloyd Brasileiro, a cuja frente ora se encontra um espirito emprehendedor e uma intelligencia pratica como o sr. Amantino Camara, está procurando dar á empresa que dirige uma orientação nova, que lhe permitta, com os elementos que possue, servir bem o Brasil, approximando-lhe os Estados e fomentando o seu commercio.*

*O Lloyd é um departamento de assustadora complexidade e delle dependem quasi todas as communicações maritimas do paiz. Ademais, tem de attender a linhas dispendiosas como as do Prata e da Europa. E, para todos os seus serviços, actualmente não dispõe de numero de navios bastante. Erros administrativos accumulados em dezenas de annos contribuem, de mãos dadas ás crises commerciaes, para difficultar cada vez mais o problema da direcção da grande empresa de navegação, na qual muitos e muitas competencias têm fracassado de maneira lamentavel.*

*Máu grado tudo isso, o sr. Amantino Camara tem sabido vencer os obices, resolver as questões mais prementes e dar nova vida a todos os ramos da actividade do Lloyd. Sente-se, em verdade, que hoje, naquella casa, ha um homem ao leme.*

# O Misanthropo

Da Pedro Paulo Faria Rocha

PARECIA uma dessas commovedoras figuras de contos. Era um homem magro, triste, modestamente vestido; sempre só e guiado pelos seus pensamentos, que muita vez o conduziam a tragicas resoluções, nas quaes se abstinha...

Nota-se sempre algum mysterio nessa gente que se afasta do mundo para andar só. Correm, então, lendas; ha indagações e presumpções... Geralmente as opiniões são más...

Uma grande curiosidade, — um desejo de ouvir alguma coisa daquella bocca que guardava um rictus de dôr, — invadiu-me. Havia muito que eu via aquelle homem, sempre solitario. Aproximei-me. Debruçado na muralha da praia, tinha elle o olhar preso, mergulhado nas aguas da Guanabara. A bahia estava calma. Não havia ondas e o espelho tranquillo das aguas reflectia o céo...

— Ninguém, olhando agora esta bahia, dirá o que ella é em occasiões de resaca...

— E'.

— E' que a natureza tem, tambem, os seus momentos de revolta, não acha?

— Parece.

Observei aquelle homem estranho. Era desses typos que, embora pobremente vestidos, inspiram algo de admiração. Os seus modos, o seu porte, eram de gente fina. O *paletot*, um pouco surrado, cahia-lhe frouxamente sobre o corpo. O seu modo de responder, porém, mostrava-me que não tinha vontade de se expandir. Insisti:

— Também somos assim: ás vezes, revoltados; outras, alegres; outras, tristes... Esta agua parada, sem ondas, reflectindo o firmamento, este conjuncto deslumbrante que contemplamos, de céo, terra e mar, me dão a impressão de que a natureza scisma... Não ha quem não se deixe attrahir por uma tarde assim!...

— Disse bem. O senhor escreve? E' artista? Muita inspiração se bebe agora...

Fitei-lhe os olhos. Delles sahia uma luz tão doce que commovia. Não sei porque, as pessoas tristes têm alguma coisa de divinal, de puro, que nos attrae...

— A's pessoas tristes não deve agradar muito...

— Muito pelo contrario. Sentimo-nos, ou por outra, devem sentir-se confortadas por ter com ellas a natureza... Não deve haver coisa mais irritante, nem que mais dôa... que a alegria em derredor de uma tristeza...

— Por que não fala o que sente? Agrada-me... Fale por si...

— E' escriptor, não é? Nem me precisava dizer que lhe agrada ouvir as tristezas dos outros... E' tão commum... Será um motivo para os seus trabalhos e uma distracção para quem os ler...

— Engana-se. Vejo, pelo seu falar, que uma grande descrença o invade. O mundo não é tão máo...

— Não, não é... Depende...

— Confesso-lhe que o meu interesse não é outro que lhe dizer alguma coisa... A's vezes uma palavra... Uma palavra mesmo que se apanhe no ar...

— Tem razão. Mas... não me interessa falar-lhe. O interesse é todo seu... Quer um assumpto... Emfim... A sua curiosidade é natural... O senhor ainda foi bom; outro me poderia ter visto com máos olhos... Palavras, já ouvi muitas... Confortam. A nossa franqueza, porém, para com aquelles que nos falam, nos sae muita vez bem cara... Quasi sempre. Um dia, tudo nos é atirado ao rosto. As offensas maiores nos vêm daquelles em quem depositamos confiança...

— E' uma verdade, sim — disse eu, curioso, penetrando naquella vida.

— E' uma verdade indiscutivel. Ha occasiões em que, obrigados pela necessidade, acceitamos ajuda de alguem, de uma pessoa a quem se quer. Acceitamos após havermos exposto as nossas necessidades. E' dinheiro, é roupa, são favores, emfim... O destino ás vezes é tão cruel! E' tão cruel!... Luta-se, luta-se, sempre em vão... Desgraçado do homem que se vê assim! Terá que se humilhar, que ser escravo sempre! Não causará outro sentimento que o de compaixão... E a compaixão offende mais o amor proprio que o desdem... Desde que haja desegualdade, não ha equilibrio... Os beneficios que o homem recebe passarão a ser para elle algemas que o tolhem... Ainda agora (por que não contar, se já percebeu que falo de sciencia propria, de mim mesmo?...) antes do senhor chegar, ouvi após breve discussão com um amigo, esquecido de mim mesmo e envolvido no meu orgulho de homem, esta phrase, tão acertada, mas que não queria ouvil-a nunca: "E te esqueces de que não tens onde cahir morto?"... Quiz protestar, retribuir com uma offensa... mas humilhei-me, sem coragem de olhar o meu amigo.. Que quer? Que poderia eu responder... se a propria roupa...

— São passagens da vida, meu amigo. Amanhã, talvez, lhe caiba fazer favores a elle...

— Sim, não o desejo... Mas, se tal acontecer, será uma obrigação... Será a retribuição de um favor, não acha? Talvez eu lhe pareça um pouco orgulhoso...

— Quem não o é, meu amigo? Quando perdemos o orgulho, perdemos, tambem, a noção de nós mesmos... O orgulho é necessario. Entende, não é? O nosso amor proprio...

Escurecia. Um véo de tristeza cahia sobre a tarde.

— Já que lhe expuz tanta coisa, terminarei a narração. Sei que vou causar momentos de prazer intellectual aos outros... O senhor irá reproduzir a minha confissão; eu sei que vae... Arranjará um titulo suggestivo e todos lerão, com o fim de passar as horas, horas de tedio ás vezes... Não faz mal, é uma vida como a de muitos... Talvez seja para elles, até, um conselho... Continuemos, pois: Ha momentos em que a idéa de morte me passa pela mente. Longe do mundo, porque a minha companhia a ninguem alegra, caminho com os meus pensamentos. Chego á beira de um precipicio... mas me envergonho e volto... Confesso-lhe, mesmo, que fico em duvida e não sei o motivo por que me volto... Córo. Será de medo? Será de vergonha de ser fraco, pensar na morte; ou de vergonha de não poder ser fraco? O homem não deve pensar em buscar a morte... Desde que o pense, torna-se fraco: fraco, porque pensou, e ainda mais fraco... porque a temeu, não acha?

— Não — disse-lhe eu, penalizado, querendo tirar-lhe a duvida. O senhor é forte porque...

— ... resistiu a uma fraqueza...

— ... resistiu a uma idéa má... Se não fosse assim (que horror!) quantos crimes não praticariamos, quantas faltas, por pensamento?! Para que lhe mentir? Vou reproduzir a sua historia, sim? Não ha mal nisso. Talvez produza, até, bem... Grato, meu amigo. Faço votos para que, breve, não o reconheça mais... Que o amigo, que é moço ainda, encontre a ventura e passe a ter no rosto, não esse rictus de tristeza, mas o ar de uma felicidade que lhe encante a vida...

* * *

Era noite. Pela praia movimentada, alegre e clara, naturalmente em busca do modesto aposento, o homem solitario caminhava devagar, sob o peso de sua grande tristeza...

# O PEIXE VERMELHO

## De PAUL LACOUR

A perseguição havia começado no appartamento e continuava na sacada:

— Ah! bandido! Ladrão! Assassino! Espera que já te pego! — gritou mme. Biche com a cabeça descoberta.

Mas o bandido, o ladrão, o assasino, dito tambem: o gato da vizinha, longe de esperar, saltou, ligeiro, elastico e branco, como uma bola de tennis por cima da grade que separa a sacada e encontrou-se em sua casa, apertando sempre e ferozmente a sua presa, entre os dentes.

Mme. Biche chegou justamente a tempo para ver ser desapparecer pela janella dos vizinhos a cauda do felino. O seu salto a jogou contra a grade, offegante e enraivecida. A vassoura lhe cahiu das mãos, porém ella não se deu por vencida.

Reunindo as suas forças e a sua vassoura, continuou a caça, cercando o inimigo, que ella não podia alcançar. Uma reviravolta, a travessia, como um bolido, do appartamento confiado aos seus talentos de arrumadeira, e eil-a no patamár, fazendo vibrar doidamente a campainha dos moradores do lado.

De repente, a porta se entreabre:

— Ah, madame, o seu gato me pregou uma bôa peça. Elle pescou o peixe vermelho, o peixe querido de mme. Leduc e safou-se com elle!

A essas palavras, o rosto sympathico da dona do gato exprimiu um terror extraordinario e ella soltou um grito de angustia: "Meu Deus! Que vae ser de nós?"

Explicava-se esse receio pelo facto de mme. Rollet ser a locataria de mme. Leduc. Viuva, com uma filha, ella se julgava feliz de morar num pequeno alojamento barato. Mas era uma felicidade precaria, que dependia do humor e do capricho de mme. Leduc, que jamais consentira em firmar um contracto com ella, não deixando supeitar das suas intenções. No fim de cada trimestre se renovavam os transes das duas mulheres. Que a proprietaria se quizesse vingar da immolação do seu peixe querido, era a coisa mais natural deste mundo, pensava a pobre mme. Rollet.

O carrasco foi descoberto debaixo da mesa da sala de jantar, limpando os seus bigodes e a testa, sem sombra de remorso. Deante delle jazia o corpo de delicto, reduzido a sua expressão mais simples, isto é, as espinhas do peixe.

Mmme. Rollet ficou aterrada:

— Oh! Mimine! Mimine! — gemeu ella.

O desespero afogava nella o resentimento. E depois, bater no gato não fazia o peixe resuscitar. Ella ficou muda e sem força, numa cadeira.

Mme. Biche se enterneceu. Ella tinha interesse em ser agradavel a mme. Rollet, a cujos serviços ella recorria muitas vezes.

— Havia talvez um meio de arranjar as coisas, suggeriu ella; supponha que a senhora compre um peixe semelhante. Nós o poremos no logar do outro, emquanto madame está na rua.

De um salto mme. Rollet se dispoz a sahir. O seu chapéo se achou na sua cabeça e seu *manteau* nos seus hombros, em menos tempo que um gato podia engulir a sua presa.

A gravidade das circumstancias lhe impoz a despesa sumptuaria de um taxi, e, meia hora depois, mme. Rollet trazia num balde um acquatico e vermelho prisioneiro que a arrumadeira achou parecido com o outro, dizendo: "Um peixe vermelho e outro peixe vermelho se parecem sempre como um chinez com outro chinez."

Installado no acquario, esse novo hospede pareceu se encontrar dentro delle inteiramente á vontade. Sacudindo-se de prazer, elle se poz a nadar em roda. Tudo ia bem. As mulheres respiravam.

Todavia o perigo não estaria dissipado. Acaso mme. Leduc iri descobrir a substituição? Apeza da sua amizade ao peixe, ella nã ia passar o seu tempo a contem plal-o.

Em todo caso, ella não veri nada de extraordinario.

Mme. Leduc entrou. E eis qu por desgraça, o sol poente, cuja flexas obliquas atravessavam acquario, se irradiavam em tanta scintillações, em torno do peixe que este appareceu como um flamma num bloco de gelo.

Esse espectaculo attrahiu ma dame Leduc que, subito, solto um grito de surpresa e chamo mme. Biche, que se aproximou, d vagar, escondendo, sob a sua von tade vacillante, a ansiedade d sua alma.

— E' interessante isso! madam Biche. Pois não é que o meu peix está todo mudado!

— Todo mudado? Será possivel meu Deus!

— E' o que digo, mme. Biche Conheço bem o meu peixe. Ell tinha uma mancha no dôrso eil-a que desce para a cabeça.

Mme. Biche se curvou sobre acquario e olhou longamente. De pois, com naturalidade:

— Mas isso não tem nada d surprehendente. Madame não sab que os peixes mudam as suas ma chas? Acontece isso aos peixe como aos outros animaes, durant certas phases da sua existencia!.. Estou admirada de vêr que ma dame não sabe isso.

Não, madame, *et pour cause* ignorav aesse phenomeno, mas sciencia da sua arrumadeira offuscou e ella não quiz fica atrás. Mais ou menos justifica das, mme. Leduc tinha pretenções e presença de espirito tambem Ella tomou um ar superior:

— Eu lhe peço perdão, madame Aprendi essa particularidade do peixes vermelhos, outr'ora, n meu curso de historia natural Tenho tantos na cabeça que es queci esse pequeno detalhe. Ma agora me recordo.

Certamente, que madame ha d ter uma instrucção que não tiv e é uma senhora notavel! — excla mou convicta mme. Biche.

Sempre curvada sobre o acqua rio, ella sorria agora ao peixe ver melho, e, na sua alma, ao mesm tempo credula e desconfiada, d mulher do povo, ella se pergun tava: "Será que, sem o saber, e disse a verdade?"

# BIOTONICO FONTOURA

## DEBILIDADE GERAL

Fraqueza geral, em consequencia de excesso de trabalho ou de molestias agudas, graves. Pallidez, Anemia. Falta de Appetite, Constipação de ventre, Debilidade devida á perda de fluidos organicos.

Em todos estes casos o organismo necessita de um reconstituinte de acção rapida e certa, e por isso deve-se usar o

**Biotonico Fontoura**

cujos effeitos beneficos se manifestam logo nos primeiros dias de uso.

## O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

---

**BURIDAN** Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

---

# Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK

# RENUNCIA

**De Catalina Rhodes**

*(Conclusão do numero anterior)*

— Sim — a voz de Brandon denotava grande fadiga — completamente fritos... Um cavallo inutilizado... Provisões para um dia só, e não temos agua. As perspectivas não são côr de rosa... Se pudessemos conseguir que o outro cavallo andasse... porque este pobre animal não nos póde levar a ambos. E as provisões não durarão muito. Mas, naturalmente... Não podemos ficar aqui!

— Claro que não... Meu plano é que partas immediatamente e vejas se podes chegar a alguma aldeia. Deve haver alguma, não longe daqui. — Chesney deteve-se. — E' uma desgraça termo-nos extraviado assim, mas essas malditas tempestades de areia fazem qualquer um perder o sentido da orientação. Leva o melhor cavallo e a maior parte das provisões. Vae-te depressa. Está tudo bastante tranquillo lá fóra e se fores com cuidado, procurando orientar-te bem, podes explicar o logar em que está situada a gruta e mandar-me alguem com um cavallo. Entretanto, eu...

— Tu morrerás de fome... — a voz de R o b i n era c a v a. — Não, Chesney; ou partimos juntos, ou ficamos aqui.

— Isto é uma loucura! O cavallo não póde supportar carga dobrada nem o tempo permitte que o montemos cada um por sua vez. Sê razoavel, Robin, e parte já.

— Não te d e i x a r e i ! — declarou Robin, com a obstinação dos debeis.

— Mas não comprehendes que só tu é que deves partir, Robin? Eu irei depois de ti. E' provavel que encontre alguma caravana e volte a Sidi-Oura antes da tua chegada. Mas a primeira probabilidade é tua. Bem sabes por que.

— Supponho... — Robin falava arrastando as palavras — que queres dizer... por causa de Elfrida.

— Sim — nem o proprio Chesney teria admittido a dôr que aquelle nome amado produzira em seu coração. — Não comprehendes que deves salvar-te por ella?

— Sim... sim... supponho que sim... Ella... sentiria se eu não voltasse... Não é verdade?

— Sim... se te ama...

— Que queres dizer com esse "se te ama"?

Um subito resentimento brilhou nos olhos do rapaz.

— Claro que me ama! Não me prometteu casar-se commigo?

— Sim... E é por isso que tens de voltar para ella... Não póde perder... o homem a quem ama.

Fez-se silencio. Durou tanto, que Chesney esperou que o rapaz agisse como homem, que reconhecesse seu fracasso relativamente ao amor da joven e enviar-lhe-ia o homem a quem, na verdade, amava. Mas sua esperança se desvaneceu quando Brandon falou.

— Sim... tenho que voltar para ella... Não póde perder o homem... a quem ama.

Chesney comprehendeu, mais uma vez ainda, que seu d e s t i n o e r a perder.

Só quando, uma hora depois, o cavallo, carregado para affrontar novamente o deserto, e o cavalleiro se perderam por detraz das dunas, é que uma raiva subita e selvagem despertou no coração de Chesney contra o traiçoeiro rapaz, que primeiro se havia aproveitado dos escrupulos de uma menina e, agora, mentia ao homem a quem Elfrida realmente amava, para voltar para junto della e exigir-lhe o cumprimento de sua promessa.

— Bem sabe o embusteiro que não é a elle que ella quer — murmurou. — Mas, afastando-me do seu caminho, ha mais probabilidades de esquecer-me. Fui um idiota deixando-o partir... fazendo-lhe acreditar que estou convencido de que ella o ama. E' demasiado tarde para obrigal-o a voltar; devia tel-o deixado aqui e ter-me ido para junto de Elfrida.

Comprehendeu, em seguida, que teria sido incapaz de proceder de tal modo, e começou a formar planos para escapar daquella solitaria e incommoda prisão.

* * *

O sol elevava-se sobre o deserto, transformando o mundo numa vasta planicie ardente, sob um céo abrazador. Naquella immensidade o cavalleiro solitario parecia uma simples mancha. Emquanto esperava o cavallo enfraquecido sobre a areia escaldante, Robin dizia a si mesmo, num grande desespero, que nunca mais encontraria a rota das caravanas, que estava destinado a morrer no deserto.

— Morrer, sem tornar a ver Elfrida, a mulher que amava com todas as forças de seu fraco e vacillante temperamento! Por Elfrida mentira, enganara, tirara a outro homem a esperança de salvar-se, e no fundo do seu coração sabia bem que não seria elle o bemvindo, que outro havia cuja morte significava muito mais para ella.

Alguma coisa — seria a consciencia? — dizia-lhe que não se devia ter aproveitado dessa probabilidade de salvação, pertencente, por direito moral, a Martin Chesney; que assim agindo, roubara a felicidade de dois seres.

Deteve-se por um m o m e n t o, olhando para traz, como se pensasse em voltar e obrigar o outro homem a tomar o seu logar. E, então, a visão de Elfrida, com seus olhos pardos, sorridentes, dando-lhe as boasvindas, apresentou-se deante delle e fel-o espicaçar o animal.

Teve a sorte de chegar pela tarde a um pequeno oasis. Prendendo o cavallo a uma arvore, comeu frugalmente e pensou dormir um pouco, antes de pôr-se a caminho novamente.

Estava mais fatigado do que acreditava, e d o r m i u v a r i a s horas. Quando despertou, o sol já descambava. Mas, antes de acordar, teve um sonho... um sonho tão maravilhosamente vivido, que parecia a realidade.

Sonhou que chegara ao acampamento de Sidi-Oura. Viu claramente a branca tenda á luz da lua e uma esbelta figura que corria para elle. Era Elfrida, com a loura cabeça descoberta e as mãos estendidas para receber o recem-chegado. Mas, quando se aproximou e o reconheceu, uma especie de sombra a envolveu. O rosto empallideceu, exprimindo uma grande desillusão. E, quando falou, a voz era fria e terrivelmente accusadora!

— Robin!... E's tu!... Mas, que fizeste de Martin, *o homem a quem eu amava?*

Ao despertar, as palavras resoavam-lhe ainda nos ouvidos. Naquelle momento comprehendeu, com amargura, que a sua volta nada significaria para Elfrida se voltasse sozinho. E o sentimento da honra acordou nelle. Sentiu que não poderia affrontar o olhar da mulher amada se deixasse perecer o homem a quem o seu coração pertencia.

Sem se deter mais em pensamentos, desamarrou o cavallo, que tambem parecia ter tomado forças com o descanso, e voltou em direcção á caverna onde deixara o homem a quem sempre chamara amigo.

* * *

Na tarde seguinte, um cavalleiro chegava ao acampamento de Sidi-Oura e, depois de se apear, chamava um arabe para que se encarregasse do animal. Um instante depois, abria-se uma das barracas e pela abertura apparecia Elfrida, muito pallida, mas cujos olhos brilharam de alegria ao ver Martin Chesney, a quem suppunham perdido.

— Martin! Você está salvo! Oh! temos passado momentos tão angustiosos! Perdeu-se na tempestade de areia? Mas, entre e venha descansar. Papae se alegrará muito ao ver que nada lhe aconteceu.

— E você, Elfrida, sente-se alegre por ter eu voltado?

Depois de escapar á morte do deserto, e vendo o amor nos olhos della, não pudera evitar a pergunta.

— Você sabe bem quanto me alegro, Martin.

Estendeu-lhe ambas as mãos e, por um delicioso momento, elle as apertou entre as suas. Mas, de repente, deixando-as cahir:

— Onde está Robin? Supponho que chegou bem...

— Robin? — Ella olhou-o, empallidecendo. — Mas, não está com você?... Onde esteve, então?

— Estivemos refugiados numa gruta, depois de nos termos perdido com a tempestade. Quando tudo calmo, Robin sahiu em busca de soccorro. Não tinhamos mais do que um cavallo e elle é mais leve (a explicação occorreu-lhe repentinamente). Ficou de mandar-me auxilio, mas, entretanto, encontrei um caminho através das cavernas, que conduzia a uma aldeia arabe, duas ou tres milhas ao sul. Foram alli muito bondosos; deram-me de comer, provisões, uma escolta e puzeram-me no bom caminho. Mas, em nome de Deus, que aconteceu a Robin?

A pergunta poz em movimento toda a gente e organizou-se uma expedição para procural-o. Sir Roger conhecia os perigos do deserto; mas disse, para tranquillizar a filha, a Chesney:

— Póde ter-lhe acontecido algum accidente ou talvez o cavallo se tenha cansado. De qualquer modo, temos de ir em busca do pobre rapaz. Quizera que Elfrida e você ficassem tranquillamente aqui, mas estou certo de que ella não poderá descansar emquanto souber em perigo o noivo.

— Não; comprehendo seu sentimento — falou Martin, com serenidade.

E, uma hora mais tarde, a caravana se punha em marcha, cavalgando Elfrida junto de seu pae, entre elle e o medico do acampamento, que insistiu em acompanhal-os.

Martin não poderia esquecer nunca aquella expedição na noite enluarada do deserto.

Não obstante comprehender que Elfrida nunca faltaria á palavra dada a Robin, desejava encontral-o vivo e são. Não queria a felicidade á custa da vida de outro; depois, porém, de ter caminhado uma milha, mais ou menos, a inquietação começou a apoderar-se de sua alma.

Guiado por elle, a pequena caravana chegou á caverna que os abrigara da tempestade de areia. E alli, estendido em frente da abertura, viram um corpo immovel, com o rosto muito pallido, voltado para o céo estrellado...

— Robin! — Com um grito, Elfrida se atirou do cavallo e cahiu de joelhos deante do corpo cahido por terra. — Viemos para conduzir-te á casa... Sou eu, Robin, Elfrida. Oh! abre os olhos e dize-me que nada te aconteceu.

A voz amada pareceu reanimar o moribundo. O rapaz abriu os olhos embaciados e contemplou em silencio o pallido rosto da noiva. Com um grande esforço, falou fracamente:

— Tu... Elfrida! Não esperava ver-te mais. Meu cavallo lançou-me ao chão e creio que devo ter recebido um máo golpe na espadua. Felizmente voltei aqui... mas elle já não estava... quero dizer, Martin. Fiz o que pude, Elfrida; voltei para salval-o... para ti.

— Voltaste?

Ella não comprehendia.

— Sim... eu parti primeiro. Elle me fez ir porque estavamos compromettidos. Eu sabia que era elle a quem amavas e não lhe disse... Mas não pude continuar a viagem... Tive um sonho comtigo e no sonho tu me censuravas por não o ter salvo...

Sua voz extinguiu-se, e ella se voltou desesperadamente para Martin:

— Martin... Que quer elle dizer? Por que voltou?

— Já t'o disse. — Robin falou de novo, penosamente. — **Primeiro** pensei em regressar para casar-me comtigo e depois... não pude proseguir. Sabia que o amavas e quiz salval-o para ti... Mas não o fiz, e agora nos perdeste a ambos.

— Não... Não... Martin se salvou... Está aqui. Mas tu, Robin..., Não tens que ir-te e deixar-me agora.

Naquelle momento talvez o amas. se. O rapaz sorriu.

— Martin se salvou! Alegro-me com isso. Quanto a mim... Não importa.

O doutor, que permanecera afastado, separou, com brandura, Elfrida de Robin e ajoelhou-se junto do moribundo. Um ligeiro exame demonstrou-lhe que não havia esperanças. Chamou á parte sir Roger.

— Ferimentos internos... Não ha esperanças. O pobre rapaz está morrendo. Não, é inutil movel-o. Deixemol-o morrer em paz.

— Estou morrendo, Elfrida? — Não ouviu, mas pareceu adivinhar o *veredictum* do medico. — Bem... está bem. Agora serás de Martin... Mas me perdôas, não é verdade, querida? Quiz remediar as cousas afinal... e... — Sua voz enfraqueceu ainda mais. — Queres beijar-me? Martin nada perderá, e eu partirei feliz com esse beijo de despedida...

Com os olhos castanhos cheios de lagrimas e de ternura, a joven inclinou-se e apoiou a bocca sobre os labios do rapaz.

Naquelle beijo, a alma de Robin se desprendeu, e Elfrida comprehendeu que a recordação de seu amor seria uma das mais preciosas de sua vida.

* *

T. LAVENE'RES (Alagôas) — Olá, amigo illustre! Como vão esses nossos collegas dahi? Como vae o Jayme D'Altavilla, poeta galante, o Jorge de Lima, — o maior dos nossos modernistas — e, indiscutivelmente, um grande creador? E esse bello espirito de "élite", fidalgo delicioso chronista, que é Raul Lima?

A proposito, devo a esse meu illustre collega os meus agradecimentos pela chronica que se dignou escrever a meu respeito. Tenho a impressão de que esse escriptor é tão cumulado de elogios que, não os podendo armazenar comsigo, os distribue, prodigamente, com os seus obscuros collegas.

Oh, o Raul Lima é uma criatura de eleição.

Mas vamos ao seu caso: aqui vae a sua missiva:

"*Yves*: — Leio quasi sempre a secção dirigida por você na revista "FON-FON" e percebo que o caro chronista não gosta muito de attender aos que lhe pedem estudo de graphologia.

Advinho o motivo, porque sei que isso lhe faz perder muito tempo, paciencia e quasi sempre a recompensa é má si o resultado não agrada ao consultante.

Entretanto, confiado que esta o encontre de bom humor encareço-lhe a gentileza de fazer o meu estudo graphologico, cuja resposta deverá ser dirigida para — Roosevelt.

E' excusado accrescentar que não me zangarei si obtiver um resultado pouco agradavel, o qual, na minha opinião, só poderia offender a uma melindrosa ou a um futil almofadinha."

Muito bem. Vou fazer o exame de sua letra.

Preliminarmente: o sr. não é um temperamento bizarro. E' simples, cortez, recto nas suas attitudes. Pratico, ligado ás coisas materiaes, não ha no seu espirito um canto para o sonho. Assimilador, sabe observar com segurança e possue grande capacidade de realização. E' um emotivo, cujos impulsos tendem a eleval-o. O sr. lucta para subir, para galgar as posições de fastigio. As suas idéas são claras. E' prodigo, não se atendo a gestos de avareza, embora seja um homem que só se prende ao lado material da vida. Gosto pelos numeros e escasso enthusiasmo pelas letras. A sua vontade não é forte, mas é continuada. Não é um sentimental, porque o predomina no sr. é o cerebro. As mulheres não o desorientam facilmente. Antes assim! E' ordenado, delicado no trato, e tem bôa fé. Ciumes? Nada. Não é ciumento. E' até um pouco frio.

Nota: o sr. devia ter dado o seu nome e não um pseudonymo. Em todo caso, por esta vez — passa.

MARIM (Pernambuco) — Olá! Uma cartinha rosea, vinda do meu Estado. Vamos vêr o que me diz essa conterranea. Dois pontos:

"*Yves*: — Tenho receio que esta carta vá ficar como tantas outras sem uma resposta satisfactoria ou, quando muito, com uma resposta ironica, mordaz como costuma você dar a quem apparece assim de subito para o importunar.

Não pense que eu queira criticar esta sua maneira de proceder pois eu penso mesmo que você tem razão.

Esperemos, porem, o resultado desta...

Yves, varias têm sido as vezes em que me tenho resolvido a escrever a qualquer que se dedique á graphologia mas, confesso-o, receiosa de que alguem venha saber algo do meu "eu", deste "eu" que tão avaramente escondo, tenho desistido. Entretanto, agora estou resolvida e a nenhum outro escolhi sinão a você para me desvendar alguma coisa do meu caracter por meio da graphologia.

E porque escolhi a você, Yves? Talvez tenha, eu sido influenciada pela confiança que tenho em você e tambem, para que não dizelo, por um pouco de sympathia.

Por isto ou por aquillo é a você que me dirijo para pedir este grande obsequio esperando que, embora eu o não mereça, você me satisfará.

Peço que me desculpe esta exigencia e queira se utilizar para resposta do seguinte pseudonymo: Marim.

Queira receber os cumprimentos de sua sincera admiradora."

Ahi está como se contrariam os nossos desejos. V. Ex. me dá a honra da sua escolha — attinente á graphologia — e eu escolho justamente a sua illustre pessoa para dizer, de modo que ninguem nos ouça: Não sou graphologo.

PEREIRA DE ASUNSÃO (Pernambuco) — Aqui estão os seus dois volumes: *Ritmos diversos* e *Cantigas*. Dou-lhe os meus parabens. O sr. conseguiu uma estréa feliz. Felicissima.

Não discuto si o sr. se apega aos velhos moldes poeticos e despresa os cánones da poesia moderna. Em arte, haverá alguma coisa velha ou moderna? A arte não será ella mesma?

O que me impressiona na sua maneira de versejar é essa expontaneidade com que o sr. canta as suas emoções lyricas, embaladoramente.

De coisas velhas o seu estro faz coisas novas, tão novas que nos parece estar a ouvil-as pela primeira vez.

Assim são as trovas de *Cantigas*:

*Os olhos são dois venenos,*
*dois perigosos punhaes...*
*— São terriveis os pequenos,*
*mas os grandes são fataes.*

*Eu já nem sei quando fico*
*com o meu juizo a perder:*
*— Si quando estás bem distante*
*ou quando estou a te vêr.*

*Não tenho sorte na vida*
*com relação á mulher,*
*pois a mulher que mais amo*
*é aquella que não me quer.*

*Já tive tantos amores*
*nenhum, porém, me prendeu.*
*E aquelle que eu mais queria,*
*foi o que menos viveu.*

Poesia pura, simples, sincera, que define como a agua cantante dos riachos, sob a folhagem verde das selvas tropicaes, reflectindo a ternura do luar ou as purpuras do sol.

Em *Ritmos diversos* a sua poesia não é menos expontanea. Mas ha muito ainda a seleccionar.

Em todo caso, o sr. se revela poeta, em qualquer um dos seus livros. Parabens.

RINA (S. Paulo) — Sim, analysemos as coisas com vagar. V. Ex. é realmente muito intelligente e sagaz. Mas ás vezes a intelligencia prejudica a sagacidade. E' que aquella, querendo subir muito alto, deixa esta longe, sem o seu valioso amparo. E que sabe a sagacidade sem a intelligencia?

A minha illustre collega fez uma synthese interpretativa de tudo que escrevi. Mas foi pouco feminina, porque não comprehendeu ou não quiz lêr nas entrelinhas.

O primeiro periodo de sua carta corresponde á verdadeira decifração da charada a que se refere. Mas quando diz o "poder vir a ser algo na vida apresenta, ás vezes, taes difficuldades" etc..

Ora, eu não penso assim. Não porque se tenha firmado o axioma: "Querer é poder", mas porque, na verdade, só queremos e realizamos aquillo que é possivel. Creio que

para isso concorre, enormemente, a nossa bôa vontade (bôa ou firme?) e o factor sorte, complexo de elementos e circumstancias, que se reunem, por um determinismo, em favor das nossas pretenções. Mas, si, de facto, só pretendemos e realizamos aquillo que é possivel, é claro que as "difficuldades que encontrámos para ser algo na vida" podem ser perfeitamente vencidas — dada a logica de não se desejar o impossivel. Um homem, por exemplo, seria louco si desejasse mudar de sexo. Mas póde pretender e conseguir a dominar o coração de uma representante do sexo opposto ao seu — desde que isso não lhe pareça tão difficil como aquella pretenção absurda de mudar de sexo.

Como vê, em tudo isso não ha charada, nem enigma. Quando muito, poderia haver simples palavras cruzadas... no correio.

Outro argumento comprobatorio de que certas possibilidades só existem em nossa imaginação: uma mulher poderá aproximar-se de um homem levado pelo coração. Isso todas as vezes que ella assim o entender. Elle, não. Elle deve esperar o signal de — "avançar".

Dirá que a minha philosophia mata, lamentavelmente, a fantasia das criaturas platonicas...

Paciencia.

LYSE (S. Paulo) — Uma carta vermelha. Muito vermelha. Retrata uma alma inflammada. Será realmente uma criatura vibrante, como indica a sua letra, a sua carta e a sua musa?

Fiquei com o desejo de saber, claramente, o que significam aquellas reticencias, que vêm no fim de sua missiva.

Pretendo ir a S. Paulo no fim do anno. Nessa occasião, terei o prazer de apertar-lhe a mão.

Mas... e aquellas reticencias? Fiquei intrigado... E dizem: "Poetas por poetas sejam lidos e entendidos"... Nem sempre isso é verdade...

YEDA MARIA (Ceará) — Aqui está a sua delicada cartinha:

"Illustre senhor *Yves*: — Cumprimentos respeitosos. — Após um grande periodo de vacillações, resolvi hoje impulsionada pelas ultimas informações que tem prestado aos seus solicitantes, dirigir-lhe esta.

A esmerada capacidade com que dirige a sessão graphologica da scientifica revista o "FON-FON" muito tem demonstrado o seu intellecto saber. Não supponha que com estas verdades que estou escrevendo, esteja a solicitar-lhe ou bajulando para me fornecer o estudo de minha letra, não adequada á altura de que mereço. Pelo

## SAIBAM TODOS...

*(Continuação)*

contrario desejo scientificar-lha, que apezar da minha rudez de espirito, vejo a illustração que o mui digno senhor tem concorrido para a sessão graphologica, com o seu valioso concurso.

Confio numa breve resposta, e com um muito obrigada, subscrevo-me attenciosamente. — *Yeda Maria*."

Li e reli a sua carta e fiquei sem saber o que V. Ex. deseja.

Quer a sua graphologia? Si é isso, devo declarar que a secção "Saibam todos...:" não é destinada a taes estudos. E' calumnia dessa gente que não gosta do seu encarregado. Mas, admitamos que o fosse: V. Ex. não estaria habilitada para isso, uma vez que não deu o seu nome verdadeiro.

Agradeço-lhe os elogios que faz á minha humilde pessôa.

MAURO DA SILVA VALLE (Capital) — Escreve-me o sr. com a sua letrinha de moça, revelando um temperamento timido e uma sensibilidade enfermiça:

"Meu caro Senhor — Ha, pelo menos, um anno eu lhe escrevi pedindo a publicação de um soneto meu.

Como a sua resposta fosse simplesmente isto: — O seu soneto não serve para "FON-FON". Desculpe. — resolvi hoje tentar mais uma vez a gloria de ter, uma obra minha, publicada na — sem lisonja — melhor revista do Rio de Janeiro.

Si, porém, o Sr. achar que a minha obra não é digna de figurar em "FON-FON", peço-lhe encarecidamente que faça a sua critica, embora o que eu escreva sirva de riso a seus leitores.

Sem mais, grato lhe fico por qualquer que seja a sua resposta. — *Mauro Da Silva Valle*."

Começo dizendo que impliquei com o seu tratamento prosaico: "Meu caro Senhor" Por pouco o sr. não escreveu: "Meu caro commendador", "Meu caro coronel" etc., etc.

"Meu caro Senhor" devo eu chamal-o. O sr. é que é senhor, pois até agora não é poeta, não é escriptor, não é artista, — é apenas um homem! talvez um homem; ou como dizem as melindrosas intelligentes pelo avesso: um "home" e, conseguintemente — "senhor", "senhor Fulano"...

Eu por mim sou apenas Yves. Yves — *tout court*.

Mas não pense que não gostei dos seus versos porque o sr. me tratasse como ao seu alfaiate, ao seu padeiro ou ao seu senhorio. Não gostei dos seus versos porque o sr. só mudou na idade, conservando-se aquelle mesmo poeta insipido e que ainda tem geito de escolar, como si ainda não tivesse saido do curso medio, que frequentava o anno passado... ahi pelos arredores do Meyer.

Em todo caso, pouco falta para o anno vindouro. Vamos vêr si daqui a um semestre o sr. (veja como lhe fica bem o "senhor"!) estará no curso seriado...

MYRIAN (S. Paulo) — Hum! Que me diz, V. Ex., D. Myrian? A sua carta vale um poema... em prosa. Não posso deixar de offerecel-a á curiosidade de suas "collegas" — no sexo e no *Saibam todos*...

La vae ella:

"Saudações *Yves* — Conheces a lenda dos trevos? dizem que achar um trevo com quatro folhas é felicidade, será verdade não; eu tenho achado muitos e entretanto..

Li em um FON-FON de Fevereiro um escripto de Yves intitulado :Era uma vez" nesse escripto você contava a lenda de um principe que jurava só casar-se com uma dama que lhe fosse fiel até em sonhos dama que elle só encontrou em sonhos mesmo assim cega e surda-muda. Mas antes disso appareceu-lhe uma fada que lhe disse ser tão difficil achar uma mulher fiel com um trevo de quatro folhas visto que todos sabem que o trevo é tri-folio.

Oh! Yves você é muito máo com as mulheres então será que não ha uma mulher fiel a um homem até em sonhos, tanto a mulheres fies que eu incluso a esta mando-te dois trevos quatri-folio, por ahi você vê que a mulheres fies e trevos de quatro folhas: Esta carta tão lon-

---

*Aos nossos leitores.* — *Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.*

* * *

*Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.*

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 6-7-929

*Data da consulta* ..........

..........

*Nome do consultante* ..........

---

ga e aborrecida vae finalizar com um pedido... você já advinhou... graphologia... será que minha letra tem alguma particularidade que mereça um estudo graphologico? si você achar que merece e quizer dar-se a esse trabalho faze-me o favor. Já deves estar sem paciencia mas eu quero que sobre um pouquinho para a resposta portanto passe bem e até sabbado. — *Myriam*."

Muito bem. Aqui está o seu trevo quatri-folio... que me envia, para comprovar que a mulher é sincera.

Vou mandar submettel-o ao exame de um botanico do Museu Nacional. E' possivel que V. Ex. o tenha falsificado. Si não foi V. Ex., foi a natureza... paulista... que, segundo o conselheiro Accacio, é mulher, e da authentica, por ser substantivo feminino. Só depois do exame qualitativo, especifico e outras provas de laboratorio é que direi si V. Ex. está com a razão.

Em materia de sinceridade feminina eu não creio nem na Mater-Natura- com *M* e *N* maisculos.

LUIS ERBON (S. Paulo) — Caro confrade. Como são muitas as pessoas que me pedem informações sobre o meu proximo romance "Uma garçonne carioca", geralmente moças timidas, receiosas de um livro de escandalo, dou aqui a sua carta, que exprime (excepto na parte em que me elogia) a verdade patente sobre essa insignificante obra.

Prevendo com acento, o que será elle, escreve o sr. a proposito do meu volume, a apparecer:

São Paulo, Julho de 1929.

"Caro Yves: — Eu lhe estava devendo uma resposta que tardou, mas que veiu agora...:

Estive um tanto occupado. Por isso, não pude agradecer no momento, suas palavras elogiosas publicadas no "Saibam todos..." de 25 de Maio findo.

Creia que, vindas de um literato assim brilhante e tão em evidencia, tiveram o dom de me deliciar por instantes, — muito embora eu não mereça nada disso.

Foi uma gentileza do amigo que sabe ser tão cavalheiro, demonstrando deste modo sua fina cultura intellectual. Aliás do senhor outra coisa não era de esperar.

Não preciso repetir-lhe que o admiro e que tanto os seus versos como a sua prósa, revelam um artista fino que vae esculpindo no marmore da fantasia, os traços elegantes duma obra prima...

"Uma "garçonne" carioca" é um livro que precisa surgir aos olhos do publico ansioso.

# SAIBAM TODOS...

*(Conclusão)*

Sendo um livro forte como é, de critica (e não de escandalo) logo captará as sympathias dos seus inumeros leitores.

Aprecio essas novellas. E estou seguro que o confrade saberá apresentar um volume bem escripto, que se impõe pelo thema que não tem só o fito do escandalo, e sim a censura precisa para cohibir os erros da sociedade de hoje.

O assumpto, é de facto muito explorado, mesmo até em demasia...

Pelo que vejo, o seu livro não será a demasiada exploração das scenas de amôr das que se entregam, — como varios autores têm feito, na ansia de qualquer publico... — e por isso, ganhará os leitores que se affastam desses outros...

O thema é optimo e apezar de muito revolvido, ainda encerra certas particularidades que interessam as pessôas cultas.

Minha opinião nada vale, eu o sei. Mas aconselho-o a não esmorecer na campanha que iniciou.

O verdadeiro segredo do artista, é saber expôr factos crús, com palavras elegantes, bonitas, dignas de serem ouvidas e lidas pela creatura mais exigente.

E esse segredo, possuem-no os francêses. Com especialidade, no genero de theatro. São admiraveis, mestres!...

No senhor, reconheço essa particularidade, creia.

"TOPAZE", uma das peças que ahi representou a artista Amelia Rey-Colaço, não é nenhum primor da lingua francêsa. Essa, é uma peça commum, muito aquem daquillo que é o theatro francês. Para tal, basta ver a critica parisiense, dessa occasião.

Não desfazendo em absoluto no valor de Amelia Rey-Colaço, venho contrapôr artistas francêses desse quilate, que vivem em Paris, em grande numero!

Se, em Paris, a gente não gosta da peça, precisa sem duvida reconhecer o grande merito dos artistas, pois que o publico, é deveras exigente, não admittindo pseudo-actores...

Tambem um artista (citâmos o Chevalier) é extremamente admirado por toda a sociedade, sendo considerado bastante em todo o paiz.

Se um desses artistas mandasse uma filha para o Collegio Sion (ou melhor ainda), até lhe agradeceriam os directores do estabelecimento, a preferencia com que fôram distinguidos.

Entretanto, em pleno Rio, o Sion tem a petulancia de recusar como alumna, a filha do Procopio!

Não acha que é um desafôro aos brios de um artista?

Admirador como sempre, — *Luis Erbon*."

SOLANGE SOREL (Capital) — E' preciso repetir que as cartas, para os graphologos, têm uma physionomia distincta como as das photographias. O graphologo, atravês de uma graphia, vê nitidamente o seu autor ou autora. E assim, sympathiza ou antipathiza com quem escreve.

E' curioso, não é? Mas é verdade. E' verdade. Dahi o motivo porque ás vezes o graphologo se sente bem em responder e outros nada responde, por se sentir mal.

No seu caso, eu reflecti antes. Que fazer? V. Ex. é muito desconfiada. Não me deu o seu nome verdadeiro. Seria logico, só porque a sua graphia não revela uma creatura inferior, fizesse o seu estudo, na ausencia de um detalhe importante? Não.

E ahi está porque, a despeito da minha bôa vontade, não posso attender o seu pedido

LIA (?) — Aqui está a sua carta postal, escripta á tinta rôxa. Escrever com tinta rôxa quer dizer: "talvez te escreva...." Coherente com a significação de tal symbolo, devo dizer: talvez creia no que me diz, com tinta rôxa. Talvez que a autora de sua carta seja realmente um... barbado...

Percebeu? Não creio que essa declaração amorosa seja feita por uma jovem bonita, como diz, mas por jovem de barbas e bigodes, como eu.

Nem mesmo posso acreditar no seu retrato, na photographia que me promette enviar. Si me vae remetter alguma de artista de cinema, como uma que se assignava *Larme sombre*, perderá o latim e o tempo, porque aqui na Empresa temos a SELECTA, excellente revista cinematographica.

Em todo caso, esperemos. Mande-me a sua photo.

MARGARIDA (Minas) — Não posso fazer reclame do *rouge* a que se refere. Mande-me o seu endereço particular e eu lhe direi o preço e onde se vende o artigo que deseja obter.

MIRASOL (Capital) — Ora, nem duvide! Encontral-o-á, com absoluta certeza, na Livraria Francisco Alves, á Rua do Ouvidor, 166, onde tambem achará toda e qualquer obra didactica e de litteratura.

YVES.

# :: Um Espirito Methodico ::

(COMEDIA BREVE)

De PAUL VERLAY

*Personagens: Monette, vinte e nove annos. Henrique, marido de Monette, trinta e cinco annos.*

*São nove horas. Monette entra no escriptorio de seu marido, com essa expressão séria, propria de seus dias de grande preoccupação. Henrique, já habituado a essas grandes manifestações, não parece impressionado. A unica cousa que deseja é que sua mulher não o interrompa por muito tempo em seu trabalho. Mas, sendo, como é, um homem muito bondoso e de uma grande indulgencia, e gostando muito da esposa, a acolhe com um sorriso, attento ao que ella vae communicar-lhe.*

*Monette.* — Henrique, acabo de reflectir muito seriamente...

*Henrique.* — Sobre que, querida?

*Monette.* — E' preciso que comecemos a fazer economia. Nossos gastos devem ser reduzidos... Eu, por exemplo, posso realizar verdadeiros milagres no capitulo de minha *toilette*, e quero que saibas do que sou capaz de fazer...

*Henrique.* — Declaro-me prompto a seguir-te nesse caminho, e te asseguro que cada vez te admiro mais.

*Monette (repellindo, com modestia, os elogios de seu marido).* — Não, não... Espera que te haja explicado tudo... Depois julgarás...

*Henrique (acommodando-se em sua poltrona, para escutal-a).* — Vejamos, então, esses projectos...

*Monette.* — Oh! Por emquanto começarei pelos pequenos detalhes... Notaste que a repetição destes constitue depois as coisas mais importantes?

*Henrique.* — Com effeito.

*Monette.* — Pois bem: tu sabes que preciso de um chapéo de primavera, ou, o que é o mesmo, para começar a estação. Um chapéozinho para tudo (sou tão pouco mundana!), simples, sóbrio, mas bastante elegante, para poder, tambem, fazer visitas com elle... Já estive em casa de varias modistas, e sabes quanto deveria gastar para comprar um? Nada menos de cento e cincoenta francos! E ainda por este preço, que pensas que conseguiria? Quasi nada...

*Henrique.* — E', na verdade, alarmante... Então resolveste passar sem chapéo?...

*Monette.* — Ah, não! Acho que tu não o permittirias. Pois bem: eu mesma fabricarei um.

*Henrique (com desconfiança).* — E saberás fazel-o?

*Monette.* — Póde ser que a principio não pudesse fazel-o sózinha. Mas, já tenho meu plano feito: nossa vizinha, a senhorita Mauberg, confecciona todos os seus. Convidal-a-ei gentilmente a que venha tomar chá comnosco. Si approvas, até poderiamos convidal-a para jantar. Ella se sentirá honrada, e, de resto, é uma moça bem sympathica. Depois, lhe pedirei seu conselho sobre a confecção de um chapéo, e ella m'o dará...

*Henrique (que não prestou attenção).* — Ah, sim! Com effeito... Ella indicará a melhor maneira de fazel-o e...

*Monette.* — E' indubitavel. Apenas devo começar comprando o necessario.

*Henrique (procurando apparentar interesse).* — De certo... Eu já pensava que deverias *começar* por ahi...

*Monette.* — Pois, para *minhas* compras, uma tarde me bastará. Encontram-se cousas maravilhosas na rua Lafayette. E' um pouco longe, é certo, mas eu faria uma grande economia comprando alli o de que necessitasse. Preciso *tambem* de uma *aigrette*, que collocarei no chapéo quando quizer tornal-o mais elegante, uma vez que, como sabes, me servirá para dois fins. Para conseguir uma *aigrette* de preço razoavel, é preciso ir á rua de Saint-Jacques. Alli ha uma pequena casa que, não pagando muitos impostos, póde vendel-as barato. E quando não colloque a *aigrette* no chapéo, precisarei de um broche de prata cinzelada. E este só poderei encontrar no *boulevard des Italiens*. Tomarei um taxi para ir até alli... Trata-se de não perder tempo.

*Henrique (resolvido e approvar*


**FON-FON**

**Revista Semanal Illustrada**

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0877
Administração: C. 4186 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno ........ 48$000
Semestre ........ 26$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

*tudo).* — Como tudo combinaste bem!

*Monette.* — Sim. E estou muito satisfeita de ter arranjado as cousas desta fórma. Creio que sou muito methodica, condição que falta á generalidade das mulheres, e que julgo ter em alto grão. Ha apenas um detalhe que me inquietou por um momento. Mas, tambem, já o resolvi.

*Henrique (lançando um olhar para sua mesa, onde o espera seu trabalho).* — E esse seria?...

*Monette.* — Verás. Pensava em nosso pequeno Riri. Não é possivel que deixe só o menino com essa criada nova e de pouca confiança que temos. Elle ainda não a conhece bem, e estou certa de que choraria toda a tarde. E eu, por minha vez, ficaria preoccupada, ner-

## Um espirito methodico

*(Conclusão)*

* * *

vosa, e não poderia entregar-me tranquillamente a minhas compras, como é preciso. Bem sabes que quando não se tem o espirito livre...

*Henrique (com expressão melancolica).* — Ah, sim! Já o sei...

*Monette.* — Pois bem. Pedi á filha do porteiro, que é uma menina muito ajuizada, que leve, nessa tarde, Riri ao "Guignol Lyonnais". Eu pagarei as duas entradas, como é natural. Depois irá com elle a alguma confeitaria tomar chá e, assim, por volta das sete horas, estará de regresso. Darei algum presentezinho á menina, para agradecer-lhe a attenção. Que tal achas o meu plano.

*Henrique.* — Acho-o inspirado na propria sabedoria. E desde já me sinto curioso por ver a obra de arte que sahirá de tuas mãos.

*Monette (sorrindo com ar entendido e confiante).* — Meu querido; não é para elogiar-me, mas considero que onde existe um pensamento salvador, tambem existem os meios de realizal-o. E' o que esquecem tantas mulheres.

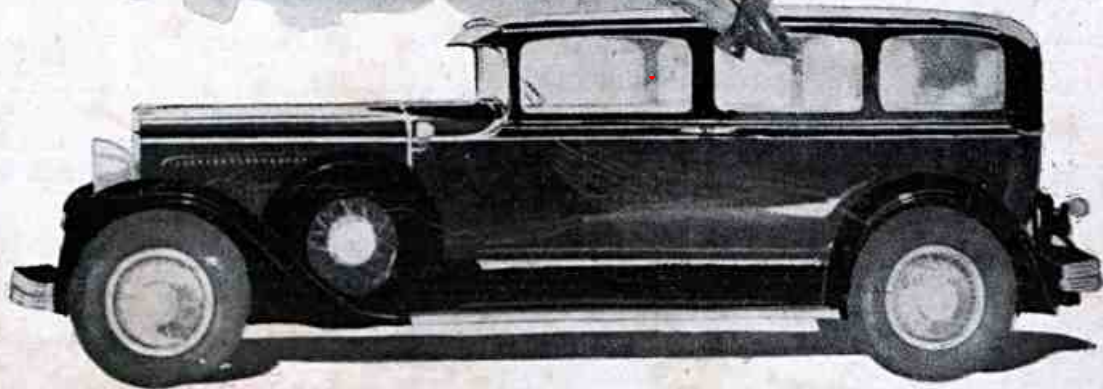
* * *

*Oito dias depois: durante toda a semana levou Monette uma vida extenuante. Passou tres tardes em compras, trocando e devolvendo enfeites. A senhorita Mauberg tomou quatro vezes o chá com ella, e jantou duas noites em casa de Monette. E no dia em que Monette se decidiu a solicitar seu concurso para a confecção do chapéo, a senhorita Mauberg se sentiu subitamente atacada de enxaqueca, retirando-se cedo e só podendo dar-lhe algumas vagas indicações.*

*Riri passou uma tarde muito divertida no "Guignol", em companhia da filha do porteiro, que recebeu, além disso, um lindo collar. Durante as outras duas tardes, Henrique foi obrigado a cuidar do menino, o qual entornou um tinteiro sobre uns papeis seus de importancia. Monette trabalhou febrilmente e no maior mysterio durante cinco noites, nas quaes não cantou nem riu como de costume. E quando, por fim, quiz Henrique ver o resultado de tantas agitações, despesas e trabalhos, respondeu ella, com a maior naturalidade deste mundo, e como si se tratasse de algum pequeno episodio sem importancia e já quasi esquecido:*

*Monette.* — Ah, sim!... Aquelle chapéo de que te falei... Que espirito detalhista tens para te recordar dessas cousas pueris!... Com a fazenda que comprei fabriquei uma almofada deliciosa para meu boudoir. A *aigrette*, eu a dei á mamãe, pois, na realidade, a mim me fazia muito velha... Quanto ao broche, me veiu ás mil maravilhas para minha nova blusa... E hoje comprei um chapéozinho encantador, na *rue de la Paix*, por cento e quarenta e nove francos... Baixaram multissimo os preços... e sei que dentro em pouco haverá novas liquidações...

**M. C.**

Só mesmo um **Chrysler Imperial** póde rivalisar com o esplendor da belleza feminina !

Unicos distribuidores :

**AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S/A**

AV. RIO BRANCO, 247 — TELS. CENTRAL 1744-2407

# DELICADEZA

De Hermino Lyra

TINHA Asterio antipathia por Laura; a esta nada agradava aquelle. Antipathizavam-se sem saber por que. Explica-se a antipathia do milhafre com o corvo? E a antipathia entre certas plantas, como se explica? Não se sabe? Pois, assim, tambem não o sabiam elles; mas o certo é que, quando se encontravam, baixavam os olhos ou voltavam-nos para o lado opposto.

Encontram-se uma vez em certa reunião familiar. Confia Laura a donairosa amiguinha sua aversão por aquelle individuo.

— Antipathia por Asterio?

Ri-se a senhorinha Stella gostosamente, e prosegue:

— Ouve, filha, aquelle é o homem mais bem educado que já encontrei em minha vida. Como é possivel antipathizar-se com Asterio?! Já falaste com elle?

— Não. Nunca.

— E' por isso... E que dois!... Tu, a menina mais meiga que já conheci; Asterio, o typo mais delicado que existir póde: como é possivel não ficarem os dois muito amiguinhos, uma vez que se falem e se conheçam?!

— Não sei. Não gosto delle.

— Verás...

Procura Stella falar a Asterio, e opportunamente trata da pessoa de Laura.

— Rapariga enjôada... aquella tua amiga; não achas, Stella?

— Enjôada?! Enjôada... por que?

— Não sei. Não gosto della.

— Porque nunca tratatse com ella.

— Póde ser; mas aquella agua-morna não me entra!...

— Queres saber de uma cousa, Asterio? Laura é a mulher mais meiga, mais bondosa que já conheci em minha vida; por isso penso que, no momento de se falarem, como vae acontecer breve, ficarão doidinhos um pelo outro. Essa antipathia entre duas joias... até tem graça!

— Queres saber de uma cousa, Stella? Eu até dispensava a apresentação.

— Não é possivel: tens alguma informação mal averiguada acerca de minha amiguinha.

— Nada disso. Não gosto della... Acabou-se!

— Então vaes dissipar as trevas da antipathia, e é já.

Faz um aceno a Laura, e esta aproxima-se.

— Minha prezada amiga, quero ter a honra de te apresentar á pessôa de quem tratámos, ha pouco. Verão que raramente se approximam duas pessôas tão dignas uma da outra em todos os sentidos.

Asterio estira-lhe a dextra; Laura aperta-lha nervosamente. Sorri Asterio: é o sorriso mais bello que já vira Laura em labios masculinos; com os olhos, esta envolve-o numa onda de luz, que o deixa estonteado.

— Honra-me conhecêl-a.

— Igualmente, murmura a joven.

Stella deixa-os meio perplexos, algum tanto atrapalhados, aproxima-se do noivo, conta-lhe tudo, e ella e o noivo ficam observando os recem-apresentados.

Na realidade, estavam ambos muito embaraçados, falavam confusamente, e quasi se não entendiam: estranho acanhamento apoderára-se delles, mas pouco a pouco se vão acalmando, olhando-se com mais franqueza, mais confiança; passaram a conversar com certa familiaridade, a experimentar mais prazer na palestra, e dali a pouco, parecendo amigos de longa data, terminam por se apreciar mutuamente.

* * *

Em casa, na tranquillidade do lar, ri-se intimamente Laura da antipathia por Asterio sem razão plausivel; ri-se, e commenta de si para si — como é differente daquillo que imaginava ella: como é bem educado, como é gentil!...

Em seu quarto, a fumar descuidoso um cigarro perfumado, a acompanhar um filete que fizéra a fumaça, commenta Asterio de si para si — como á Laura differente daquillo que imaginava elle: como é meiga, como é bôa; uma joia, uma bellezinha...

E assim, ambos pensando sempre um no outro, acabam por se enamorar, por se possuir de grande affecto. E, assim, gostando tanto um do outro, acabam por contractar casamento.

Casam-se, e consideram-se felicissimos. Felicissimos, procurando Laura ser cada vez mais meiga para com o esposo; procurando Asterio ser cada vez mais delicado para com a esposa.

Alguns dias e propositadamente chega elle mais tarde em casa; ella, porém, nunca reclama a demora. Nunca reclama, até que uma vez não se contém o esposo, e se lhe queixa:

— Por que não reclamas nunca quando chego mais tarde? Posso chegar á hora que entender... nada dizes! Não te comprehendo! Parece falta de zelo por teu maridinho!

— Querias que reclamasse? Nada tenho a reclamar... Si demoras mais na rua, é porque naturalmente tens necessidade de o fazer... Não és nenhuma criança para eu te estar pedindo contas do tempo que gastas na rua...

— Sempre bôazinha!...

* * *

Tem Asterio o habito antigo de se levantar muito cêdo. A's quatro horas da manhã faz elle proprio um cafézinho cheiroso, gostoso, enche duas chicaras pequeninas, leva-as para o dormitorio, e elle e a gentil esposa, a palestrar amistosamente, em pequeninos goles sorvem a bebida fumegante.

Em seguida, vae fazer seu passeio matinal no bairro.

Dizem as más linguas, quando Asterio sáe pela madrugada, vae em visita a outra casa onde reside a amante com quem divide o tempo que devêra reservar s para a esposa; dizem ter esposa e amante, entre as quaes esparge as bondades de sua alma privilegiada; dizem por não achar outra explicação para a extravagancia dos passeios matutinos; e um seu vizinho, estroina inveterado, enredador confesso, muitas vezes não dorme para lhe acompanhar os passos e tirar a limpo a historia da amante que ninguem conhece.

Certo é que a esposa em nada acredita a não ser no amor do esposo; nada deseja a não ser a perpe

## DELICADEZA

(Conclusão)

tuidade da delicadeza delle para com ella; só isso aspira no mundo; isso e mais nada.

Um dia vae por á prova a delicadeza do esposo amado.

— Asterio, quero ir hoje ao Municipal ouvir a partitura do "Guarany".

Não tens compromisso algum?

— Não. Ainda que tivesse! Nunca sáes; não seria justo deixar de sahir comtigo hoje, quando mostras desejos de ir ao Municipal. Vou entrajar-me.

— Eu tambem. E as poltronas?

— Não te dê isso cuidados. Compro-as ao cambista.

Entrajam-se.

— Estou ás tuas ordens, Laura.

— Sabes? Já ouvi o "Guarany". Não quero ir. Arrependi-me.

— Está bem. Vou vestir meu pyjama e descansar então, porque trabalhei hoje, como não o faço, ha muito tempo.

Troca elle de roupa; ella, tambem.

— Sabes, Asterio? Estou hoje tão indecisa!... Quero ir, sim.

— Está bem, minha joia. Vou entrajar-me outra vez.

Entraja-se Asterio de novo; de novo se paramenta Laura.

Estamos um casal elegante!

— Achas, meu marido?

— Então!... Tú és linda como o lirio do campo, tens o frescor da açucena, possues um espirito brilhante e o corpo esbelto; eu, como vês, não sou nenhum caxingueie!

— Bem bonito homem és tu...

— Achas?

— Então!... Mas, com franqueza, não quero ir!

— Já não queres ir?

— Não.

— Vou ao pyjama novamente.

Troca elle de roupa; fica a senhora com trajo proprio de theatro lyrico.

Quando reapparece o marido disposto a descansar, resolve ella outra vez:

— Definitivamente, vamos ao Municipal.

— Pois vamos, minha flôr. Vou novamente envergar a casaca.

— Não vás! Nunca vi, nem é possivel existir no mundo outro homem tão bem educado como tu; não é possivel! Outro homem qualquer, na segunda vez que eu desistisse de ir ao theatro, no minimo daria um murro na secretaria.

Sorri, envaidado pelos elogios da esposa:

— Estavas me experimentando...

— Sim: experimentando tua delicadeza.

---

**Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.**

---

# O espirito da pyramide

DE JOSÈ LUIS LANUZA

UNS morenos de turbantes brancos, que levavam sobre a tunica uma tricota vermelha com quatro letras brancas: Cook, carregavam as maletas de Fanny e de sua tia. Um homemzinho calvo, de oculos, chamava os passageiros que, guiados por essa agencia, iam conhecer Alexandria:

— Cuc, cuc, cuc...

— Assim chamam as gallinhas em meu paiz.

Rodrigo inclinou-se deante da velha tia. Extendeu a mão á inglezinha.

Assaltou-os uma multidão que vendia cigarros, antiguidades, *made in Germany*, bengalas de malaca. O dragomão, o encantador de serpentes, o tragador de espadas, o occultador de palitos, o vomitador de serpentinas... Um guarda dissolveu-os a cacete.

— Breve nos encontraremos no Cairo.

— Vamos vêr — disse sua pequena bocca rubra.

E seus grandes olhos amarellos:

— Procure-me.

VALIA a pena procurar a inglezinha. Rodrigo achava graça no seu enthusiasmo pela terra dos pharaós. Na pôpa do *Cleopatra*, onde teve inicio sua amizade de viagem, ella se alegrava sonhando em chegar a um paiz maravilhoso. A helice fazia trepidar o navio como um caminhão que corresse sobre um calçamento incerto.

Descobria vagos symbolos na espuma, onde Rodrigo não via sinão a esteira.

Lia novellas inglezas chamadas *A princeza do lodo branco*, ou *Os quatro vasos de alabastro*. E pensava que, no interior da grande pyramide, se podiam conservar segredos maravilhosos.

Rodrigo divertia-se contemplando seus olhos amarellos. Depois, o ruido do mar lhe recordava paizagens de outros logares. Novamente via cidades que conhecêra em sua vida de estudante, de consul, de touriste. E no fundo de tudo reviviam as quatro ou cinco recordações de diversas côres que conservava de Honduras, sua cidade natal.

Umas paredes brancas do pateo de sua casa, um verde portão colonial, uns olhos negros, uns crepusculos excessivamente rubros...

POZ-SE a caminhar pelas ruas do Cairo, em meio de um montão de tunicas de côres; de mulheres vestidas de negro, com um véo debaixo dos olhos como para que os olhares produzissem mais affecto. Dobrou em uma avenida com grandes hoteis, casas luxuosas.

Olhava através de seus oculos redondos, de imitação de carey, sem se admirar muito do que não vira até então, e sem se aborrecer muito do que já tinha visto demais. Deteve-se para deixar passar uma caravana de camellos.

Iam e vinham uns senhores morenos, vestidos correctamente á européa, mas que não abandonavam seu vermelho *turbuch* nem para cumprimentar nem para comer. Alguns levavam carteiras de couro debaixo do braço. Procurava descobrir nelles um medico, um politico, um advogado, porque pensava:

"Não é necessario crêr que nesta cidade d'*As mil e uma noites* todos os habitantes hão de ser os protagonistas de uma historia maravilhosa."

Deante das vitrinas das *Galeries Lafayette* esteve na immi-

cia de ser atropelado por um automovel. Olhou um velho carregado com um odre que vendia agua assucarada, e sentou-se a uma pequena mesa na calçada de um bar. Falava bem o idioma internacional dos forasteiros. Pediu um *manhattan* ao *garçon* toucado com um turbante. Perto delle *o filho* do Sheik, tal como o vemos no cinema, vestido com tunica de sêda, tomava um *cocktail* e mandava engraxar os sapatos.

Repelliu o homem que lhe offerecia pasteis, e que lhe mostrou mysteriosamente um vaso de terracota; repelliu o mendigo de olhos repugnantes, o homezinho que lhe offerecia bellezas do paiz, e os meninos que extendiam as mãos sorrindo:

— Bachich, bachich...

•

ENCONTROU Fanny e sua tia em um desses grandes hoteis cosmopolitas onde os Don Juan dos transatlanticos conhecem as viajantes dos *sleepingcars*. O "Continental". Depois de comer, se sentaram no terraço, para tomar café.

A inglezinha estava encantada com seus descobrimentos egypcios. A tia, exhausta de cansaço. Haviam corrido todo o dia, para poder acompanhar a velocidade de seu guia.

— Esta manhã visitamos o Museu de Antiguidades, a mesquita de Açafar, a cidadella, a mesquita de Mohamed Alí...

A tia observou que não haviam posto colherinhas para mexer o café. — ...as tumbas dos califas, e, á tarde, a mesquita de Omar, o nilometro, as egrejas coptas, os bazares...

— E' uma vantagem não ter collerinha — explicou-lhe Rodrigo. — Si mexesse seu café á turca o estragaria.

— Amanhã iremos ás pyramides, á esphinge, a Memphis, a Heliópolis...

A tia velha fez um gesto de desesperação.

— Amanhã, não. E' melhor descansar.

Fanny não comprehendia como podia uma pessôa cansar da excursão de um dia.

— Tenho que ir amanhã de qual quer maneira.

Elle se offereceu para acompanhal-a. A tia consentiu immediatamente.

— Mas não iremos tão depressa. Iremos a Ghizé: conheceremos as pyramides, averiguaremos si é verdade que terminam em ponta, e depois *interrogaremos a esphinge*, como dizem os poetas de meu paiz.

Rodrigo tinha varias pequenas manias, que constituiam sua intimidade. Uma dellas era a de responsabilizar os poetas de Honduras por todas as idéas que lhe parecessem um pouco disparatadas.

# O Espirito da Pyramide

*(Conclusão)*

Fanny estava contente. Sua perna cruzada balanceava uma meia de sêda e um sapato n.° 39. Seus olhos amarellos brilhavam de alegria.

•

A inglezinha olhava as cousas surprehendida. O auto atravessou os bairros dos egypcios pobres, felizes com um pedaço de canna de assucar ou com uma talhada de sandia. Seguiu por uma avenida arborizada, deixou atraz um bonde electrico, um camello carregado de bolsas, um omnibus cheio de touristes, uma tropa de asnos...

De longe, por entre as arvores, se viam as tres pyramides, como sentinellas do deserto.

Ella queria chegar ao pé das pyramides, não em automovel, mas em camello. Subiram em grandes camellos perto do Hotel "Mena House".

— Eu gostaria de voltar de noite, á luz da lua — dizia ella.

— Bem. Dizem que no interior da grande pyramide ha um espirito que attrae os namorados.

Elle olhava seu corpo elegante, um pouco sacudido pelo trote do animal.

Olhava os amontoamentos de pedra sem assombro.

Pensava:

"Eu quizera encontrar algo extraordinario nestas maravilhas do mundo. No entanto, as revistas as carteiras de cigarros, os *affiches* de reclame já me diziam que não eram mais que assim."

Outros touristes se approximavam em camellos, em asnos, em automoveis, em pequenos coches. Liam nas guias os dados de Herodoto: a quantidade de pedras que se accumularam, o numero de operarios que moveram as pedras, a quantidade de pães e cebolas que os operarios comeram, garrotes que se quebraram sobre seus hombros. Liam, depois, a phrase de Napoleão a seus soldados:

"Do alto destas pyramides quarenta seculos vos contemplam."

Alguns touristes faziam a conta de que a elles contemplavam quarenta e um seculos. E se iam muitos satisfeitos.

Outros entravam, por um buraco, para o interior da grande pyramide.

— Entremos — disse Rodrigo — Attrae-me o espirito da pyramide. — Conhece a lenda da rainha Neferkita?

Subiram duas ou tres grades e entraram em um corredor estreito onde os guias se communicavam a gritos. O que os precedia accendeu uma pequena tocha. Dobraram á direita por um corredor ainda mais estreito, empinando para cima. Subiram por uma rudimentar escada. O guia com sua tocha, Fanny, e por ultimo Rodrigo. O tecto do corredor era tão baixo, que tinham que subir abaixados. A respiração se tornava difficultosa.

— Não soffre do coração? — perguntou elle.

— Não. E você?

Atraz da tocha, umas sombras moveis acariciavam o vestido da inglezinha.

— Eu tenho o coração destroçado.

O riso de Fanny parecia querer derribar aquella montanha de pedra. Chegaram á camara do Rei. Por algum cano que não viam, entrava um pouco de ar. As toneladas de pedra que os separavam do mundo exterior pesavam silenciosa e obscuramente sobre a camara do Rei.

Fanny estava cheia de assombro. Prendia-se ao braço de Rodrigo.

O guia abandonou o seu sorriso de dentes brancos, fez uma cara má e exigiu o preço combinado. Recebeu umas piastras. Tirou do bolso de sua tunica um fio de magnesio.

— Espere um momento. Primeiro vamos vêr a escuridão.

Para derretir seus escrupulos lhe poz nas mãos uma moeda nova, que brilhou á luz da chamma e se reflectiu, pequenina, nos olhos do arabe. Tomou-lhe a tocha e a apagou contra a parede junto á Fanny.

A escuridão cahiu sobre elles um instante. Quando o guia accendeu seu arame de magnesio, suas sombras se separaram violentamente e banharam as paredes da camara. Uma camara quadrangular, completamente vazia, formada por pedras enormes, e cheia de uma forte luz branca.

As tres sombras se estiravam pelas paredes.

Ella tirou da carteira um espelhinho e um lapis vermelho.

— Esses blocos — disse o guia, mastigando um francez de algibeira — são — monolitos de pedra e de uma só peça.

•

UMA vez fóra, Fanny abriu bem seus olhos amarellos, que brilharam mais formosos que nunca. E disse, com *coqueterie:*

— Agora vamos consultar a esphinge.

M.

# Companhia Hamburgueza

## Sul-Americana

Hamburg - Südamerikanische - Dampfschiffahrts - Gesselchaft

Serviço rapido entre Europa, Brasil e Rio da Prata com os conhecidos paquetes de luxo

CAP POLONIO

CAP NORTE

ANTONIO DELFINO

e com os novos paquetes motores

MONTE OLIVIA

MONTE SARMIENTO

e o grandioso e rapidissimo paquete de luxo

CAP ARCONA

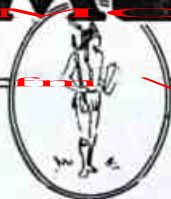
DO BRASIL A' EUROPA EM 9 DIAS!

---

Peçam itinerarios e tarifas aos agentes geraes

THEODOR WILLE & C.

Av. Rio Branco, 79 — Tel. Norte 1582

RIO DE JANEIRO

# Escrava voluntaria

*Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.*

*Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".*

*Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.*

ANNO XXIII

# FON-FON

NUMERO 27

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 6 de Julho de 1929.

# O OITIZEIRO DO ROSARIO

VELHO oitizeiro, contemporaneo da fundação de minha terra natal, ninguem te cantou a vida secular nem a morte breve. Não houve um Affonso Arinos para louvar a tua solennidade verde e triste como a do Buriti Perdido, testemunha impassivel das bandeiras. E o impiedoso machado municipal para sempre te abateu em beneficio do deus moderno das cidades trepidantes o trafego.

Quando tu nasceste, brotando timido do solo arenoso, a villa do Forte compunha-se duma rua torcicollosa emparelhada ao curso do Pajehú. Aqui e alli, sahia uma betesga de mocambos e casebres de taipa. A capella do Rosario, caiada de novo, dava-te as costas com desdem. Cresceste, cresceste. A capella tornou-se egreja e a tua copa chegou á altura do seu telhado. Por cima dos cercados e das ateiras, vias para os lados do Garrote a copa historica do Cajueiro do Fagundes, que Luis da Motta Feó e Torres haveria de querer botar abaixo para recuar deante do povo assanhado e feroz. E ereis as duas arvores tradicionaes da cidade que se ia formando.

O cajueiro, que era o açougue do burgo antigo, morreu. Tu continuaste a crescer, a deitar raizes, a augmentar a fronde no meio dos casebres barrigudos e escuros. Viste a displicencia de Koster sentado ao luar numa das calçadas da praça proxima. Ouviste o murmurar do taciturno governador Sampaio. Avistaste Robim, vendendo as alfaias antes de partir para o Reino. E estremeceste ás vozes de commando, em dias de parada, de Conrado Jacob de Niemeyer.

A vida da minha querida Fortaleza foi crescendo comtigo, lentamente, sob o sorriso azul do céo, alegre nas invernias, melancolica nas seccas assassinas. E eras como um pastor no meio do teu rebanho, agitado ao vento do mar como uma grande bandeira.

Oitizeiro velho, toda a gente te conhecia e tu conhecias toda a gente. Não era no teu tronco que o padre Verdeixa amarrava o cavallo para ir insultar em voz alta, sob as sacadas do palacio presidencial, o padre José Martiniano de Alencar? Não te agitou a ramaria, certa noite, aquelle grande estrondo do bacamarte que matou o major Facundo? As tuas folhas mais altas não presenciaram por cima dos telhados pardacentos o

enforcamento dos negros do brigue Laura?

Durante longo tempo, a melhor escola da cidade funccionou na tua vizinhança. Ouvias, recolhido, a cantilena monotona das crianças, decorando a cartilha e a taboada. Do outro lado, era o quartel da policia.

E, quando os bôlos da palmatoria estalavam e os gemidos e os lamentos cortavam o ar, não sabias si era o decurião quem castigava os pobres meninos, ou si era o delegado quem mandava bater nos escravos faltosos, nas rameiras infelizes e nos vagabundos incorrigiveis. Mas os teus ramos recolhiam caladamente aquella dôr que vibrava no espaço.

A cidade que viste nascer pôz-se moça e tornou-se mulher. Em logar de casas de taipa barriguda, alevantaram-se os sobrados. O arrojo dos primeiros arranha-céos espantou a tua altura vigorosa. E os automoveis fonfonantes reclamaram a tua quéda — porque lhes estorvavas, meu velho amigo de infancia, as suas curvas velozes. Não houve voz, não houve pedido, não houve protesto que te salvasse. O progresso mandou que te puzessem abaixo. E tu, que perderas a grade protectora posta pela bondosa Camara Municipal de 1877, que fôras amputado varias vezes — porque já estragavas as fachadas lateraes, cortado, recortado em achas, queimaste a fogo lento nas cozinhas da Santa Casa da Misericordia.

Quando eu era menino, a rua onde estavas era a rua do Oitizeiro e a do teu irmão, que desafiou as iras de Feó e Torres, se chamava do Cajueiro. Hoje, têm nomes de doutores ou de coronéis. Sei lá! Entretanto, tu fôste maior, mais bello, mais amigo da tua terra e mais nobre do que os coronéis e os doutores. Altivo, possante como elles nunca physicamente fôram, déste frutos e déste sombra, coisas que muitos raros dentre elles têm dado. Na nobreza do teu silencio, nunca tiveste mêdo — nem das granadas da deposição de José Clarindo, nem das balas de riffle da deposição do Accioly. E, sem um queixume, ainda depois de morto, com o teu corpo secular cozinhaste o caldo dos enfermos e dos pobres!

Velho oitizeiro, contemporaneo de Oyenhausen e de Montaury, de Pires da Motta e de Ferreira Boticario, bem felizes seriam os homens si se parecessem comtigo!

JOÃO DO NORTE

O Club Militar, solemnizando a passagem da data de sua fundação, realizou, quarta-feira penultima, uma sessão magna, na qual foi empossada a sua nova directoria, e offereceu, a seguir, um baile á sociedade presente. A essa festa, de tanto brilho mundano, compareceram o sr. ministro da Guerra, general Sezefredo dos Passos, e o representante do chefe da Nação, além de outras autoridades.

**NA** sala Rio Branco, do palacio do Itamaraty, realizou-se, quinta-feira penultima, a cerimonia da troca de ratificações do tratado de limites e communicações ferroviarias entre o nosso paiz e a Bolivia, assignado a 25 de dezembro do anno passado, no mesmo local. Representou a Bolivia nessa solennidade tão expressiva o sr. ministro Ismael Montes, enviado extraordinario de seu paiz junto ao nosso governo, tendo funccionado por parte do Brasil o sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira. E' um flagrante desse acto o que focaliza a photographia acima.

## LAUREAS ACADEMICAS

O salão nobre do nosso "Petit Trianon", esteve, no sabbado ultimo, repleto, pois, nessa noite, em sessão solemne, a Academia Brasileira de Letras distribuia os premios aos concursos literarios de 1928.

Depois da saudação, de rara belleza, proferida pelo presidente Fernando de Magalhães, a assistencia festejou, com enthusiastica salva de palmas, Murillo Araujo, o poeta de *A illuminação da vida*; Jarbas de Carvalho, o comediographo fino de *Gente sensivel*, e nosso collega de *O Paiz*, e Mario Poppe, autor de *A cidade do amor*, e nosso querido e brilhante companheiro de FON-FON, os quaes, entre outros, receberam a laurea academica.

Em nome dos premiados, Murillo Araujo, o poeta maravilhoso dos Carrilhões, proferiu as formosas palavras que FON-FON traz para as suas columnas, prestando, desfarte, uma homenagem sincera ao seu talento:

"Uma palavra: Um agradecimento. Por mim e por todos os que trabalham na sombra e sem sonhar siquer recompensas.

SS. EEx. o sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Octavio Mangabeira, e o ministro da Bolivia, dr. Ismael Montes.

Premiando um delles, a Academia Brasileira deu a todos o premio da esperança. Coroando a musica do coração no rythmo da juventude e do tempo, ella mostrou que um raio de luz por minimo que seja tem para percorrer o infinito, tanto quanto os clarões dos maiores estrellas, e será visivel se achar o crystal de outra alma que possa reflectil-o ampliando-o.

A Academia quiz falar a todos os que adoram mais que a vida, a belleza, que poderão sorrir num minuto feliz pela belleza.

Quiz notar, a todos em vigilia de gloria, que em sua noite poderá sôar o carrilhão de uma hora clara.

Quiz lembrar aos que cruzam os mares solitarios do sonho que raia ás vezes sobre elles um arco-iris dentre as aguas...

Obrigado por mim, porque a Academia me tomou como um soldado desconhecido da Poesia, honrando um instante sob o Arco do Triumpho.

Obrigado por todos porque ella, assim, não quiz traçar um symbolo morto em honra dos mortos; mas quiz trazer um estimulo de vida aos que querem viver e vencer".

# A ultima salvação...

— Si alguma cousa se puder salvar,
que salvareis primeiro, o passado? o futuro?
Nem é preciso consultar Platão,
nem ouvir Epicuro...
Si fôr mesmo preciso consultar,
consulta o coração,
si alguma se puder salvar.

— Si alguma cousa se puder salvar,
salve-se, antes de tudo, o seu amor,
que foi o meu primeiro bem perdido...
Salve-se o seu amor, pela confiança
no meu, que, despertado, ou renascido,
não quer reconquistal-a, nem possuil-a
(ser feliz, que esperança!),
mas, só, neutralizar-lhe o seu rancor:

E, assim, no instante de morrer, eu creio
que ella comprehende tudo, e está tranquilla.
E, sobre a solidão que me rodeia,
ella vê, ella escuta, omnipresente,
e me sabe innocente
(a ultima salvação do peccador!)
e me assiste morrer serenamente
pensando em seu amor...

4-9-926.

# E VANIDADE...

## NEVOAS E ROSAS

DEL mezzo del camin di nostra vita...

Ahi está! Conhecem os senhores a sensação amarga de acordar, n'um dia triste, vestido de nevoa, — a tunica de Nessus da natureza — e perceberem que estão no meio da propria vida?

O meio da nossa vida é essa idade dubia, em que ha em nossa cabeça reflexos de uma mocidade que se extingue, lentamente, como um sol nas purpuras quentes do occaso, e as primeiras sombras de uma noite que vem perto — a noite fria da velhice, tão parecida com a da Eternidade.

Como é triste esse meio do caminho da vida!

* * *

Pois, meus senhores, eu venho assim como um pobre viajor, um peregrino errante e fatigado. Tem sido longa a minha penosa jornada. De pousada em pousada, como se diz nos contos de fadas, durmo hoje com o clarão das estrellas e acordo com as brumas de um dia de inverno, ou com o sol de uma manhã de verão.

voas e rosas — rosas do meu jardim, que se apagam na brancura das nevoas — me recorda uma outra manhã em que eu mal começava a viver...

Vinha pela vida como uma borboleta tonta de luz.

Em redor, tudo me parecia novo, cheio de um encantamento ainda não visto. E foi quando conheci tambem o meu primeiro amor fascinante!

Primeiro amor!

* * * O primeiro amor é uma coisa que vem e vae, sem a gente saber que o conquistou e perdeu. Só mais tarde, quando passamos em revista as nossas recordações mais remotas, é que vemos e distinguimos o nosso primeiro amor.

As saudades passam e repassam. E só ella, a saudade desse amor inicial, é que consola das

Mlle. Elisa Paes Barreto, da nossa alta sociedade, com o seu sorriso de belleza e de graça.

(Photo Annunciato)

E prosigo, sem saber para que — levando apenas a certeza terrivel de que caminho para uma outra vida distante.

Será ella melhor que a presente? Será peor?

* * *

Hoje acordei deante de um novo marco. Um marco semelhante a tantos outros que fui deixando atraz de mim com a tristeza dos meus passos perdidos.

A manhã não é linda. Está fria e enrolada na echarpe fina da nevoa. Essa nevoa me dá uma sensação de torpor, de magôa, de melancolia. Por que? Eu mesmo não sei definir o meu estado de alma. Mas sinto que um desalento profundo me invade e me absorve.

Ella, a manhã triste, cheia de nevoas — de nevoas e rosas...

outras, como uma grande dôr neutraliza a sensação de outras dôres mais fortes.

* * *

Como dizia, eu hoje acordei com uma fria manhã cheia de nevôas e de rosas, que recorda a manhã longinqua do meu primeiro amor. E tive uma sensação de torpor, de amargura e desalento sem fim.

Sinto que estou nel mezzo del camin di nostra vita. Para traz, é a vida passada, são os sonhos vividos, as alegrias gozadas; no presente, é o vazio, é a indecisão, é a mediania da vida: — um pouco de mocidade e a triste ameaça da velhice; para além... Ah, para além é a grande noite do indefinivel, do insondavel, do mysterio que martyriza e constrange!

E, então, comprehendo como me faz falta a moci-

MLLE. Inah da Rocha Werneck, uma figurinha de grande realce da nossa sociedade.

dade! E justifico, na solidão em que me vejo, o direito que têm os moços de amar, de aproveitar a sua juventude, com furor e sem pausa — pondo de lado o que é desusado e remoto.

* * *

Ah! meus senhores! Como é triste esta etapa da vida! A etapa que a separa do começo e do fim!

Como não se retorna ao começo, — o fim nos apavora — porque é a renuncia forçada de tudo que se ama.

CHARLA — Aqui está um episodio que os senhores poderão dizer que não é verdadeiro. No emtanto, elle é real como o Pão de Assucar, como a febre amarella e a crise que atravessamos.

O caso póde não ter graça, porque é um caso de amôr. Mas por isso mesmo é que deve ser contado com todos os pontos nos *i i*.

Havia em Botafogo tres melindrosas sapécas. Cada uma tinha tres namorados, que se ignoravam e amavam e eram amados, de accordo com a ordem do programma sentimental.

Na noite em que um delles apparecia na casa das tres pequenas, os outros dois, estavam de "folga" — embora ignorassem essa "folga", que era determinada pelas suas idéas.

Havia um namorado official, para cada uma, entre os tres que entretinham. Esse era o "noivo". Assim, ellas tinham, cada uma, um noivo official e dois namorados.

Acontece que o noivo tambem obedecia á sua ordem no programma. Tinha o seu dia marcado.

Mas o diabo é que não ha bem que sempre dure e mal... Os senhores sabem o resto do proverbio. Tantas o diabo fez que os namorados vieram a descobrir o *truc* das pequenas e resolveram acabar com aquella situação de amôres collectivos.

Reuniram-se todos, certa vez, e foram ter em commissão á casa das namoradas.

Os senhores podem imaginar o que occorreu. Houve sopapos, gritaria, descompusturas e, no fim de contas, as pequenas cahiram no chão com chilique.

Esqueci de dizer que a mãe das garotas tambem era um tanto sapéca. O pae abandonára a familia. Havia um irmão, cuja conducta era reprovavel. Aquillo era a *familia Fuzarca*.

No dia do turumbamba, os tres noivos officiaes tiveram de soccorrer as suas divas.

Assim que ellas cahiram no chão, a berrar, a estrebuchar, como loucas, os noivos foram ampará-las.

Serenada a tempestade, os noivos se reuniram na sala de recepção, emquanto as jovens sapécas entravam no regimen do bromureto de sodio e de agua de flôr de laranja.

No corredor, havia um "cardeal", um passaro que tem a cabeça vermelha, e trina com uma grande alegria, toda vez que vê as coisas pretas.

O cardeal cantava: "tiriri... tiriri... tiriri... ri... ri..."

Era meia-noite.

Um "cardeal" cantando áquella hora, era mesmo para chamar a attenção e suscitar commentarios.

Foi por isso que um dos noivos, profundamente desolado, suspirou:

— A unica "criatura" que se salva nesta casa é esse passarinho.

O outro noivo adeantou:

— E' o mais sério da casa.

O terceiro noivo completou:

— E isso mesmo porque está preso na gaiola.

OS HOMENS... AS MULHERES — Então! Como vae você?

— Eu, vou bem.

— Com essa cara?

— Que tem a minha cara?

— E' de missa de setimo dia.

— Não brinque, Melita. Você anda sempre a fazer pilherias. Cara de missa de setimo dia! Ora veja!

— Mas não é isso, Mauro? Você era um homem alegre. Era mesmo conhecido pelo seu espirito "blagueur". Em tudo via um motivo para fazer humorismo. No emtanto, agora.

Mauro atalhou:

— Agora mudei de attitude, não é?

— Não é só isso; está funebre. Parece uma casa mortuaria ambulante.

E com um riso vivido, sonóro como uma libra esterlina, batendo de encontro á face lisa de um marmore:

— Você, meu caro, anda apaixonado. Apaixonado nessa edade, em que os homens já ganharam experiencia no amor.

Mauro sorriu:

— Não diga tolice. Não ha experiencia para o amor.

— Como não ha? Então, você soffre hoje uma desillusão, porque foi confiante, digamos assim, e, um mez depois, soffre maior decepção por um motivo identico... E' lá concebivel tal coisa!

Mauro fitou os olhos claros de Melita, que sentara deante delle na "terrasse" do hotel cosmopolita. Depois, desviou o olhar para o mar, que espelhava o luar, numa tremulação de aço liquido.

— Vamos! Está sonhando com o luar?

— Não — disse Mauro — estou vendo a imagem do passado no pathetico esplendor dessa marinha maravilhosa.

— O passado?

— Sim. O luar é o maior evocador do passado. Mesmo quando a lua é nova

— Lembrou-se do seu tempo... Daquellas noites em que você e Yvonne iam pela beira-mar, *bras-dessus bras-dessous*, não é? Bem disse eu que você estava apaixonado.

Um silencio. E logo a voz abemolada de Melita:

— Mas ora, si você gosta da minha amiga...

— De Yvonne?

— Sim. De quem ha de ser? Si você gosta della.

e o que os separou foi apenas uma rusga ligeira de namorados, nada mais simples do que fazerem as pazes...

Mauro suspirou:

— As pazes!

— E por que não? Acha difficil?

Outro silencio.

— No amor não ha nada difficil nem facil. Porque tudo depende do coração. Quando este quer... tudo é possivel. Até o que não é possivel.

— Bôas!

— E' o que lhe digo.

— Mas si o seu coração a quer, por que então não volta?

— Por que o della não me quer mais.

— Como sabe disso? Ella já lh'o declarou?

— Não. A gente ama ou aborrece. Quando se ama, o amor é uma necessidade da vida, como o alimento, o somno, a agua...

— Basta! E depois?

— Quando se consegue passar sem esse amor, é porque...

ra-cota e de uma figura de Van Loo — que aliás são muito parecidas com aquellas trichromias da *Vie Parisienne*, que trazem umas lindas pernas de fóra, como si estivessem em Galveston...

A criaturinha passa e, com o perfume que deixa, — um perfume morno, mixto de olor de renda, de *lingerie*, de roupa nova e pó de arroz — deixa tambem uma interrogação a se torcer dentro da nossa curiosidade...

— Quem será essa mulher? (Vide soneto de Arvers). Ninguem nos responde, está claro, porque não é facil saber o nome de uma mulher que passa na multidão. De resto, quando fazemos tal pergunta é sempre mentalmente.

Ella passa, e a curiosidade se accende, como os pharóes da Avenida... dando passagem a outras que chegam... Mas a que passou, a gente não na esquece.

A gente fica gostando daquella criatura, que passa por nós, que não nos fita, que não sabe si existimos. Passam-se os dias, os mezes, os annos...

Ella amadurece como as uvas, e nós como os pecegos. Mas toda vez que a encontramos na rua,

«Miss Paraná» (Didi Caillet) terminou a sua trajectoria gloriosa como estrella de primeira grandeza do concurso de belleza. Eil-a agora na sua residencia, em Curityba, cercada de amiguinhas e membros de sua distincta familia. A' direita de Didi, vê-se a festejada cantora Fernandina Marques, que, brevemente, nos visitará.

— E' por que a gente aborrece?

— Não; é porque o coração tem um novo amor!...

CARICATURA — Não sei si os senhores pensam como eu. Acredito que não. Mas, si pensam, é melhor não pensarem; porque, quando dois homens pensam do mesmo modo, e se declaram de accordo, é signal de que se vão desavir. Reparem si não é assim...

Bem. O que eu penso é apenas isto...

Isto, que? Afinal de contas vim escrevendo com a preoccupação de encher tiras, sem cuidar do assumpto. E já agora não sei qual era o meu pensamento inicial. Mas supponhamos que iamos falar de mulher. Mal, já se vê. Falar de mulher só interessa quando se fala mal...

A's vezes, encontro uma criaturinha na rua. Leve. Esmaltada. Melindrosa. Um pouco de uma ter-

logo a interrogação se retorce, a nossa curiosidade se accende como as lampadas dos signaleiros da Avenida, e o nosso coração bate, bate, sobresaltado, repetindo a pergunta de sempre: "Quem será essa mulher?" Amamol-a platonicamente.

Um dia, porém, o acaso nos faz saber que ella se chama Pulcheria, (ou Felismina, Ludovica, Lauriana, Custodia?) Sabemos ainda que é... é... E' o quê? Banal, vulgarissima, prosaica. E todo o seu romance se resume nos amores de um caixeiro de armazem e de um acrobata de circo. O seu perfume não era de élite. Fôra tudo effeito de suggestão.

Então, desolada, a gente pensa no tempo perdido em que pensava nella. Pensa naquelle nome horrivel: Pulcheria! Pensa no collar de vidro, no semi-analphabetismo que a deteriora; no perfume do pó de arroz e nos amores do caixeiro & Cia...

# A CASA DO AMADO

SONHEI tanto com uma casa pequenina e modesta onde commigo morasse a felicidade... Onde seria, não me importava; de que estylo e côr, nunca escolhi... Mas teria, por certo, um jardimzinho na frente, onde, á tarde, eu iria, colhendo flores, esperar a volta do meu senhor...

Porque eu não sonhei gloria nem riqueza, não ambicionei um nome illustre e popular, nem desejei palacio e carruagens...

Sonhei, apenas, com o amor.

Era tão moça, tão cheia de illusões... meu coração suspirava pelo futuro, que me traria o carinho do Amado.

E pelos crepusculos lentos e macios, rescendendo ao perfume ingenuo da bonina, sob os ramos leves do ingazeiro em flor, eu idealizava a casa pequenina e modesta onde commigo morasse o eleito de minha vida.

Elle seria tudo para mim: meu deus, meu dono, meu companheiro, meu amigo. Tinha para elle, no meu peito de virgem, ardente e meigo, que rutilo thesouro da dedicação! Em troca, apenas queria um affecto tão grande e tão perfeito, que me estancasse a sêde de ternura que tantas vezes, tantas!, me detinha nos labios o riso de criança e me punha nos olhos uma lagrima de mulher... Em troca de minha adoração, queria apenas um carinho muito suave... um pouco pueril, como o que as mães dão aos filhos pequeninos...

A' tarde eu iria, colhendo flores, esperar a volta do meu Amado... O dia todo sem elle teria sido escuro para mim... Mas a certeza do seu amor iria accendendo minh'alma em luz, no lusco-fusco, tal como brotam no céo as estrellas primeiras. Eu colheria a doce florzinha do jasmim singelo, e com ella enfeitaria meus cabellos para que Elle me achasse linda... E quando chegasse e me abraçasse — com que ansia! — murmurando: "Emfim, querida, estou junto a ti...", enlaçados, nos recolheriamos á casa pequenina onde antes de nós já entrára a noite. Como nosso affecto, singelo e fiel, a lampada do lar se accenderia... e seu brilho alegre faria reluzir talheres e louças na modesta mesa posta para dois...

Elle me diria, então, de suas luctas e de suas victorias, me contaria alegrias e dissabores... Eu, enlevada, — tão pouco eu mesma! — só por elle viveria, só nelle triumpharia... Mas era porque o sentiria tão meu amigo, tão extremoso, que eu ou elle era a mesma coisa.

Hoje, sigo na vida... desamparada... Tão só, tão triste... immensamente triste, irreparavelmente só...

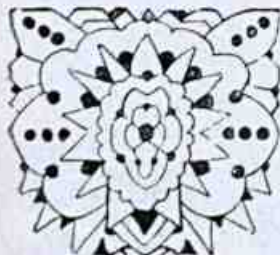
Meu sonho me foge e sei que nunca o attingirei... Talvez, em troca, me dê o destino — avaro judeu — fama e riqueza, que eu não lhe pedi. Parece mais, porém elle sabe, como eu tambem sei, que é moeda falsa.

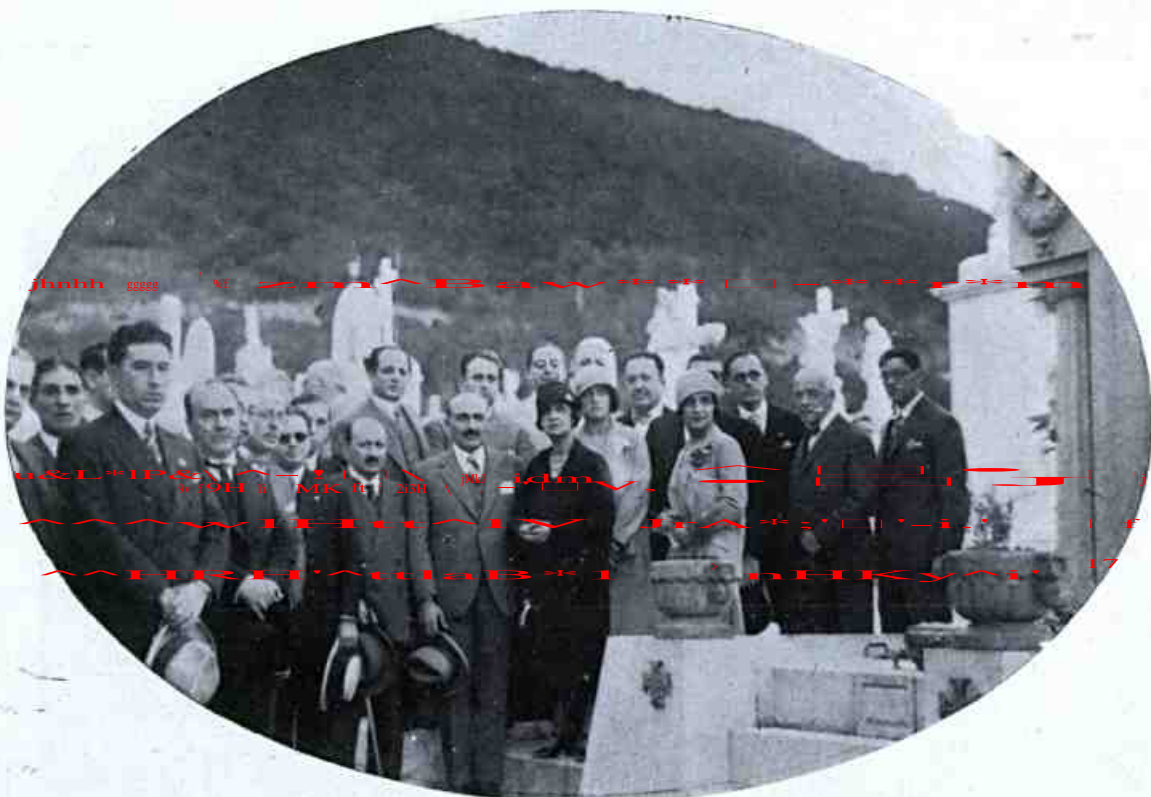
Então, como os crentes pensam no céo, ás vezes, só para me consolar, me enlevo ainda em meu velho sonho.

Na doçura sedosa da hora vespertina, eu, singela dona de casa, á espera do Amado... Elle viria trazer-me no olhar, nos labios, nas mãos generosas, um carinho tão grande quanto a paz da tarde que iria descendo sobre a casa pequenina e modesta, onde commigo morasse a felicidade...

# PETITE SOURCE

## NOTAS INTELLECTUAES

SYLVIA Moncorvo, a brilhante escriptora e collaboradora de FON-FON, que, a bordo do «Bagé», seguiu, domingo ultimo, com destino ao norte do paiz, em «tournée» de arte. Sylvia Moncorvo é bem uma legitima embaixatriz da nossa intellectualidade feminina contemporanea, que vae ao norte para «sentir» e observar a grande e nobre alma do septentrião brasileiro, que ella, certo, trará no coração.

# "Miss Brasil"

O Brasil vae receber, de torna-viagem, a «Miss» representativa da sua raça, a expoente da sua graça e da sua belleza. Ella não traz, para orgulho nosso, o titulo máximo do concurso de Galveston: «Miss Universo». Mas que importa! Ha derrotas mais gloriosas que as proprias victorias. E, si derrota foi a circumstancia de a nossa patricia não ter conquistado a palma da victoria, nessa festa pagã de belleza e de rythmos de graça, nem por isso Olga Bergamini deixa de ser bella, como tantas outras brasileiras. De resto, ella retorna á sua patria gloriosa com a certeza de que soube represental-a no estrangeiro. Mais do que nunca, devemos recebel-a entre palmas e flores. — certos de que, si ella não regressa victoriosa de um certamen de belleza, retorna triumphante de uma alta missão de cordialidade internacional.

Os membros das delegações medicas da Argentina e do Uruguay, que vieram representar seus paizes nas commemorações do centenario da fundação da Academia Nacional de Medicina, fizeram, no dia em que aqui chegaram, uma visita ao tumulo de Oswaldo Cruz, que cobriram de flores, prestando, assim, uma tocante homenagem á memória do nosso grande hygienista. Os eminentes scientistas argentinos e uruguayos visitaram, tambem, o tumulo do professor Nascimento Gurgel, sobre o qual depositaram flores de reverencia e saudade.

*SEIXOS*

Se foi máo o meu destino, que culpa tu tiveste?

* * *

Se me não comprehendeste, não tenhas remorso; é porque assim mesmo tinha de ser...

O destino da gente, com ser paradoxal, é interessante: quem espera o premio, tem o castigo; quem merece o desprezo que fére e tortura, e mata muita vez, recebe o perdão... O perdão, que é o que hoje envio, daqui, para ti, espiritualmente...

* * *

As commemorações do centenario da fundação da Academia Nacional de Medicina tiveram inicio com a missa em acção de graças que se realizou na manhã de domingo passado, na Cathedral Metropolitana, tendo officiado s. ex. revma. o arcebispo coadjuctor do Rio de Janeiro, d. Sebastião Leme, que alli apparece entre os medicos e demais pessoas presentes.

Dois flagrantes da sessão solemne que a Academia Nacional de Medicina realizou, domingo á tarde, em sua séde, no edificio do Syllogeu, para commemorar o centenario de sua fundação, e na qual o professor Miguel Couto expoz aos seus collegas o programma official das commemorações do centenario daquella prestigiosa sociedade scientifica.

Os delegados nacionaes e estrangeiros aos congressos commemorativos do centenario da Academia Nacional de Medicina visitaram, na tarde de domingo, o sr. presidente da Republica, que os recebeu no palacio Guanabara, onde foi tomado este aspecto.

## SEIXOS

JÁ sei; pensavas que te havia esquecido, como esquecêra, apparentemente, outras mulheres... Enganas-te. Tu és a amizade espiritual que muito prézo e quero e avaramente guardo no fundo de meu peito... A melhor amizade espiritual que eu já tive... ouviste bem?... O suave refugio, encantador e bom, que ameniza o tédio de minh'alma... quando recordo e soffro, novamente, uma desillusão passada...

Assim, eu abençôo, muita vez, a propria ingratidão que sem querer me fazes...

O grande palco do theatro Municipal na noite de domingo passado, quando ali se realizou, perante as altas autoridades da Republica, o corpo diplomatico, o mundo scientifico e todos os membros das delegações nacionaes e estrangeiras, a grande sessão magna commemorativa do centenario da Academia Nacional de Medicina, e na qual foram installados os congressos scientificos que ora se realizam nesta capital.

**Os** professores nacionaes e estrangeiros que vieram tomar parte nos diversos congressos commemorativos do centenário da Academia Nacional de Medicina foram recebidos, segunda-feira ultima, pela Congregação da Faculdade de Medicina, que prestou significativas homenagens aos nossos illustres hospedes.

## CHÁ-RUSSO

Um dos grandes attractivos da Feira de Amostras deste anno é o "Chá-Russo", creação de um grupo de distinctas damas da nossa sociedade, destinada a auxiliar instituições de caridade, como o Externato S. José e o Recreatorio Santa Cecília.

Num ambiente de arte pura, illuminado pelo sorriso de mlles. Odyla e Elly Vianna, Maria Helena e Lucia Castro, Zana Wilson e Maria Sophia Chaves, FON-FON teve o prazer de experimentar uma chavena do delicioso chá russo, apreciando a distincção da sra. Zuleika de Mayrinck, que tudo dirigia, distribuindo attenções aos seus convidados.

A mesa de FON-FON recebeu a honra de ser servida por Mlle. Odyla Vianna, encantadora boneca, para quem desejamos registar os nossos melhores agradecimentos.

A nossa gentil collega de imprensa Candida de Britto, desobrigando-se de uma incumbencia da S. A. F. Victoria Régia, surprehendeu os convivas do primeiro Chá Russo com uma offerta, tambem régia...., deixando em nossas mãos uma linda gravata de fabricação do citado estabelecimento.

Os medicos estrangeiros que se acham nesta capital visitaram, segunda-feira á tarde, no palacio do Itamaraty, o sr. ministro das Relações Exteriores, que ahi apparece entre os scientistas dos paizes amigos que se fizeram representar nas festas commemorativas do centenario da Academia de Medicina.

NA tarde de segunda-feira, foi lançada a pedra fundamental do monumento que vae ser erigido á memoria de Oswaldo Cruz, no terreno fronteiro ao edificio da Santa Casa de Misericordia, á praia de Santa Luzia. A viuva do grande sabio assistiu, com outros membros de sua exma. familia, a essa expressiva solennidade, que se acha documentada nos dois primeiros detalhes photographicos desta pagina. A photographia de baixo fixa um aspecto da ceremonia inaugural da nova sala de operações da Faculdade de Medicina, no Hospital da Santa Casa

NA sessão solenne commemorativa do 12.º anniversario da morte de Francisco Alves de Oliveira, a Academia Brasileira de Letras fez a distribuição dos premios aos laureados nos concursos literarios de 1928. Ahi está a mesa que presidiu a essa solemnidade, composta dos academicos Fernando de Magalhães, Gustavo Barroso, Olegario Mariano e Goulart de Andrade, vendo-se de pé, discursando, o presidente da Academia.

♣ ♣

*FILIGRANAS*

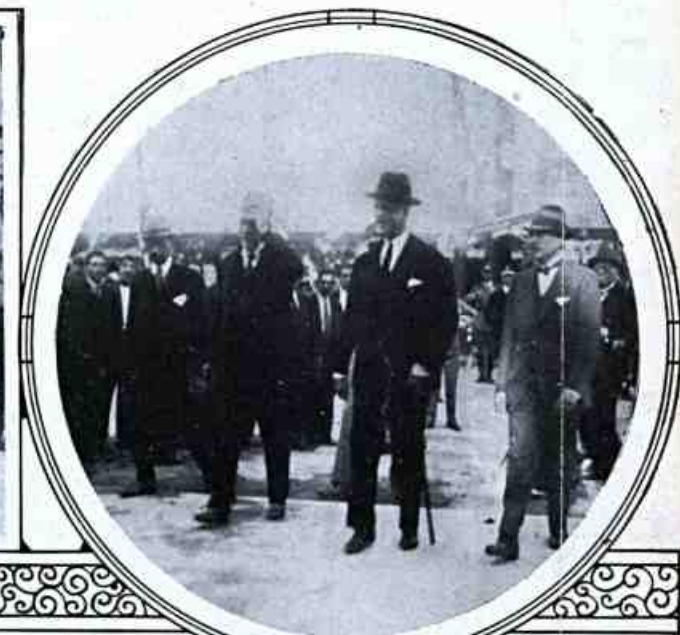
Os letreiros das casas commerciaes são indices seguros da psychologia de seus donos e mesmo dos usos da terra. Dahi o interesse que em mim elles despertam, quando viajo. Recentemente, estando no Ceará, onde esses titulos são por vezes engraçadissimos, annotei dois bem interessantes.

No Bemfica, aprazivel arrabalde de Fortaleza, numa esquina, ha uma venda com este rotulo significativo da fé subtilmente ironica do seu dono: «Si Deus quizer...» Em outro local, um casebre baixote arvorado em bodega ostenta esta taboleta, que a gente não sabe si é pretenciosa ou pilherica: «O castello de bronze»...

♣ ♣

MURILLO Araujo, o suave poeta de «A illuminação da Vida», a quem a Academia Brasileira conferiu o primeiro premio de poesia nos concursos literarios de 1928. Foi uma victoria do talento moço do Brasil, tão pujantemente symbolizado na obra e no espirito desse magnifico poeta, que é um dos nossos mais expressivos valores literarios.

Parte da assistencia á solennidade de sabbado, na Academia de Letras.

# AS GRANDES EXPOSIÇÕES DO TRABALHO NACIONAL NA 2ª FEIRA DE AMOSTRAS DO DISTRICTO FEDERAL

No ultimo sabbado foi officialmente inaugurada a 2.ª Feira de Amostras do Districto Federal, magnificamente installada no antigo Palacio das Festas, á Avenida das Nações. O acto inaugural do importante e util certamen revestiu-se de raro brilho e imponencia, tendo comparecido ao mesmo o sr. presidente da Republica, o prefeito Prado Junior, e varios elementos dos mais representativos do nosso mundo official, commercial e industrial. O exito que vem assignalando essa feliz iniciativa da nossa actual administração municipal é de molde a orgulhecer a alma brasileira. São indices, expressões concretas do nosso valor e da nossa capacidade productora, quanto ali se vê e observa, num conjuncto que fala aos nossos melhores sentimentos de patriotismo. Se, nos dias de hoje, as nações, os povos valem pela sua capacidade economica, pelo padrão da sua producção, pela efficiencia da organização do seu trabalho, o Brasil e os brasileiros podem, com justo e legitimo desvanecimento, orgulhar-se dos seus emprehendimentos no vasto e fecundo campo da actividade industrial do mundo. E' essa a impressão que se traz de uma visita ao importante certamen do Palacio das Festas, onde a industria nacional, num conjuncto maravilhoso e expressivo, dá bem uma idéa do que é o Brasil de hoje na sua potencialidade economica, através do fecundo dynamismo das officinas onde se opera o seu trabalho e se constróe e consolida o prestigio do seu nome e a gloria do seu povo.

# LANTERNAS DE PAPEL

## A MOÇA QUE VIO O DIABO...

ANTIGAMENTE o diabo andava constantemente apparecendo a muita gente. Os santos viam-no sempre. Elle foi o estudante que acompanhou em sua jornada a São Frei Gil e foi a dama que offereceu frutas a Santo Antonio em dia de jejum. Era preciso fazer orações e o signal da cruz para afastal-o. Na sua cella do castello de Wartburgo, Luthero costumava afugental-o de maneira rumorosa...

Hoje, elle anda esquivo. Dir-se-ia que tem medo da luz electrica. Guerra Junqueiro dizia que era da policia que o fute se arreceiava. Consta, todavia, que frequenta certas sessões espiritas, onde fala linguas estrangeiras, dá receitas aos doentes, vaticina o bicho que vae sahir no dia seguinte e, ás vezes, damna-se, quebrando os pés das mesas e atirando copos e tinteiros ao chão...

Houve tempo, no emtanto, que as moças conversavam com o diabo, segundo se noticiava nesta mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fundada por Estacio de Sá. Aqui! E' verdade que já lá se vão setenta annos quasi dia por dia.

Foi em 1859. A Folhinha Theatral desse anno, que, por acaso, me veio ter ás mãos, descreve este caso em verdade espantoso:

"O diabo mostrou-se em uma fazenda distante cinco leguas da villa do Catalão, como companheiro inseparavel de uma moça... Diz ella, unica que o vê, ser um negrinho de formas liliputianas, e fala com elle á vista de quem quer, e as respostas partem do telhado, dos cantos da casa, de baixo do chão e das canastras. Morou elle dentro do forno da fazenda até que o pae o mandou desmanchar. Não fala latim nem lingua alguma estrangeira, e as suas expressões são rasteiras; não quer que ella case com pessoa determinada pelo pae... Muita gente tem ido vêr a menina conversar com o diabo; tudo está alvoroçado e crê firmemente na apparição..."

Adeanta mais a referida noticia que, depois de ter tanto tempo conversado com o demonio, a tal mocinha passou a falar um dia com Nossa Senhora, cuja voz celeste desceu do espaço e determinou ao pae da pequena que a unisse pelos laços matrimoniaes a determinado rapaz da vizinhança que lhe arrastava a asa desde algum tempo. O pretendente protegido pelo velho fazendeiro e gorado pelas artimanhas do diabo, desconfiou dum embuste e começou a observar o caso com toda a attenção. Pudera! E descobriu no fim de pouco tempo a marosca da rapariga. Ella era, sem que ninguem suspeitasse, consummada ventriloqua e estava atirando areia nos olhos de toda a população do logar.

Não diz o precioso almanaque o que se passou depois dessa descoberta. Não o diz, porém, dados os costumes da epoca — 1859! ella ahi é que viu mesmo o diabo. Sem duvida, as mãos paternaes caçaram-lhe as carnes com o calabrote, foi chamado o vigario da freguezia e celebrou-se o casamento com o cujo que o capiroto incriminava, ficando a chuchar no dedo o rapazinho sympathico que a doce voz de Nossa Senhora protegia com tanto carinho e tão blandiciosamente indicava como o noivinho sob medida preparado no céo... A ventriloquia cessou do dia do casorio em deante como por milagre. Houve algumas lagrimas e amuos. E a vida placida da fazenda continuou como era antes das vozes mysteriosas.

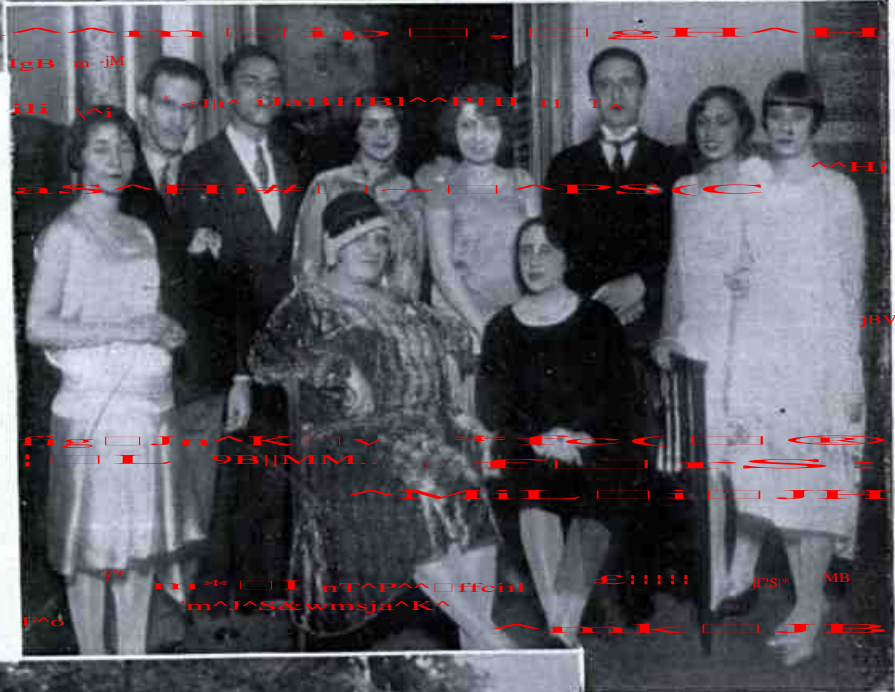
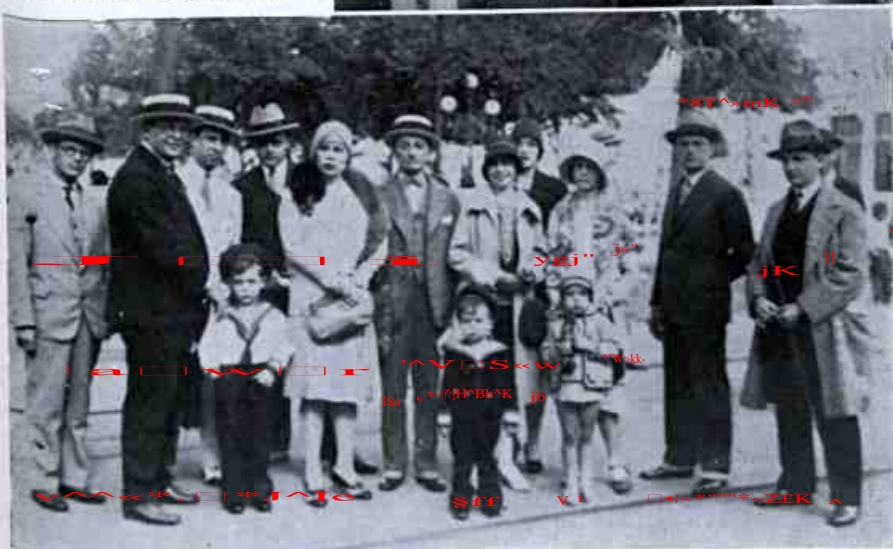
O facto historico de 1859 resulta como uma lição benefica. Eu o relato nesta pagina séria para que as moças de agora o leiam e sobre elle meditem. Os casamentos nos nossos dias devem ser evitados de outra maneira e não por intermedio do diabo. Não esqueçam que, em 1859, já havia quem nelle não acreditasse e procurasse, portanto, descobrir a marateira. Hoje, então!... Assim, meninas, não queiram negocias com Lucifer. As mulheres costumam ver o diabo mais vezes do que os homens e melhor... Mais ça c'est une autre histoire...

Claudio França

## DIPLOMATA E HOMEM DE LETRAS

MINISTRO Helio Lobo, que, diplomata pragmatico e homem de letras, acaba de fazer, em S. Paulo, duas conferencias notaveis — uma sobre as «Tarifas estrangeiras e a politica commercial do Brasil» e a outra em torno da personalidade de Francisco Octaviano de Almeida Rosa — o cantor que venceu as sereias. Foram dois bellos exitos para o homem que, mercê da clarividencia do sr. ministro Octavio Mangabeira, vem coordenando os Serviços Economicos e Commerciaes dessa secretaria de Estado.

* * *

O eminente dr. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino, prestou, ha dias, significativa homenagem ao illustre poeta hespanhol D. Francisco Villaespesa, offerecendo-lhe um almoço, no Copacabana Palace Hotel. O flagrante acima foi tomado após esse agape de cordialidade espiritual, e nelle apparecem quatro grandes poetas contemporaneos: o homenageado (Villaespesa), o amphitryão (Aloysio de Castro), Alberto de Oliveira e Olegario Marianno. Um agape, emfim, em que as Musas se representaram brilhantemente.

ESTEVE muito brilhante a hora de arte que a Academia Brasileira de Musica realizou, sabbado ultimo, no Club Haddock Lobo, em homenagem á escriptora Rachel Pratto. Tomaram parte no programma distinctas figuras das nossas letras e dos nossos circulos musicaes.

O dr. Nilo Carneiro Leão de Vasconcellos, illustre advogado no fôro desta capital e nosso collega de imprensa, viajou, sabbado ultimo, a bordo do «Itaimbé», com destino ao Ceará, sua terra natal. Em sua companhia seguiu tambem sua exma. familia, sendo muito concorrido o embarque do distincto patricio. Na gravura acima vê-se o dr. Nilo de Vasconcellos, cercado de sua familia, amigos e admiradores.

# Bazar de Bonecas

## Feira de Vaidade e de Elegancia

*BALCÃO FLORIDO*

A contingencia dos factos e o seu mysterio — o mysterio que envolve ou que vela, no "manto diaphano da phantasia", o lado real e, quasi sempre, tão triste da vida... Uma coisa, apparentemente sem impor-

**NOTAS MUSICAES**

MARIA Criscuolo, a prodigiosa menina italiana, que já se affirmou uma pianista de grandes recursos technicos e de alma aberta ás mais nobres inspirações da arte que immortalizou Chopin, Schumann, Liszt e outros tantos genios do teclado. Maria Criscuolo apresentar-se-á brevemente ao nosso publico.

tancia, mas que, estudada e examinada á luz interior do coração da gente, se erige em razão fundamental, em principio superior do imperativo categorico que traça e impõe ao homem a necessidade de cercar de mysterio, de encantamento, de magia e de illusão, o ambiente da sua vida.

Gabriel d'Annunzio escreveu *qu'il faut faire sa vie comme on fait un œuvre d'art*. E Maeterlinch acrescentou que a verdadeira funcção do artista é a de adivinhar e conduzir a vida de accordo com o seu elemento essencial — o mysterio.

O homem, porém, nem sempre comprehende isso e procura tirar á vida o velario de *charme*, de encantamento e de mysterio que a envolve, emprestando-lhe aquelle ar de festa e de eterna magia dos contos de fada.

De facto, não é muito mais grato ao coração e á alma da gente, para maravilha e enlevo dos seus sobresaltos intimos, *sentir* e viver a vida como se ella fôsse conduzida e dirigida por uma varinha de condão em perpetuo movimento?

A dansa espontanea da vida sempre esteve subordinada a um elemento de mysterio e o homem normal — como disse Chesterton — sempre habitou o mundo das fadas ao mesmo tempo que o das necessidades ordinarias. Os que assim não comprehendem a vida, os que se empenham em reduzil-a, com as suas manifestações, aos *schemas immoveis e simplificados da razão*, despindo-a da sua belleza e do seu mysterio, podiam ser considerados "verdadeiros loucos porque da sua humanidade nada mais restava senão a sua razão".

Se, nos contos de fadas, "a persistencia do encantamento depende sempre de alguma condição expressamente formulada — uma palavra que se não deve dizer, uma pergunta que se não deve fazer, uma caixinha que se não deve abrir, um fruto em que se não deve tocar — tambem a alegria e a belleza da vida não subsistem se não evitamos a *pequena* coisa *prohibida*".

Essa interdicção dos contos de fadas faz parte tambem, na vida vivida, da ordem mysteriosa e eterna do mundo, a que devemos todos submetter-nos para que as fórmas mais bellas e as forças mais profundas e dynamicas da vida se deixem adivinhar, cantando, dentro de nós, a exaltação do seu fecundo e magnifico mysterio.

Boneca, por exemplo, sabe *viver* e sabe, ainda mais, fazer... viverem os que ella toca com a varinha de condão do seu coração.

E tudo isso que acima escrevi foi uma simples evocação de alguns momentos passados em sua fascinante companhia, no lindo palacio de fadas em que ella reside, e onde tudo parece tocado de magia, de mysterio, de encantamento.

Boneca é a mais bella, gentil e seductora feiticeira que já conheci. Tão formidavel, na força e no poder do seu encantamento, que me fez vêr, sentir, comprehender e amar a vida, não segundo a sua realidade raciocinada, mas dentro das fórmas divinatorias e consoladoras da eterna e suave illusão que a condiciona e dirige...

E um homem "tocado" de amôr é sempre um homem mais illuminado, mais capaz de *faire sa vie comme un œuvre d'art*, ou como um conto de fadas...

Sobre a minha mesa de trabalho, um retrato de Boneca, da encantadora Boneca do meu amôr, parece sorrir para mim. E' uma photographia de arte, fina, delicada, caprichosa e expressiva, como tudo que traz a marca da Photo-Annunciato, do elegante *studio* da Avenida.. Um retrato que faz sonhar com coisas sobrenaturaes, como eu sonho, agora, a sorrir tambem para a minha linda fada protectora e amiga...

*ROSAS DE SANTA THEREZINHA...*

*Meu principe e meu... senhor* — Permitta-me que o trate assim, meu bom e querido amigo. Tamanha é a necessidade, que sinto, de me dar, de *toute mon ame*, a você, de me devotar, inteira e exclusivamente, ao infinito deste amôr, tão grande e tão profundo, como a propria vida que elle enche e domina e exalta que, pequenino demais para o mysterio da sua força, da sua potencialidade affectiva, meu coração de mulher só tem um orgulho e uma gloria, hoje: — o orgulho do seu absoluto dominio sobre todo o meu sêr

physico e espiritual, e a gloria de me sentir e declarar sua... escrava!

Veja a que está reduzida a sua santa, a suave e mystica Therezinha das rosas do "céo" do seu amor na terra! Mas, toda santa é escrava, é captiva do proprio ideal que a santificou. E eu venho fazendo o meu "céo" na terra, ao seu lado, a fazer rebentar a flora mystica de meu coração amoroso aos pés do meu Ideal, do ideal em que consubstanciei todo o meu sonho de felicidade e de... santidade. Sim, meu querido, porque o fogo sagrado do amôr tudo purifica e santifica: as que sempre foram puras e mesmo as que já peccaram. Porque o amôr é uma palpitação de Deus na alma da gente e, através delle, é que se tem a revelação do divino no que é terrestre.

Escute, não tenho tempo de terminar esta carta. Vovózinha agora mesmo me chama para a prece da noite, no nosso santuario domestico. Vou pedir a Deus que me conceda a ventura de sempre ter orgulho dessa abençoada escravidão, prendendo-me cada vez mais, se possivel, á luminosa e cariciosa corrente de uns olhos verdes que, um dia, me revelaram o céo... na terra...

Adeus. Adeus, não. E' triste demais um adeus. Até logo, até breve, porque não se diz adeus a quem se tem tão dentro do coração... — *Maria do Céo.*

## SEARA ALHEIA

### AVERSE DE MAI

EMMANUEL SIGNORET

*Les demeures du jour s'écroulent; leurs décombres*
*Fument sur la montagne. Ah! quel affreux tison*
*Transforme en blocs cendreux de nuages et d'ombres*
*Les temples d'or où riait la saison.*

*Bientôt [illegible] eaux, les rochers, les mers sombres,*
*Sur la prairie en fête, la blanche maison.*
*Pluie! on entend sonner ta lyre aux riches nombres*
*Dont les cordes sans fin traînent sur l'horizon.*

*Mais soudain sur ton char aux rayonnantes roues*
*Tu t'élances, soleil, tu bondis, tu secoues*
*De tes flambeaux mortels la fraîcheur et l'amour.*

*Tes coursiers de la pluie ont gonflé leurs poitrines;*
*Toi, le laurier au front, de tes mains purpurines,*
*Riant, tu rebâtis les demeures du jour.*

## O SELLO DA TUBERCULOSE

Uma iniciativa que vem merecendo o applauso e o apoio da generosa população desta capital é a referente á emissão do Sello da Tuberculose, sob o patrocinio da Liga Brasileira Contra a Tuberculose e das associações dos Sanatorios Santa Clara.

Para o maior exito da nobre e elevada campanha de caridade, ora iniciada, muito estão contribuindo numerosas senhoras e senhoritas da alta sociedade carioca, bem como elementos dos mais representativos dos nossos circulos medicos e intellectuaes.

A emissão desse sello em favor dos tuberculosos, das desventuradas victimas da peste branca, diz bem, só por si, quanto é altruistica e abnegada, na sua finalidade, a bemfazeja iniciativa que, certo, encontrará o melhor acolhimento no coração do nosso povo.

Que seja fecunda e farta e prodiga a abençoada colheita dessa sementeira do Bem...

## PETIT-BLEU

*O beata solitudo! O sola beatitudo!*

Abençoada solidão e bemfazeja beatitude dos que vivem no silencio e na paz do seu isolamento!

Egresso do teu seio consolador, onde me recolhera com o meu soffrimento e as minhas desillusões, com a minha tristeza e as minhas decepções volvi, um dia, novamente, ao turbilhão da vida vivida entre a maldade dos homens e a mentira das mulheres...

E, de novo arrastado pela eterna illusão do amor, vi, mais uma vez, desfazer-se a miragem de uma felicidade, em vão, e loucamente, perseguida.

*O beata solitudo! O sola beatitudo!*

Como o filho prodigo, mais desilludido e mais triste do que nunca, volvo, novamente, ao teu seio pacifico e consolador.

Os homens hão de ser sempre máos e más e falsas as mulheres...

Peregrino da dôr e da desillusão, distendo, pela estrada infinita da vida, a retina já cansada de buscar vislumbrar, na curva longinqua do horizonte, um pouso onde me agazalhar. E, longe, bem longe, vejo que me acenas e que descerras para mim um suave sorriso de bondade, tão doce e tão sereno como a paz que dormita no teu seio consolador — a paz, a tranquillidade, a bemaventurança dos tristes e dos desilludidos.

*O beata solitudo! O sola beatitudo!* acolhe-me no teu seio amigo e sempre aberto para os que te buscam, te comprehendem e sabem amar...

## LETRAS FEMININAS

PALMYRA Wanderley é uma brilhante poetisa do Rio Grande do Norte, que acaba de publicar «Roseira Brava», um livro de versos modernos e lindos, mas, sobretudo, um livro de mulher, delicado e subtil como a alma feminina.

## A LENDA DA "YA'RA"

Foi na Amazônia majestosa, entre as esplendidas victorias-regias, que se passou esta lenda.

A' hora em que o poente fulgia irradiações douradas e as aguas do rio magnifico pareciam mergulhadas em somno profundo, mysterioso, o joven tapuio Itaporan fez a sua prece a "Carmina", espirito protector da raça, e aprestou a igarité e partiu...

De subito, ouviu uma terna e doce voz, que mais parecia um lamento...

E, á uma inclinação do fragil barco, viu dentro de uma restea de luar, que se projectava no verdor das aguas, uma languida e loura "Yara" de olhos glaucos, formosissima, que o fitava...

Itaporan quedou assombrado e tremulamente procurou no fundo do balaio de pesca a sua "mascotte" preciosa — a folha miraculosa do "tajá", que o resguardaria do malefício da "Mãe d'agua". Mas, não a encontrou; havia-a esquecido!...

Então, appellou para a querida protectora dos lagos e igarapés, a boa "Uatiry", mãe dos pescadores. Pediu-lhe que não deixasse sossobrar o seu barco...

A supplica de Itaporan foi em vão.

Elle se deixára prender ao encantamento da seductora, que cantava lindamente bem juntinho ao seu rosto; e attrahido pela sua belleza, enlaçou-a, quando, num arremesso maior da vaga, sossobrou...

Ao nascer do sol, Itaporan não voltou, como era costume, á tenda do seu velho pae, que, afflicto, sahiu a procural-o, encontrando-o na praia morto, envolvido em algas e nenuphares, tendo nas mãos fechadas cabellos louros de mulher...

O velho indigena, comprehendendo o mysterio e disse em altos brados:

— Foi a "Yara" que matou Itaporan, meu filho adorado.

RACHEL PRADO.

## Dentro da arte brasileira — Uma cantora

Discipula da professora Olyntha Braga, do Conservatorio de Musica de Porto Alegre, a cantora Ada Bardi Bonne fez, pelos seus dotes naturaes e proveito na educação artistica, um curso magnifico de musica na capital riograndense, tendo obtido a laurea de medalhar-se com a ambicionada "de ouro por unanimidade".

O governo do Estado, justamente procurando incentivar os futuros nomes da arte nacional, instituiu um proveitoso "premio de viagem á Europa", que só é dado áquelles reveladores de faculdades, propensões e aproveitamento veramente invulgares.

Ada Bardi Bonne está incluida entre os melhores temperamentos de artista servidos por um orgão vocal de indiscutiveis qualidades.

Voz ductilissima, forte e macia, tem encantos no trinado e apreciaveis "manejos" no articular a palavra cantada.

Assim sendo e vendo-se-lhe o amôr que manifestou desde criança pelo canto lyrico, seria de estranhar que o estudo não aprimorasse os dons innatos que a distinguem agora mais ainda.

"Soprano ligeiro" foi a classificação acertada que lhe deu a professora.

E é dentro desse difficillimo e ingrato registo que a senhorita Ada se tem adestrado, enriquecendo o repertorio em que se misturam agradavelmente os graves criôllos de Azuero Guaritano com os super agudos nas "arias" classicas das operas verdianas.

A ansiedade dos amadores e cultuantes da musica aqui no Rio, em ouvil-a, era tanta quanto a dos seus admiradores e coestaduanos amigos.

Por tal previa-se, como foi verificado, a selecção e numero do auditorio que se premeu no vasto salão do Instituto Nacional de Musica, quando da audição annunciada.

Para uma cantora "condecorada" no tirocinio dos palcos além, ou dessensibilizada pelas *tournées* repetidas, a noitada seria um triumpho. Que se dizer quando soubermos que a estreante de então era apenas quasi uma "caipirazinha gaúcha"?

Uma provinciana, sem outras credenciaes que não o seu bello curso, apresentar-se corajosamente a um publico *blasé* e exigente em assumptos dessa natureza e conseguir a magnifica interpretação de um programma recheiado de responsabilidades — é ter triumphado plenamente, é ter conquistado para si e para a sua terra, tão rica de talentos musicaes, uma bellissima e authentica victoria.

Senhorita Ada Bardi Bonne

*Hernani de Irajá*

UM aspecto do salão do Botafogo Football Club, durante o ultimo baile que ali se realizou, na noite de domingo passado, e que reuniu elementos de destaque em nosso mundo elegante.

# ::: PAINEL DE AZULEJOS :::

(Ceará, Maio)

## SERTÃO ALEGRE

QUATRO horas da manhã batem fanhosamente no relogio da Intendencia. Leve claridade começa a fazer distinguir da escuridão nocturna as linhas claras das architecturas. Ao longe, no fim duma rua, um candieiro avermelhado fecha a palpebra somnolenta. Accendo um charuto e monto a cavallo.

Quando deixo a cidade, a manhã vem rompendo e a estrada é como uma larga fita branca estendida entre os campos verdes. Os leiteiros, os vendedores de lenha e de fruta, passam por mim encarapitados nas altas cangalhas e vão rosnando os seus bons-dias tradicionaes. Gallos amiudam o canto alácre, ao longe, como clarins que repetem ordens. E, no áspero calçamento das villas ainda adormecidas, o galope curto do meu cavallo acorda o nervoso ladrar dos cães.

Passo entre renques de altas cajazeiras onde cantam os gallos de campina, e o sol me envolve de luz adeante, na ponte que transpõe o rio cheio e preguiçoso, de cujas margens as rolinhas levantam o vôo tatalante. Um automovel passa-me ao lado, rapido e barulhento, os metaes incendiados pelo sol, estrogando a paisagem typicomente cearense, profanando a manhã radiosa e calma.

Tomo um atalho para fugir a esse monstro e, dentro de minutos, estou em pleno esplendor da catinga orvalhada e povoada de aves. Raréam os cajueiros e adensam-se as juremas espinhosas. Nos baixios, os bamburraes apojam-se de humidade, florescem os aguapés, as pacaviras e as borboletas que perfumam o ar. Uma ou outra folha purpurina mancha a monotonia verde dos marmeleiros selvagens. As comas escuras das catandubas erguem-se acima dos páus-brancos. A espaços, rompe-se o mato cerrado. Marginada pelos pega-roupas e pelas favellas, a agua duma lagôa sorri em mil rugas de prata ao céo muito azul. O vôo lento dos socós corta o espaço. Um dorminhôco lustra a plumagem variegada na palma dum catoléseiro. O grasnido das jandaias e das maracanans vem dos roçados de milho proximos. Uma ou outra carnahubeira perfila-se entre as moitas frisadas, o plumacho agitado ao vento, como um guerreiro da selva com o seu cocar de pennas.

Inverno lindo! Todos os riachos, corregos, grotas e levadas cantando a limpida canção das aguas fartas e claras. Nos buracos das varjotas, nas arrieiras dos caminhos, nos salgadinhos, nos massapês, o tauhá amollecido, enxarcado, afundando sob as patas do cavallo, respingando-me as botas com estrellinhas de ocre e de terra de Siena.

Nas palhoças perdidas pela solidão sertaneja, as rendeiras quietas entôam as velhas cantigas e dos ribeirões parte a voz alta das lavadeiras, batendo a roupa ensaboada. E os cantos param, demoram tremulos, no ar, melancolicos, saudosos, como o sussurro dos pendões de milho nas baixas, noite de luar, quando as gallinhas cacarejam devagarinho nos poleiros, sentindo o guaxinim ou a raposa.

Subo uma lombada de serra e lá do alto descortino toda a ribeira do Ceará. A minha vista alcança o plaino immenso que vae dos morros da Itarema de Pero Coelho aos contrafortes do grande massiço do Baturité, todo elle cheio de serranias e serrotas azúes que emergem do manto verde das catingas. Toda uma moldura mais azul que o céo corre acastellada pelo horizonte afóra: os picos do Maranguape, da Taquara, da Tucunduba e da Jubaia; o dorso altaneiro do Acarape, a corcova do Bacamarte, o cocuruto do Lageiro, a encosta atorreada da Palmeira, o lombo encurvado do Rato, a cabeça bronca do Gigante; depois, as serras do Rodeador e dos Negros; por fim, o perfil denteado do Joá e do Camará. Aqui, alli se elevam os serrotes isolados, mounds colossaes ensombrando o bugi alto, o junco luzidio, o mimoso sorridente, o panasco verde e o quebra-panella florido, com os vultos fortes das catingueiras e das ingoseiras a lhes subirem pelos declives: o Feijão, o Bóde, o Pinhões, o Pão de Assucar. E por entre os verdes claros, as frondes viçosas, os estendaes de jytirana rôxa, as nódoas fortes de sol nos talhados de pedra empoeirados de mica, corre lento e solemne o velho rio Ceará, cantando nos seixos polidos, sussurrando nos areaes das crôas, gorgolejando nos apertados de rochas, trazendo suas aguas fertilizantes dos abruptos roques do Baturité, através das varzeas e dos carnahubaes, até o antigo ancoradouro dos mararatins de Mathias Beck.

Todo o sertão que eu vejo tem um ar feliz e placido. Sertão chuvido! Sertão alegre!!

D. Jayme

UM PIANISTA

EMIL Frey, o notavel pianista suisso que, desde quarta-feira, se tem feito admirar nas harmonias de sua grande arte e se tem feito applaudir pela culta platéa do Municipal.

No ultimo sabbado, dia de São Pedro, o santo claviculario, o governo inaugurou as novas installações e remodelações do Telegrapho Nacional. A começar pelo edificio, que, mantida em linhas geraes a physionomia anterior, se engalanou de novos luxos architectonicos e maiores confortos e minucias de elegancia e estylo, até os melhoramentos technicos e apparelhos de utilização recente, o Telegrapho Nacional está installado á altura dos seus grandes objectivos. O «clichê» acima focaliza um dos aspectos do acto inaugural. Junto ao busto do barão de Capanema, o presidente da Republica está cercado de altas autoridades, entre as quaes os ministros da Viação e da Justiça, o prefeito do Districto Federal, o director dos Telegraphos e o dr. Hermes-Fontes, official de gabinete do ministro da Viação.

SEIXOS

— Quando eu te dizia ... Felicidade, muito ... e muito mulher, ja- ... passou de um sonho, ... e encantado, que se ... acordado, tu, em: represalia, accentuavas que, então, eu já não tinha vivido, pois que sempre te parecera feliz... duma felicidade silenciosa e discreta, quasi sem emoções, eivada, no entanto, de venturas fugidias, que eram todo o thesouro veladamente triste que me coubera viver, um dia, sobre a terra...

E, respeitando a ignorancia que guardavas do que minha experiencia chamava vida, eu, sem uma palavra, sem um protesto, sorria e silenciava...

— Sim. Concordo. E eu nunca te quiz mal por isso...

S. Ex. o sr. presidente da Republica examina um dos mappas de linhas da Repartição. S. Ex. está cercado pelo ministro da Viação, pelo director dos Telegraphos e pelo dr. Hermes-Fontes.

# TREPAÇÕES

AQUELLE baile de S. Pedro jamais será esquecido pelo nosso joven official, nem tão pouco pela interessante menina que, apezar de cortejada por uma legião de adoradores, parecia ser uma praça incapaz de capitular.

Entretanto, o militar, apezar de novo, usou de estrategia efficaz, vencendo em toda a linha, sem empregar recursos outros senão aquelles que ensinam o coração...

Agora, vamos esperar pelo epilogo da festa, que naturalmente terá como ambiente a paz e a doçura de uma egreja aristocratica, e depois a continuação de um sonho que deve ser lindo, como todo o sonho da moddade...

AGORA "madame" está sériamente arrependida, mas, é tarde... Tambem a culpa lhe cabe inteiramente, pois, não era possivel ao illustre deputado supportar a offensa, de cara alegre, impassivel, sem reagir.

*Madame* fiou-se na belleza dos seus olhos e pensou que poderia tirar partido, representando para o dedicado amiguinho de alguns mezes. Enganou-se.

Agora será difficil convencel-o de que na vida de "madame" não ha "outro", e que aquelle encontro preparado, em torno de uma pequena mesa de chá, foi simplesmente uma "fita" para experimentar o gráo do amor do deputado...

*Madame*, porém, revelou com o gesto, uma lastimavel falta de intelligencia e pouco espirito.

Pezames, sinceros...

ESTÃO em plena *lua de mel*. O esculapio, quando está no consultorio, attende varias vezes ao telephone, para ouvir a voz tão grata aos seus ouvidos — a voz do coração... Ella, do outro lado, pede, insiste, implora para que elle abandone os doentes e corra em seu soccorro, porque a ansiedade, o soffrimento das horas que passa isolada, tudo desapparece quando elle comprime, de leve, o botão da campainha, para o convivio de algumas horas de felicidade.

E, insensivelmente, o esculapio abandona, ás vezes, o consultorio, os doentes, para attender, solicito, á sua *doentezinha*, tão linda e pequenina, tão fragil e mimosa, que mais parece um *bibelot* de Sévres, transparente, tentador.

Assim vão gozando a vida, experimentando alegrias que se não descrevem, até um dia...

Até um dia... pois, quando a esposa do esculapio desconfiar da maroteira, e certificar-se de que está sendo trahida *miseravelmente* (oh! as esposas são sempre trahidas miseravelmente!), vae ser um escandalo de todos os diabos, por que "madame" é das taes de cabellinhos nas ventas — das taes que não respeitam conveniencias...

A graciosa Dulce, filhinha do senhor Nestor Rodrigues e de sua exma. esposa, d. Palmyra Ponto Rodrigues, residentes no Estado de S. Paulo.

O interessante Ernani, filho do sr. Efrem Gondim, de Fortaleza.

O ultimo banco de um bonde é sempre um caso sério, digno da bisbilhotice alheia.

Ha muita gente que deseja comprar um bonde... Pois nós ficariamos contentes em possuir o ultimo banco de um banco.

Nas grandes cidades existe muita coisa interessante a observar. Quem observa os casaes que frequentam o ultimo banco de um bonde, vê e aprende sempre alguma coisa.

Nós estamos interessados em saber como vae acabar um caso que conhecemos, de um advogado e certa dama que, pelas cautelas que tomam, parecem não ser criaturas livres.

Quasi diariamente, á tarde, ambos apparecem na estação da Jardim Botanico, como indifferentes um ao outro; porém, quando trepam para o bonde, lá vão para o ultimo banco...

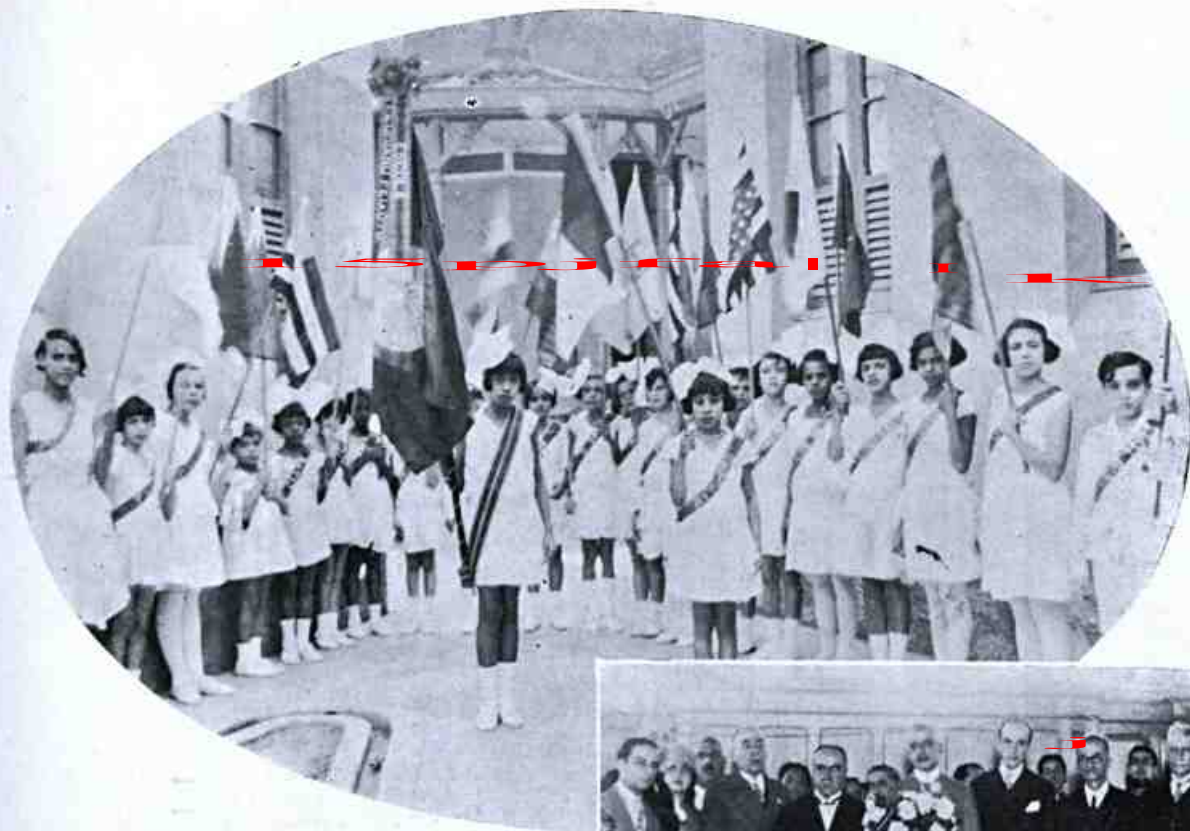
Depois, arrulham coisas agradaveis durante todo o trajecto, conforme indica a physionomia sorridente do casal...

Em certo bairro "chic", elle salta primeiro e do fio da calçada vê o bonde proseguir o seu itinerario, esticando um olhar untado de pieguice até o vehiculo desapparecer, ao longe...

E ella, discretamente, acena-lhe com dois dedinhos, num breve "até amanhã", ou... *até sempre*...

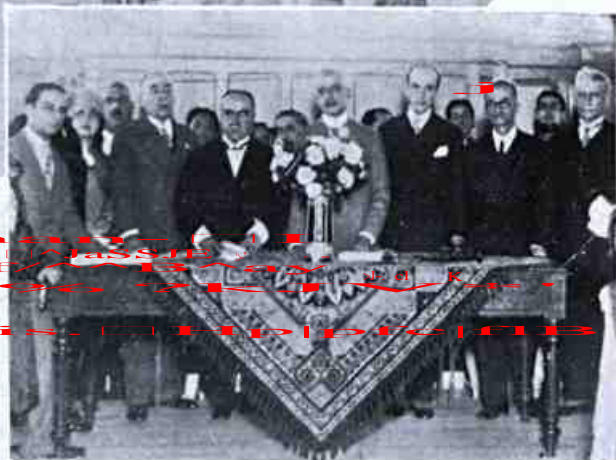
A loira bonequinha desappareceu da vida do rapaz. Desappareceu á franceza, isto é, sem lhe dar satisfação, ou, pelo menos, dizer-lhe "adeus!" com aquelles seus labios que tantas vezes se uniram aos labios delle, num sonoro e gostoso beijo de amor...

E agora o rapaz anda triste. Triste preoccupado com o destino ignorado da bonequinha loira que desappareceu da sua vida silenciosa e sombria...

Da bonequinha loira que nunca mais sorriu para elle, nem nunca mais lhe falou pelo fio telephonico, derramando nos seus ouvidos a harmonia de uma voz macia e doce como é a voz dos que amam...

GOTTAS ESPIRITUAES

Quero ser mais fiel á minha palavra do que mandar, á custa de uma traição, o mundo inteiro. — Pompeyo.

* * *

A attenção é o buril da memória. — Levis.

POR iniciativa do Grêmio Floriano Peixoto, foi brilhantemente commemorado, no dia 29 de junho ultimo, o 34.º anniversario da morte do grande soldado e estadista que foi o «Marechal de Ferro». Na Escola Floriano Peixoto, á praça Argentina, em São Christovão, houve, pela manhã, uma cerimonia civica em homenagem á memória do glorioso patrono daquelle estabelecimento. A' tarde, realizou-se uma romaria de saudade ao tumulo de Floriano, no cemiterio de São João Baptista. Finalmente, á noite, no salão nobre do Club Militar, a memoria do eminente brasileiro foi, de novo, reverenciada com a sessão solemne promovida pelo Grêmio Floriano Peixoto. Estão focalizadas nesta pagina todas as commemorações do 34.º anniversario da morte de Floriano Peixoto.

FILIGRANAS

Os verdes mares de José de Alencar franjavam-se de espumas beijando a areia doirada da praia de Iracema. Sentado a um rolo de jangadas, eu esperava que surgisse por traz do coqueiral do Mucuripe o rosto magico da lua cheia. E as primitivas embarcações dos pescadores de minha terra regressavam da sua aspera faina no seio revolto do oceano.

Eu lia os nomes das jangadas audazes tóscamente pintados no vertice do triangulo das velas encardidas. E um delles me fez ficar pensativo, tão lindo, tão poetico e tão profundo o senti: «Jesus sobre as ondas». O rude jangadeiro cearense tivera uma inspiração feliz como a de Lindebergh dando ao seu avião a alcunha impressionante de «Spirit of St. Louis» e a de Ximenez e Iglesias baptizando o delles com o suggestivo appellido de «Jesus el Gran Poder».

Um flagrante da «torcida» do jogo Rampla Juniors — Combinado Paulista, que ultimamente se realizou em São Paulo.

DE CAMBUQUIRA

A população de Cambuquira, a adeantada cidade de aguas, aproveitou o motivo da passagem do anniversario do dr. Sylvio Marinho para lhe render expressiva homenagem. Uma dessas demonstrações de apreço constou no facto de ser dado o seu nome ao jardim da alameda do parque daquella cidade. As photographias mostram dois flagrantes dessa solennidade.

O dr. Sylvio Marinho, apparece no medalhão, ao lado de sua exma. senhora e cercado das altas autoridades locaes e de admiradores seus, por occasião da homenagem que lhe foi prestada.

ARABESCOS

Vejo-te triste e pensativa, e procuro alegrar-te e fazer voltar o sorriso aos teus labios amados. No emtanto, intimamente, me sinto bem vendo os teus olhos tristes como as madrugadas sem luz, ouvindo a tua voz dorida como a propria dôr, si falasse.

Sem t'o confessar, adoro a tristeza, amo os olhares magôados, velados, de sombra e de melancolia.

O sorriso, só o quero tristonho como lagrima que sonha que é feliz, como magoa que se fantasia de alegria.

E temo que, á força de procurar alegrar-te, venhas um dia a sorrir com o sorriso vulgar e prosaico das criaturas felizes. Nesse dia, eu deixarei de adorar-te e tu não serás mais o doce encanto de minh'alma.

Mattos Além.

# A MENSAGEM DO GOVERNADOR DE PERNAMBUCO

## O que tem sido a administração do eminente estadista

A mensagem que o doutor Estacio Coimbra dirigiu ao Congresso Legislativo de Pernambuco, na abertura da 2ª sessão da 13ª legislatura, é um documento da excellente administração que o grande Estado nortista deve ao Governo de S. Ex.

### INSTRUCÇÃO PUBLICA

A reforma da instrucção publica é um dos problemas mais importantes que mereceram attenção acurada por parte do dr. Estacio Coimbra.

A mensagem estuda amplamente o assumpto, e concretiza as bases da educação nos seguintes termos:

a) educação pré-escolar, ministrada nos jardins de infancia; b) educação primaria, ministrada nos Grupos Escolares e Escolas isoladas; c) educação normal, ministradas nas Escolas Normaes; d) educação technico-profissional, ministrada nas escolas e institutos technico-profissionaes; e) educação domestica, ministrada nas escolas, cursos e classes domesticas; f) educação de debeis organicos, ministrada nas escolas, ao ar livre e nas colonias de férias; g) educação especial, ministrada a super-normaes e debeis mentaes, em classes annexas ás Escolas de Applicação e aos Grupos Escolares; h) educação secundaria, ministrada nas escolas secundarias; i) educação superior, nas escolas superiores.

Por ahi se podem vêr as vantagens que advirão da reforma, para a educação do povo, justamente quando o problema nacional a resolver é o da desanalphabetização.

A educação normal tambem soffreu uma sensivel modificação, ficando, por esta, determinada a idade de 14 annos para a matricula na Escola Normal, e sendo o seu curso dividido em dois periodos: o geral e o profissional. Foram creadas cadeiras de inglez, de anatomia e physiologia humanas, sociologia e didactica.

A Escola Normal conta hoje uma frequencia de 800 alumnos.

Essa remodelação attingiu tambem o lado material do assumpto. E é assim que foram desenvolvidos os principaes estabelecimentos educacionaes, inclusive as officinas da Penitenciaria, que ficam apparelhadas para a confecção de todas as peças de fardamento da Força Publica, Guarda Civil, Policia Maritima, Recebedoria do Estado e Colonia Correccional.

Sua excellencia, o dr. Estacio Coimbra, governador do Estado de Pernambuco.

Por tudo isso, fôram muito augmentadas, no corrente exercicio, as despesas com a instrucção publica.

Frisando esses detalhes a mensagem esclarece:

"A percentagem, que era de 5,45 sobre a despesa geral orçada no exercicio de 1928, passou a ser no exercicio corrente, sem incluir o ensino subvencionado, conforme o calculo que acaba de ser devidamente feito, de 12,75, muito superior á das maiores unidades da Federação, inclusive os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Bahia.

Isso demonstra o empenho do Governo em não poupar esforços nem sacrificios para satisfazer tão justa aspiração, que importa no cumprimento do mais rudimentar dever dos governos preoccupados com o desenvolvimento e o progresso intellectual, moral e economico de seus concidadãos.

Era de 448 o numero de escolas primarias mantidas pelo Estado, quando em dezembro de 1926, assumiu o governo o sr. dr. Estacio Coimbra, conforme se vê da mensagem endereçada ao Congresso a 7 de setembro desse anno.

Elevado tal numero em 1927 a 497, passou a ser de 529 no anno proximo passado.

No corrente anno existem em pleno funcionamento 726 cadeiras de ensino primario, custeadas pelo Estado.

Foi ordenada a construcção de Grupos Escolares nos municipios de Floresta, em Triumpho, Quipapá e Olinda, já estando em pleno funccionamento os tres primeiros, que têm como patronos os inesqueciveis pernambucanos Julio de Mello, Alfredo de Carvalho e Esmeraldino Bandeira.

Quanto ao ultimo, que terá como patrono o saudoso desembargador Sigismundo Gonçalves, aproveitou-se o antigo palacete de verão do Governo, situado naquella cidade, e que, com ai-

gumas modificações, se presta a esse fim."

Está sendo activado o serviço de adaptação, afim de que no corrente mez o grupo seja inaugurado.

O municipio de Goyana será dotado de um grupo escolar, sob a denominação de João Alfredo, cuja construcção já foi autorizada e deve estar concluida no corrente anno

A antiga Hospedaria de Immigrantes, em Tigipió, foi aproveitada para a installação de um grupo escolar, tendo sido alugados varios predios em Areias, Santo Amaro e Casa Amarella, destinados ao mesmo fim.

Muito tem feito, pela instrucção do seu Estado, o governador dr. Estacio Coimbra, dando assim uma prova frisante da sua alta visualidade em relação aos problemas maximos que concorrerão para o engrandecimento daquella unidade da Republica.

OS PROBLEMAS ECONOMICOS DO ESTADO

Esse é um dos capitulos mais importantes da mensagem e no qual se encontram precisas informações sobre a vida economica de Pernambuco.

Com a sua leitura, fica-se sabendo que em 1928 Pernambuco exportou.... 241.534 contos para o paiz, e 43.683 contos para o estrangeiro. Essa desproporção explica-se porque os productos principaes de Pernambuco, o assucar e o algodão, são de consumo quasi exclusivamente interior. Tanto o assucar como o algodão têm merecido do Governo todo o amparo.

Referindo-se ao desenvolvimento que precisa ter a cultura algodoeira, a mensagem frisa o seguinte ponto:

"Pernambuco precisa attender para o algodão, que já é uma de suas fontes de vida mais promissoras.

Occorre que, sendo o sertão o "habitat" dessa cultura, a escassez dos recursos, a nenhuma educação profissional, frequentes e prolongadas estiagens, tudo concorre para tornar difficil o trabalho nessa região, e incertos os seus resultados.

A verdade é que Pernambuco, entre muitos outros, tem encarado esse alto problema de sua riqueza.

Juntamente com o Governo Federal, mantemos ha cerca de oito annos o Serviço do Algodão, agora mais desenvolvido, com o estabelecimento de campos de sementeiras, que já possuimos quatro em varios pontos do Estado e outros pretendemos fundar, e com o serviço de classificação que muito tem concorrido para o estimulo, não só da cultura, mas tambem da industrialização e do commercio dessa preciosa malvacea."

Assignala ainda a mensagem que o governo se tem interessado, vivamente, pela solução do problema algodoeiro e de iniciativas que venham favorecer outras fontes de producção, no Estado, como a pomicultura, a industria de dôces, a cultura de côco, etc.

Ainda nesse capitulo é estudada a instituição do credito popular, que tem alcançado um exito extraordinario.

Pelo movimento de nove bancos estaduaes, desse genero, que funccionam em Pernambuco, de 1927 para 1928, se chega a saber que em 31 de dezembro de 1927, o balanço geral alcançou a somma de 6.495:923$098, quando em igual data de 1928, tal somma era de réis 11.243:665$071.

As obras publicas foram tambem activadas com grande proveito para o Estado, tendo sido concluidos varios grupos escolares.

O SERVIÇO DE ESTRADAS DE RODAGEM

Obedecendo ao plano rodoviario, determinado pelo acto n.º 350, de 2 de abril de 1928, o serviço de estradas de rodagem foi amplamente desenvolvido. Esse é, como se sabe, um grande problema nacional que, tendo interessado a outros governos, não podia ser desprezado pelo eminente estadista pernambucano.

O BANDITISMO NO INTERIOR DO ESTADO

O eminente governador, comprehendendo que era mistér livrar o florescente Estado septentrional da mancha que maculava os seus fóros de civilização e cultura, como é o banditismo, enceitou uma forte campanha, no sentido de extinguir essa praga. E graças aos inauditos esforços de S. Ex., o sertão pernambucano está liberto de tão grande flagello, pois os remanescentes desses bandoleiros, como Lampeão e seus companheiros, abandonaram o Estado.

Muito contribuiu para isso o facto do Governo haver recusado qualquer ligação com os protectores de bandidos, punindo-os ou afastando-os das relações officiaes.

Foi uma providencia efficaz determinar-se que o julgamento dos que foram capturados se fizesse pelo necessario desaforamento em municipio diverso daquelle em que o crime havia sido commettido, evitando-se a intervenção dos padrinhos poderosos na occasião do julgamento perante o tribunal do jury.

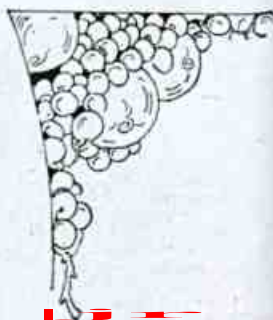
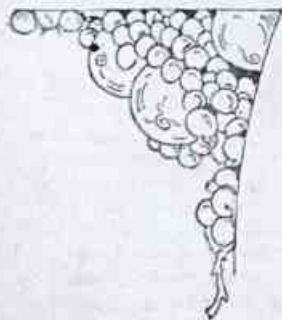
OUTROS PROBLEMAS

A mensagem refere-se ainda a outras questões de capital importancia para o desenvolvimento e progresso de Pernambuco.

Entre os trabalhos mais efficientes realizados durante o governo do sr. Estacio Coimbra, estão as obras do porto, a a organização sanitaria, comprehendendo o saneamento das cidades do interior, a viação ferrea do Estado e outros de grande relevancia. A mensagem presta ainda informações detalhadas sobre a defesa do assucar, o comparecimento do Estado á exposição de Sevilha, a situação financeira, da qual offerece dados preciosos e trata ainda da divida consolidada.

Em summa, o illustre governador de Pernambuco nada esqueceu nesse documento da exposição dos seus actos ao poder legislativo daquella prospera unidade da Federação Brasileira, revelando a sua alta capacidade de administrador de largo descortino e a sua clara visão dos magnos problemas que interessam de perto á vida do paiz.

# A Mensagem do governador de Pernambuco

## O que tem sido a administração do eminente estadista — (conclusão)

No dia de S. Pedro, que foi, tambem, o seu dia, porque a sua data natalicia, s. ex. revma. o sr. nuncio apostolico, d. Aloisi Masella, celebrou missa na egreja do Convento do Carmo, no largo da Lapa. Esta photographia fixa um detalhe dessa cerimonia religiosa.

## FELICIDADE

*Felicidade, rutila mentira*
*Que, com fé, soletrei desde menino,*
*Supremo bem a que minh'alma aspira,*
*Luctando contra a força do destino.*

*Felicidade, ideal que tenho em mira,*
*Thesouro dos thesouros resupino,*
*Linda miragem que me enleva e inspira,*
*Num anseio de amôr, eterno hymno.*

*Felicidade, emtanto, em que consiste?*
*De que te adornas, ó felicidade,*
*Ideal dos sonhadores e dos tristes?*

*E's, porventura, o amôr? E's a verdade?*
*E's a esperança? Por acaso existes?...*
*E's a recordação — és a saudade!*

José Ventura Martins.

### CHI LO SA?...

Elle, homem de moral segura, educação aprimorada, viajava todos os dias de Nictheroy para a capital da Republica, e com elle, infallivelmente, viajava tambem linda pequena, que sempre se lhe sentava perto.

Ha dois annos habituados a viajarem juntos, a olharem-se e não se falarem, já sentia elle falta della no dia em que por qualquer motivo, não apparecia na barca.

Sem saber por que, desapparece de vez a linda pequena. E fica elle com saudade da companheirinha, para si, anonyma. Nunca mais a vê, e anda a scismar acêrca do que lhe poderia ter acontecido. Mudára-se de Nictheroy?...

O outro dia, passava na rua São José, e encontrou-a de braço dado com um senhor avantajado, de corpo. Ella tão debil, tão delicada, tão mimosa; e o tal senhor, um contraste em tudo.

Sentiu elle grande commoção. Parou para se certificar. Ella o encarou; pela primeira vez sorriu para elle. E aquelle sorriu francamente, o enfa-...

Todavia continua a scismar: Quem será?... Que lhe teria acontecido?...

Chi lo sa?...

### COISAS

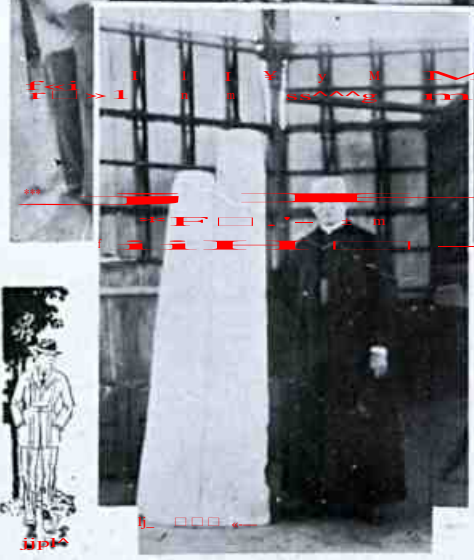
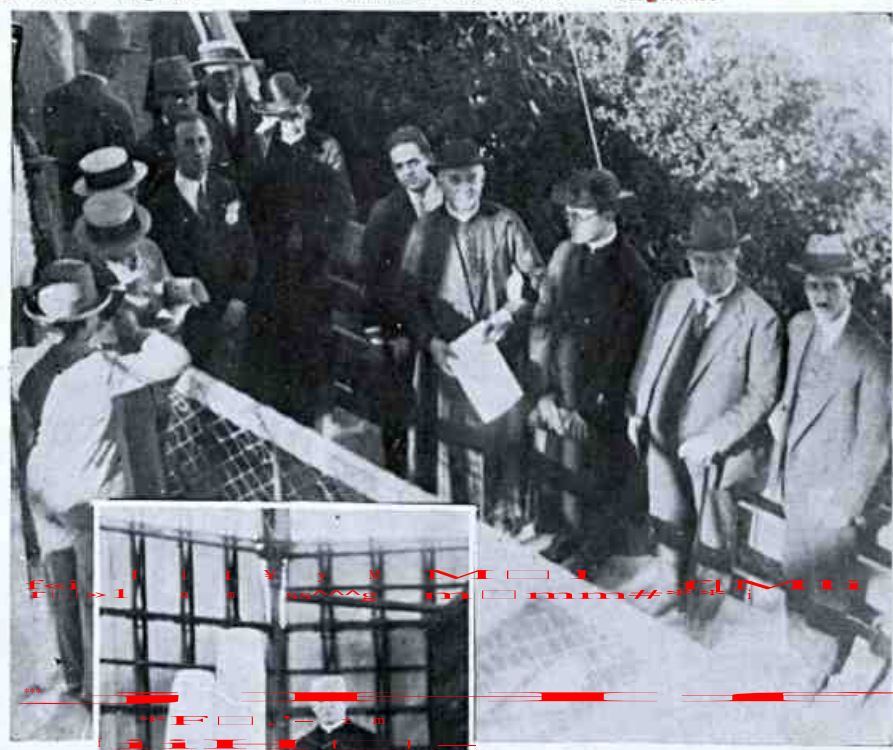
Pelo feitio das coisas, parece que a Avenida, a nossa principal via publica, será transformada num verdadeiro "Far-West". A cada instante, por dá cá aquella palha, homens, e até mulheres, descarregam armas a esmo, numa sanha sanguinaria de arrepiar os pacatos transeuntes que, nada tendo com a historia, apanham, entretanto, quasi sempre, as sóbras...

Os factos, á força de repetidos, assumiram um aspecto grave, intoleravel para os nossos fóros de civilizados.

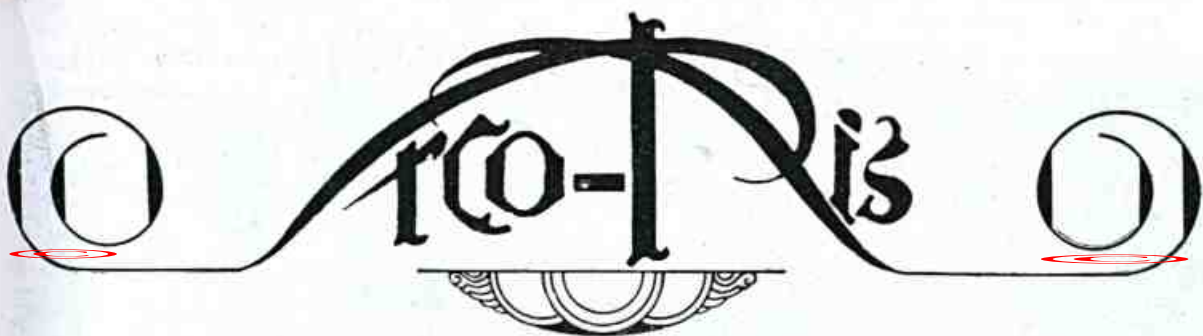
Numa cidade policiada, o uso de armas levia merecer séria repressão, castigando-se summariamente os contraventores da lei.

Isto, porém, não se dá no Rio, onde agora a moda é matar em pleno coração da cidade, de preferencia nas proximidades da Cinelandia, ponto de convergencia de senhoras e crianças.

Por fim, a complacencia do jury secunda a tenevolencia da policia, e os matadores animam-se á pratica de novas façanhas.

Como isto nos cobre de vergonha!

### CHRISTO NO CORCOVADO

A commissão central, encarregada da construcção do monumento a Christo Redemptor, no alto do Corcovado, convidou a imprensa e, particularmente, o FON-FON, para uma visita ás obras desse grande monumento nacional que brevemente alli se erguerá, como um symbolo da religião do nosso povo. Ahi estão dois flagrantes dessa visita jornalistica.

Photographias tomadas na Escola Alcindo Guanabara, por occasião do solemne encerramento das aulas da primeira época escolar. Apparecem ahi alumnos dos diversos cursos daquelle estabelecimento e, ao centro, um grupo de paes e professores dessas crianças. Entre outros, se vêem o professor Luiz Duarte da Gama, presidente do Circulo de Paes e Professores da Escola Alcindo Guanabara, as professoras d. Maria Imbuzeiro, que representou na solemnidade o dr. Costa Senna, inspector escolar do respectivo districto, e d. Andréa Fonseca, directora da mesma Escola, além de outros membros do magistério municipal.

### O TOQUE DE ASUÊRO...

Fui te falar em "toque" — Deus do céo! —
compuzeste os cabellos num retoque,
logo pensaste numa nova "toque",
algum novo modelo de chapéo...

Não é isso, menina.
Sciencia para vocês é um destempêro,
mas, desculpem-me: a moda... em medicina,
é o toque... de Asuêro.

Em que consiste o toque? não te apresses.
Só quem não vive ás pressas é feliz.
Toque de moça "chic", os que conheces,
é feito de "ff" e "rr", "ll" e "ss",
um toc, um tic, um laço... um desespêro...
Minha querida, o toque de Asuêro
é um toque no nariz.

E' um toque simples. Mas com o toque, apenas,
move-se o braço, ergue-se a perna, e, zás!
Si é rapaz, vae, num impeto, ás pequenas,
e, si são pequenas,
mal recebem o toque,
lá se vão — toc, toc,
procurando o rapaz...

Paralytico, velho, entre caretas,
bebe o remedio, passa o iodo, com remoque.
Mas, agora, sacodem-se as muletas,
Nada. O que vale é o toque.

E' uma revolução no corpo clinico
da cidade!
Olhem. Não sou "poseur", farçante ou cynico,
mas acho que isso tudo é ingenuidade.

Digo-o affrontando todo senso critico,
digo-o, sem mais refolhos,
que nenhum paralytico,
já sem recurso algum, em desespêro,
resistiria ao toque de Asuêro,
ao toque de Asuêro dos teus olhos...

## CONSELHO

Ingênua creatura que pretendes saber se o homem que tu adoras te ama com um «amor-paixão» indaga, antes de tudo, da primeira juventude de teu amado. Todo homem digno e distincto foi, sem duvida, nos primeiros passos da sua vida, um enthusiasta ridiculo ou um desventurado. O homem de humor alegre e doce, de felicidade facil, não poderá amar-te com a paixão que teu coração reclama.

**Stendhal.**

REALIZOU - SE, sabbado ultimo, nos escriptorios da firma Daudt, Oliveira & Cia., á avenida Mem de Sá, 261, a cerimonia do sorteio relativo ao «7º Concurso da Carta Enigmatica», instituido pelo «Almanach d'A Saude da Mulher para 1929», e que alcançou, como os anteriores, grande exito, dada a acceitação que teve por parte dos leitores daquella publicação annual. Estão aqui dois flagrantes desse acto solemne, vendo-se os representantes do governo e da imprensa presentes ao mesmo, além dos chefes da firma Daudt, Oliveira & Cia.

## NOITE DE LUAR

Noite linda de luar!

Na opalescencia do céo, alto e limpo, desabrochava a lua, rosa de mysterio, rosa divina, rosa de luz... E a sua resplandecencia lactea enchia os espaços infinitos.

Noite linda de luar!

Abro a janella de meu quarto. Onda fresca de perfume, de envolta com a claridade da lua, invade-o.

Perfume suave... e claridade de lua...

No fundo de meu quintalejo, o jasmineiro rescendia. Adoravel planta! Crescêra no esterquilinio.

Puz-me a pensar que tambem do coração humano, tão cheio de imperfeições, brota, ás vezes, a trescaldante flor de uma virtude...

* * *

Ia linda a noite de luar!

Fitei novamente o céo. Parecia immenso altar-jour de opala. E a lua, perola das noites, suspensa lá em cima, bem no alto. E a claridade morbida enchendo os espaços, derramando-se fria sobre a natureza adormecida.

Dois interessantes filhinhos do senhor João Caruso, agente do FON-FON em Nova Friburgo.

Noite linda de luar!

As estrellas, palpitantes de alegria, scintillavam.

Estrellas...

As mulheres são estrellas... são enigmas... são pontos de interrogação...

E dentro da minha fantasia, clara como aquella noite de lua, eu vi um vulto de mulher e um ponto luminoso de interrogação...

Vulto de mulher... ponto de interrogação... noite de luar...

Quantos sonhos lindos!

E como era linda aquella noite de luar!

Lembras-te?

*José Benedicto Cursino.*

## GOTTAS ESPIRITUAES

Não temos tanto direito a consumir felicidade sem produzil-a, como consumir riqueza que não produzimos.

**George B. Shaw.**

# SURTOS DE PROGRESSO DO RIO

Acompanhando intelligentemente o progresso commercial, talhado nos moldes modernos de satisfazer as exigencias do nosso grande meio, fruto das mais lisonjeiras compensações do grande esforço e trabalho, consolidados na fecunda formação do seu futuro, acaba de ser inaugurada, no dia 1 do corrente, á rua do Ouvidor, 189, a PAPELARIA GLOBO, com suas novas e modernas installações, dotada de todos os requisitos para attender, com presteza, a sua numerosa clientela, cuja preferencia virá, assim, augmentar seu credito e expansão, offerecendo-lhe novos e excellentes «stocks» importados, assim como os fabricados em suas officinas.

Dos seus principaes artigos, contam-se variadissimos sortimentos de livros em branco para escripturação, artigos para escriptorio, engenharia, desenho, pintura e objectos uteis para presentes.

Causou-nos optima impressão o visitarmos as officinas de typographia, litographia, encadernação, pautação, riscação e alto relevo, onde taes trabalhos são executados com segurança e presteza, a preços razoaveis, por profissionaes competentes, no que muito se recommenda a actividade e conceito em que é tida a firma A. Vargas & Cia., composta dos estimados commerciantes Srs. Arlindo Vargas e Raul do Prado Rebello, muito considerados nesta praça, aos quaes felicitamos.

Fundada em 1924, a PAPELARIA GLOBO segue sempre sua rôta de trabalho, bem servindo sua clientela, obtendo, por parte do publico, a maior preferencia na acquisição de trabalhos e mercadorias, e a ella tambem facultando as melhores vantagens em suas offertas, facto este que vem comprovando seu desenvolvimento, necessitando de maiores expansões para attender sua freguezia. Installou-se, desse modo, com conforto e gosto, á rua do Ouvidor, 189, onde ora se acha, isto é, no ponto mais central da nossa urb que, effectivamente, se sentirá honrada com mais este estabelecimento, que vem, em muito, contribuir para o nosso constante progresso.

Nos confessamos gratos pelo gentilissimo e fino trato que nos dispensaram os socios da firma A. Vargas & Cia., fazendo sinceros votos de felicidade pelo desenvolvimento da PAPELARIA GLOBO.

# O Vendedor de felicidades

HAVIA em outros tempos, não sei em que cidade da Attica, um pobre vendilhão que mercadejava com a felicidade. A sua tenda era a mais bem sortida de todas que havia no povoado, pois o seu precioso artigo, como ainda hoje, era muito procurado.

E' preciso dizer que na casa do vendedor de felicidade havia de tudo com que satisfazer as exigencias dos freguezes. Havia alli todas as especies de felicidade: duradouras e solidas; umas, as dos sabios; seductoras e frageis, outras, para a clientela pouco séria; as felicidades de um instante, que se compram a preço de ouro; tudo, emfim, até a felicidade perfeita dos sonhadores e poetas.

"Eis ahi, dirão certamente, um commercio que deve ser lucrativo como nenhum outro". Pois bem: não o era. O pequeno mercador vivia pobremente; e isto porque tinha umas idéas singulares.

Isento da habitual cobiça dos homens de negocio, apenas acceitava um modesto obolo em troca da felicidade que dava. O essencial para elle era que o freguez fosse digno da sua mercadoria, e muitas vezes recusava as maiores offertas dos ricos, se desconfiava que elles não mereciam a felicidade.

Um dia apresentou-se em sua casa um pescador da Argolida.

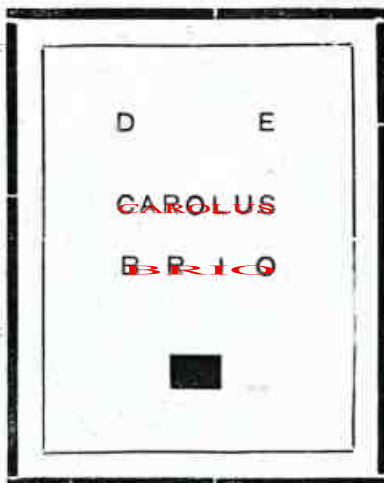
— Mercador! — disse elle — desejaria a minha parte de felicidade. Mas não te occulto que sou pobre e não te posso pagar bem.

— Eis ahi uma confissão espontanea — pensou o negociante — uma confissão espontanea e sincera, nada commum entre os homens que caminham.

E observando o novo cliente, causou-lhe impressão o ar de franqueza que emanava do seu rosto.

— Que especie de felicidade deseja, joven? — perguntou elle.

— Não tendo experimentado felicidade alguma em minha vida, confesso que, na realidade, não saberia dizer-te qual a que desejaria. Faze o que te parecer melhor, e dá-me a felicidade mais procurada.

Commovido com tanta prova de confiança e resolvido a recompensal-o como bem merecia, deu ao pescador o amor de uma joven pura.

Durante um anno o rapaz foi o mais feliz dos homens. Mirtis, a sua esposa, era a mais bella e virtuosa de todas as mulheres da aldeia. Não desejando senão agradar ao esposo, cuidadosa, boa dona de casa, vestia-se com trajes apropriados para fazer resaltar a sua elegancia de fórmas e enchia o ambiente com as suas canções, que eram as mais lindas do mundo.

Todos os pescadores daquella região invejavam a ventura do seu companheiro. Mas elle se havia acostumado de tal modo, á sua felicidade, que já não a apreciava mais: "O vendilhão — pensava elle — enganou-me. O seu presente era de acção ephemera".

E, avido de novos prazeres, foi procurar o mercador.

— Daste-me uma felicidade de aspecto seductor — disse elle — mas de qualidade mediocre. O tempo já a destruiu. Já não existe nada della.

O vendedor sorriu com tristeza.

— Quando se aspira o perfume das rosas, diariamente, deixamos de sentil-o.

E prometteu-lhe uma felicidade nova.

Quando este voltou á aldeia, achou a sua casa vazia. Mirtis havia desapparecido com a sua alegria e as suas canções! Uns piratas a haviam roubado e levado no seu barco.

O pescador chorou muito. Mas, emquanto se lamentava, passou uma joven que lhe perguntou o motivo de suas lagrimas.

Elle lhe deu a explicação pedida e a moça deu sonora gargalhada.

— Como? — exclamou. — Não é mais que isso? Choras por que perdeste o beijo de tua esposa? Vou seccar as tuas lagrimas.

E tirando uma flôr que levava na tunica, deu-lh'a a cheirar.

Immediatamente sentiu o pescador uma sensação deliciosa dominar todo o seu ser. Desvaneceu-se a recordação de Mirtis. Comprehendeu que só o amor de Calia poderia fazel-o feliz.

— Fica commigo — supplicou.

E a joven ficou.

Desta vez, a felicidade não durou senão uma primavera. A nova esposa do pescador era voluvel, colerica e mentirosa. O mel dos seus beijos perdeu todo o sabor, e o infeliz passou a sua vida, dia e noite, no sua embarcação, para fugir do inferno de sua casa, onde a felicidade não era possivel.

O pescador viveu horas de suprema angustia. Não sabia ao certo em que residia a felicidade de sua vida: se no primeiro amor ou no segundo.

Emfim, não podendo mais soffrer, foi ver nova felicidade.

— Devolve-me — pediu elle ao vendedor — o amor da terna Mirtis, e tudo o que possuo será teu: meu bote, minhas rêdes, a minha casa e as praias onde pesco. Devolve-m'a ou eu passarei o Acheronte.

O mercador deixou-se commover.

— Assim seja! — disse. — Attendo o teu pedido. Primeiramente, dei-te a felicidade sem acceitar remuneração; hoje, a offerta de todos os teus bens é insignificante em comparação com o meu presente, pois te dou mais que a felicidade: ensino-te a arte de ser feliz.

# Uma inauguração sensacional

A conhecida e conceituada Perfumaria Carneiro, de propriedade dos Srs. Carlos Carneiro, Hugo Carneiro e Tharcilio Nascimento, sob a razão social de Carneiro, Nascimento & Cia. Ltda., inaugurou, no dia 22 de Junho p. p., uma Filial, nesta Capital, sita á rua do Ouvidor numero 138.

O acto inaugural, que se revestiu de toda a solennidade, teve a presença do representante do Exmo. sr. Dr. Mello Vianna, vice-presidente da Republica; de Senadores, Deputados, representantes da imprensa, commerciantes e grande numero de senhoras e senhoritas da nossa «élite». A's 14 horas, teve logar a benção do predio, dada pelo illustre Monsenhor Maximiano da Silva Leite, capellão do Convento de Santa Thereza. Foi, em seguida, servido aos presentes, «champagne» e um lauto «lunch», sendo depois franqueado ao publico o novo estabelecimento, que vem concorrer para o progresso do nosso alto commercio.

Dentre as varias e bellas exposições de afamados artigos, destacava-se a do Sabonete «33», que, como producto geralmente apreciado e recommendado, pela nossa sociedade, não poderia faltar em estabelecimento dessa ordem.

Felicitamos a firma Carneiro, Nascimento & Cia. Ltda., augurando as maiores prosperidades á sua Filial.

## Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

*Meu rosto é fino e macio*
*Não temo o rigor do frio*
*Nem as ardencias do sól...*
*Isto diz, conscientemente,*
*Quem, no banho, usa sómente*
*O sabonete* EUCALOL

Fernandes Burlamaqui.

*Rua da Alegria 507-Casa 1 — Rio...*

# VARINHA DE CONDÃO

*BIOMBOS MODERNOS*

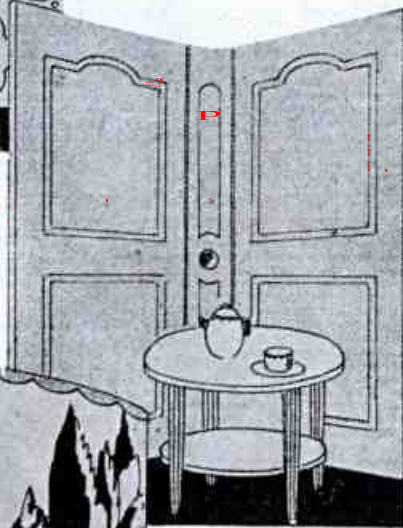
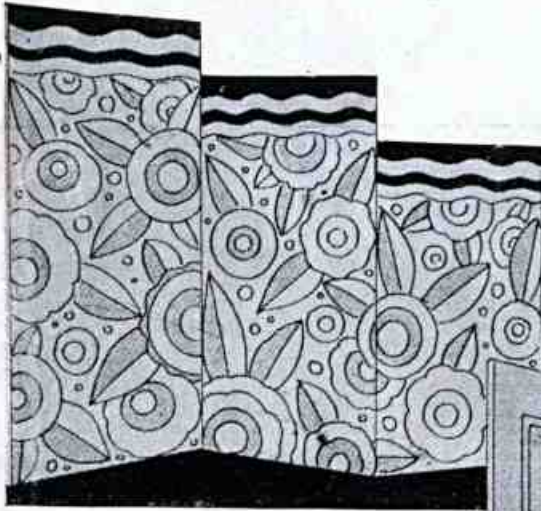
Uns tempos despresados, voltam os biombos a ter logar preponderante nos aposentos modernos. Elles completam harmoniosamente os mobiliarios antigos e modernos, escondem, com graça, um movel util mas inesthetico, ou servem para formar um pequeno recanto intimo num salão. Outras vezes formam fundo para um sofá ou enquadram algumas poltronas convidativas para a conversa ou a hora do chá.

No alto e em baixo da gravura apresentamos dois modelos de biombos modernos. O primeiro é forrado de papel ou de tecido com grandes desenhos decorativos de tons vibrantes, conforme manda o gosto actual. Os paineis, de tamanhos diversos, em escala ascendente, são sublinhados em cima por barras lisas.

O segundo ostenta uma pintura a traços largos representando um assumpto de caça, a menos que prefiram uma paizagem tratada do mesmo modo.

O primeiro é mais proprio para quartos e, collocado num dormitorio moderno, mobiliado com um leito-divan, dissimula a penteadeira e transforma o aposento em sala. O segundo isola a pequena secretária da sala de jantar e esconde a bibliotheca, dando ao trabalho e á leitura a solidão que lhe é necessaria.

E se acaso fôr um mobiliario antigo ou rustico que desejarem completar com um biombo, mandem executar o que vêem na figura do meio. E' feito de duas portas de madeira ligadas por um painel estreito; por traz forra-o cretone florido ou tela de Jouy, segundo o estylo das portas empregadas.

A ultima novidade em materia de biombos, são os de espelho, com tres paineis, permittindo á dona mirar-se em todas as posições. Substituem, com vantagem, as portas de espelho dos armarios, nos quartos em que estes sejam embutidos (closed). São, por traz, forrados de chitão, liso ou pregueado.

*DE FORNO E FOGÃO*

Petite Source, minha sympathica e erudita collega, cita no seu artigo sobre o divorcio, transcripto por Heitor Lima no "Correio da Manhã", um autor allemão, o qual diz, se me não falha a memoria, que a diaria preoccupação da cozinha envelhece precocemente a mulher e transforma qualquer criaturinha alva e rosada numa mumia negra e resequida.

Que horror! Vamos ver se evitamos, tanto quanto estiver na medida de nossas posses, ás gentis leitoras desta revista, tão nefastas cogitações.

Por hoje, damos o menu de um jantar:

Sopa de espargos
Pescada guizada
Costelletas de vitella á marinheira.
Pastel de creme de banana.

Sopa de espargos. — Toma-se meio kilo de espargos, cortam-se as ca-

tas á altura de quatro centimetros, as quaes se collocam de parte. O resto corta-se em pedaços, cozinha-se em caldo e passa-se depois por um passador. Então faz-se dourar ligeiramente ao fogo uma colherada grande de maizena em manteiga; junta-se o caldo e deixa-se cozinhar bem com as cabeças de espargos. Depois augmenta-se com o purê de espargos, no qual se mexem duas gemmas de ovos dissolvidas num pouco de creme ou leite.

*Creme de bananas* — Quatro colheres de sumo de limão, duas bananas grandes, duas colheradas de maizena, meia taça de assucar e uma chicara de agua fervida. Cortam-se as bananas e passam-se por uma peneira. Junta-se-lhe o sumo do limão immediatamente para que as bananas não percam a côr. Ponha-se-lhe depois a maizena, o assucar e a agua, lentamente, e vá-se mexendo tudo muito bem. Leve-se ao fogo e deixe-se ferver durante dez minutos. Este creme serve-se com qualquer torta ou pudim.

## *CHAPÉOS DE INVERNO*

Emquanto em Paris a primavera trazia novamente os chapéos de palha, de abas mais ou menos largas, cujos modelos ainda pegavam o fim de nosso verão, tinhamos nós que principiar a rever nossos feltros... Assim, retomamos, como é natural, os modelos francezes do inverno passado, na inversão das estações que raro permitte ser de circumstancia para nós os ultimos figurinos parisienses.

Em relação aos chapéos, visto nosso inverno ser curto e pouco rigoroso, muito conveniente é, entre nós, a fantasia da mistura de palhas com o feltro, se obtendo, assim, modelos cujo aspecto é de meia estação, que se aproveitam por mais tempo, e servem para maior numero de vestidos, desde o costume de lá até á *toilette* de georgette.

Offerecemos tres graciosos feitios de palha e feltro: o da figura 1 é de Bengalie beige com aba de feltro marron, muito levantada sobre a testa e pregueada do lado; enfeita-o um ornamento de palha-soutache, retendo umas applicações de feltro marron.

Na figura 2 vê-se um chapéozinho de palha verde jade, cuja aba é forrada de feltro de seda negro, recortada na frente, levantada e presa por dois cutellos de onix.

O modelo da fig 3 é de feltro macio, côr de ouro pallido, pregueado sobre a testa de modo a deixar apparecer uma banda de palha marron. Adorna-o um pregador de topazio sobre o lado, e traz um pequeno véo de tulle.

CINDERELLA.

*Fig. 1*

*Fig. 2*

*Fig. 3*

# OS ARCANOS DO DESTINO

## De JULIO ARAMBURU

SENTADA sobre uma pedra vermelha, os pés nús na corrente fria, Malena Doril olhava a agua correr, mansa e transparente.

A caricia molle da onda lhe produzia uma doce sensação refrigerante.

Livre de qualquer preoccupação de espirito, comendo grãos de amoras, do cesto que trazia sobre os joelhos, ella ia manchando os labios e os dedos de uma violenta côr de sangue.

O rio sereno reflectia o claro fundo do seu leito de areia, coberto de pedras e seixos escuros. Os peixes prateados — em valente fugia — roçam-lhe os pés com as barbatanas rispidas e tremulas.

A paz infinita dos campos verdes, banhados de ouro pelo sol, se quebrava com o trino dos passaros e murmurio rouco do rio.

Doril era uma pastora dos arredores de Sora, situada nas terras de Jujuy. Bella moçoila serrana, tinha o cabello ruivo, olhos azues, tez pallida, e um negro lunar nas pupillas.

Naquelle dia, desde o raiar da aurora, vagava, satisfeita, pela campina florida. Havia esquecido os deveres de casa e de explicar a sua partida precipitada.

Sob um capricho da sua juventude, ella escravizava, sem maldade, o dever e a obediencia maternal.

A' noite, cahiu uma grande tormenta na comarca. Pelos caminhos humidos, ficavam as marcas dos passos dos caminhantes, e as alpercatas se enchiam de barro.

Nos ramos das arvores, tremiam de frio os passaros e os ninhos. A larga estrada por onde se ia colher amoras lhe havia produzido cansaço e prostração. Sentia calor, desgosto e ansia de tomar um banho refrescante e tranquillo.

Só, livre de todo olhar humano e indiscreto, não vacilla. Tira os pés dagua, recolhe a roupa e corre para a margem do rio, a fica á sombra de uma grande arvore florida.

Alli, contempla a decoração do valle, o ouve o chilro das cigarras, o gorgeio das aves e começa a tirar a roupa de verão que trazia. Roupa, anaguas e adornos fazem um montão de brancuras sobre as pedras mortas. Novamente observa para todos os lados e ante a confiança cega de uma solidão absoluta, entra na agua, estremecida e fragrante.

Rompe a lympha e, de prompto, submerge na abundante corrente o corpo pallido. Ri, grita, os nervos estalam por uma impressão organica e entra n'um borbulhar dagua que ferve em espumas de perolas.

Na placidez pagã, a pastora não recorda que na noite anterior cahira tempestade. Não imagina tambem a enchente traiçoeira que descia, pelo rio, arrasando tudo que encontrava á sua frente: animaes, arvores, pedras, paus e troncos seccos.

Seria o destino diabolico da desobediencia, ou a fatal vingança do destino que se interpunha nessa encruzilhada de morte e castigo?

Humanamente, ninguem comprehendeu a razão do que occorria.

Sem embargo, a natureza selvagem se preparava para o seu cruel designio.

Um rumor confuso e tumultuoso vinha bramando, de longe. Doril não sentia a resonancia destruidora.

Ella seguia, tranquilla, brincando no remanso da agua.

Salta, grita, sobe e desce das margens correndo ou pulando para o rio, n'uma victoria pueril. A sua cabelleira, ondulante e humida, resplandecia ao sol como um limpido metal. A um tempo, o seu collo e hombros nús apparecem á flôr d'agua e desapparecem... Era uma visão paradisiaca.

Nadando agora devagar, a pastora não ouve o bramido da torrente. O influxo das aguas turvas e crespas ia chegando, com vehemencia e loucura.

As ribanceiras transbordam.

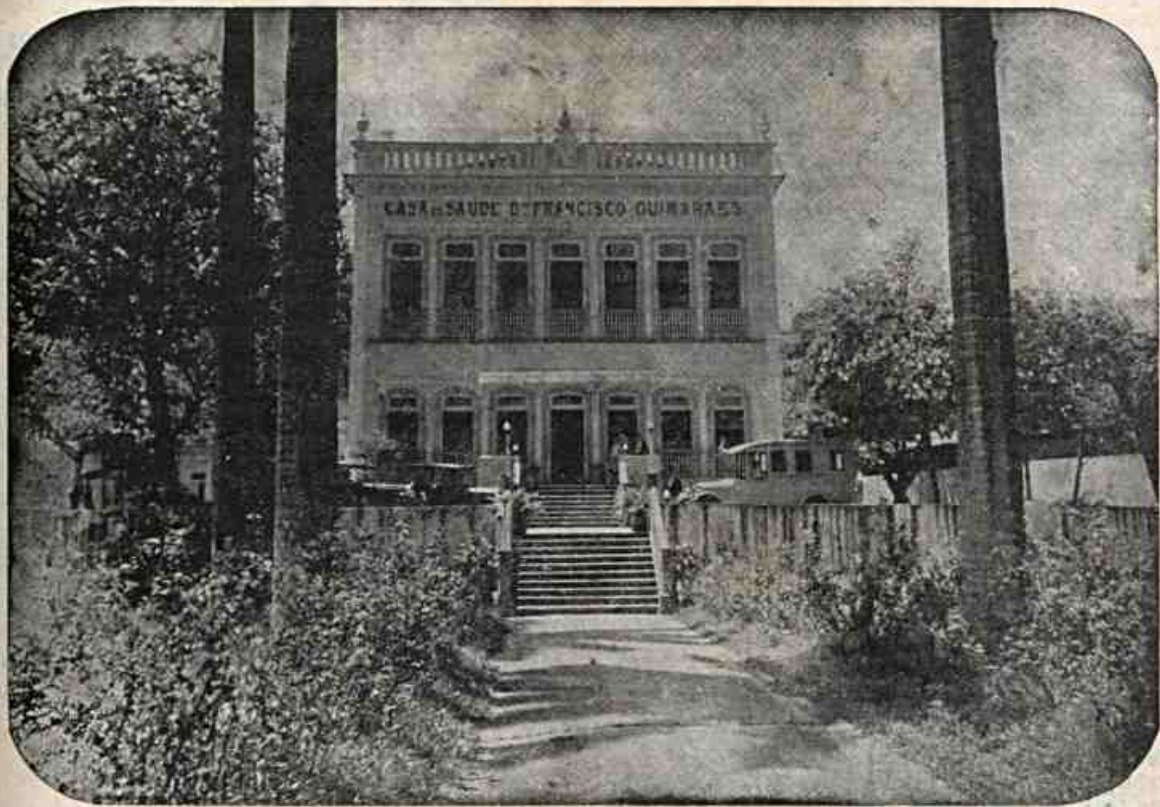
Quando Doril vê essa invasão de lado, paus, ramos, detritos de toda especie, um grito de terror põe de pé, assombrada.

Mas é inutil a advertencia. Inutil e tardia. O seu esforço, para fugir é improficuo. E a sinistra alluvião a sepulta na corrente.

O rio, enfurecido, segue o seu curso implacavel e rude. O sacrificio dessa alma ingenua e bella não o commove.

A pobre pastora se empenha numa lucta impotente e vã. A sua voz debil, os seus pedidos de soccorro ninguem os escuta. A desesperação em que a está a fazem perder os sentidos. E a Morte terrivel corta o fio fragil da sua vida.

Malena Doril deixou uma recordação melancolia de mysterio.

Os moradores da comarca de Sora contam que nas tardes diaphanas — ao compasso de um lamento angustioso e tragico — vêem a cabelleira da afogada fluctuar como uma mancha de ouro sobre a furia negra do rio.

## REFORMADOR DA CUTIS POR ABSORPÇÃO

(Do "Woman's Magazine")

Si a sua cutis está estragada pela pallidez, manchas ou sardas, de nada serve o uzo de pó, pinturas, loções, cremes ou outras cousas para fazer desapparecer esses contra-tempos e ao menos que tenha a habilidade de um artista, desfigurará o seu rosto muito mais.

O novo methodo admittido é livrar a cutis de todas as suas faltas offensivas. Compra-se um pouco de cera pura mercolized (em inglez pure mercolized wax) numa pharmacia, applica-se ao rosto, como si fôra cold cream, e lave-se pela manhã com agua quente e sabonete, salpicando-se com um pouco de agua fria.

A pure mercolized wax absorve a parte amortecida da pelle, em pequenas partes, de maneira que ninguem nota que se está transformando o rosto, a não ser pelo resultado que é verdadeiramente maravilhoso.

Nada a póde igualar, para conseguir uma cutis saudavel e formosa.

### OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desappareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.



# Nos Cinemas

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM —

## UM GRÃO DE AREIA

DA TIFFANY-STAHL — (*Programma Serrador*)

Cinema ODEON — Como argumento, é um film simplesmente encantador, d'aquelles bons enredos que antigamente nos surgiam e de que, hoje parece se ter perdido a memoria. E' um grande drama de amor, de linhas bem humanas, em que a fantasia entrou em muito pouco. A direcção, que não tinha muito a que se entregar, é bôa. A technica, superior. Mas no film, o trabalho que está sobre todos os aspectos é a interpretação. Ricardo Cortez vinga-se n'esta pellicula d'algumas fraquezas anteriores. Claire Windsor dá uma grande vida ao seu papel de seductora. E', emfim, um film de muito merecimento, que deve fazer uma linda carreira.

Cotação — BOM

## O DINHEIRO DA' CORAGEM

DA FIRST NATIONAL

Cinema GLORIA — Decididamente, os assumptos de magia, de superstições, estão dominando os "studios" americanos. Falta de assumpto?... E' possivel. A verdade é que raros são os mezes em que não nos aparece por ahi uma *Ultima ameaça, Um gato e um canario, Um Dinheiro dá coragem*. Este, porém, resvala um pouco para o ridiculo e desperta o gargalheiro. Valha-nos isso. As situações são interessantes e demonstram a vantagem que apresenta o cinema para a verosimilhança (se assim se póde chamar) de certos "trucs" que no theatro eram impossiveis ou imperfeitos. O film é uma hora de riso para a gente de bom figado. Para os que pretendem uma obra de arte, não serve.

Cotação — SOFFRIVEL

## REVANCHE

DA UNITED ARTISTS

Cinema CAPITOLIO — Não sabemos bem por que se conservou, nos cartazes brasileiros, o titulo original, acrescentado da traducção! Que diabo pensará esta gente da mentalidade do publico carioca?... O film não apresenta originalidade. Aspecto agradavel, apenas o da inter

# da Avenida

**SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL**

pretação. A curiosidade da indumentaria e ensceenação não nos dá nada de novo. A' parte technica acompanha, até certo ponto, a interpretação. Entretanto pode-se affirmar que Dolores del Rio não acrescentou, com esta pellicula, cousa alguma ao seu prestigio. O argumento é d'uma banalidade fatigante.

Cotação — SOFFRIVEL

## BROADWAY MELODY

**DA METRO**

Cinema PALACIO — Foi o primeiro film falado que se ouviu no Rio de Janeiro. O publico que o admirou foi multidão. Póde-se dizer-se que bateu o "record" da bilheteria em todos os tempos. E' lamentavel que o dialogo fôsse em inglez, lingua que noventa por cento das pessoas não comprehende. Com o dialogo, muito logicamente se prescindiu das legendas. A confusão foi ainda maior. Mas deixando de parte essa circumstancia, cumpre-nos analysar o film em si. E' uma historia de bastidores, profundamente emocionante, d'uma enternecedora ingenuidade. Dá margem a uma intervenção de quadros intensamente alegres e brilhantes, que quebram, para prazer do publico, a parte sentimental do argumento. A musica synchronica da pellicula é delicada e de grande harmonia. A direcção, excellente, e a parte technica, muito cuidada.

Cotação — BOM

## O ENFATUADO

**DA COLUMBIA**

Cinema CENTRAL — Drama popular americano, com todos os matadores: — "box", uma pobre mãe paralytica, uma namorada ingenua. Conclusão: nada de novo. Mas, apesar d'isso, seria injustiça negar-lhes emoção, tanto mais que entre os seus interpretes se encontra essa admiravel artista que é Mary Carr. E' uma pellicula destinada a platéas populares, onde certamente conquistará um grande agrado, pois lhe não faltam situações emocionantes. Além de Mary Carr, é de justiça conceder elogios a Mildred Harris, cuja interpretação é de algum valor. Direcção, assim, assim. Tambem, que ha alli que não esteja largamente repetido?

Cotação — SOFFRIVEL

# INNOCENCIA TRAGICA

(CONTO PARA AS MÃES)

De *JUAN JOSÉ DE SOIZA REILLY*

— E' a mãe.

— A mãe. Parece a madrasta.

Realmente, aquella elegante passageira, que viajava para a Europa com as duas meninas, não parecia a mãe. No emtanto, *era, sim, a mãe*. Adivinhava-se o parentesco das tres nos olhos azues, um pouco vivos; no nariz adunco; na bocca que sorria com candida tristeza.

A maior das duas meninas tinha quatro annos. A menor, apenas um.

No começo da viajem todos os passageiros olhavam com sympathia aquella mãe formosa e os dois anjinhos.

Eu descobri a verdade. As joias e as sêdas da mãe, os livros de capas philosophicas — Keyserling, Ortega y Gasset, Tagore — que ella devorava extendida em sua cadeira de viajem, sua maneira suave e musical de dar *bom-dia* ao apparecer no convés, o isolamento "chic" de dama joven que viaja sem marido — toda sua graça, emfim, contrastava com a grosseria dos gritos e das bofetadas que ella, a infame!, vibrava, no camarote, nas duas bonequinhas.

Mais de uma vez eu — que viajava no camarote vizinho — senti desejos de bater na porta mandando-a calar-se, exigindo-lhe um pouco de ternura para as pobres meninas. Conteve-me a honra: a dama viajava sem um homem que a defendesse. Nem pae. Nem esposo. Nem irmão. Ninguem! Viajava só com suas duas filhinhas e uma empregada creoula. Essa infeliz empregada participava tambem dos alaridos e das pancadas de sua linda patrôa. Todo o dia reprimia o desejo de chorar. A' meia noite soluçava debaixo das cobertas. Outras vezes a creoula enjôava. A patrôa ficava indignada. E julgando que ninguem a ouvia, gritava:

— China maldita! Vou atirar-te á agua para que aprendas a viajar!

A creoula soffria, talvez, a nostalgia de sua terra, de sua cidadezinha fluminense, dos campos nativos que cheiravam a pasto. Que differença com aquelle luxo sumptuoso de primeira classe que cheirava a caldo morno de hospital!

No quarto ou quinto dia de viagem — quando os passageiros dos grandes transatlanticos se dividem em grupos, de accordo com suas affinidades — a senhora sentiu-se incommoda em seu isolamento voluntario. Pouco a pouco se foi aproximando dos grupos onde sua belleza era recebida com frialdade, ou melhor, com indifferença. Nem os eternos conquistadores de bordo se animavam a cortejal-a, aproveitando-se apenas da *canja* de viajar sem marido...

Fui eu o culpado daquelle despreso dos passageiros. Minha vizinhança de camarote me havia posto em contacto com a alma canalha daquella mulher. Eu havia divulgado, através das palestras do *fumoir*, meu odio contra essa mulher. E' curioso o effeito que produz nas viagens a transmissão de um odio quando este se inspira na sinceridade.

— Pois fiquem sabendo vocês que essa mulherzinha tão fina e tão formosa — dizia eu — é um monstro de crueldade para com seus dois anjinhos. Bate-lhes, no camarote, até cansar. E a toda hora os ameaça de lançal-os ao mar!

Todos riam de minha revelação. Mas, no fundo, participavam de minha indignação. Si eu tivesse contado que minha vizinha de camarote castigava sua propria mãe, furando-lhe os olhos com alfinete, talvez meus companheiros de viajem houvessem encolhido os hombros com indifferença. No emtanto, se tratava de u'a mãe que castigava suas duas bonequinhas, e isso provoca sempre, nos corações mais sombrios, um éco de piedade que nos afasta um pouco de nossa semelhança com os animaes. Além disso, as duas criancinhas eram tão lindas e tão pallidazinhas! A maior tinha um modo de olhar muito triste. Seus quatro annos não haviam sido, provavelmente, bem desenvolvidos. Suas perninhas fracas, seus braços longos, seu rosto côr de terra eram o producto de uma pessima lactancia. Claro. A mãe, para não perder a belleza e para conservar a linha, com certeza a puzéra, desde pequenina, nas mãos de alguma ama de leite ou a submettêra á alimentação artificial do biberão.

Que outra cousa se poderia esperar de u'a mãe que se encerrava no camarote para esbofetear aquelle esqueletozinho despido que não tinha outra carne além da sêda do vestido?

— Vou lançar-te ao mar!

A menina menor era como uma flôr, com a belleza das bonecas pobres despenteadas, que costumam apparecer nas vitrinas das casas dos suburbios. Não andava ainda, mas seus braços e suas pernas se agitavam em continuo vae-e-vem, com movimento de aza. Ria sem cessar, mostrando dois dentes em cima e dois em baixo, como gottas de leite. Brincava com todas as mãos que a acariciavam ao passar. Divertiam-se os seres e as cousas. Um pedaço de sêda fluctuando ao vento. Um pedaço de papel. Tudo.

Em um recanto da *promenade*, a empregada creoula, com a menina menor no collo, passava horas sonhando. A seu lado, a outra — a de quatro annos — vestia e despia uma boneca, extasiando-se ás vezes, no espectaculo do mar. A mãe se acommodava o mais longe possivel, extendida em sua cadeira, lendo. O isolamento a que a condemnavam os outros, elle o fazia mais duro, permanecendo afastado de suas filhas, com os olhos cravados no livro ou no horizonte. Quando o vapor jogava muito, ella, para não enjoar, fazia longos passeios pelas longas avenidas da cidade fluctuante, ostentando sua belleza olympica com as mãos nos bolsos de seu sueter e o livro sob o braço. Ao passar deante das filhas, a menor — "a bonequinha de mil réis", como eu a chamava — lhe extendia os braços, chorando supplicante. A maior se limitava, alguma vez, a dizer-lhe:

— Adeus, mamãe!

Ella passava, altiva, sem lhes dizer uma só palavra affectuosa, ou desenhava em seu rosto uma careta de aborrecimento. Sempre achava um pretexto para dizer á criada ou ás meninas:

— Não chupe os dedos, idiota! E você, estupida, cale a bocca. Não chore!

Ao oitavo dia de viagem o verniz de cultura que cobria a bella senhora começou a cahir-lhe. Já não occultava seu mal humor para que ardesse dentro do camarote. Agora se aborrecia ao ar livre, castigando as meninas á vista de todos.

Certa vez interviu uma senhora:

— Não seja criminosa, senhora! Não bata desse modo na innocente.

— Quem é você para dar-me conselhos? Sou mãe. E basta. Metta a lingua...

Trahia-se por debaixo das sedas e das joias a lavadeira de arrabalde. Os olhos azues adquiriram um brilho feroz. O rosto, tão lindo havia um momento, se cobriu de um véo de sangue. Toda a cinema que aquella mulher da aristocracia levava escondida em seu luxo, se lhe escapou da alma. Fera

## INNOCENCIA TRAGICA

*(Continuação)*

* * *

Tigre de Bengala dos bairros turvos, que explora seus filhos, vendedores de jornaes...

Depois desse incidente, a dama ficou mais isolada que nunca em seu isolamento de sapos e viboras. Os passageiros, ao vêl-a, se voltavam para o lado contrario, sem cumprimental-a siquer. Ella desabafava com suas filhas. E o peor foi que a empregada — foi atacada de diphteria — foi internada na enfermaria da prôa.

A dama fez procurar entre os passageiros de terceira classe alguma rapariga que, bem paga, lhe quizesse tomar conta dos filhos.

Mas, que vento mysterioso lhes havia levado a noticia de que a dama não tinha coração? O certo é que nenhuma acceitou seu offerecimento.

Agora soffria sem mysterio. Desabafava suas explosões de rancor sobre as pequenas. A menor chorava a cada instante, como si estranhasse a *nurse*.

— Cala-te, animal! Vês a agua? Vês as ondas furiosas? Pois bem: si não te calares, eu te lançarei ao mar!

A seu lado, a outra menina ouvia, tremula, muda, cheia de innocencia. A's vezes, emquanto a mãe descia ao camarote para mudar de traje, ella se encarregava da pequenina.

— Canta um pouco para ella. Procura evitar que ella chore.

— Sim mamãe.

O mar se embravecia. A menina chorava sem consolo, nos braços de sua irmãzinha, que se retorcia em esforços enormes para que não ella não se lhe fôsse das mãos.

— Cala-te, irmãzinha! Olha o mar. Como está lindo, não é verdade? Olha as ondas, como sóbem e descem.

A menina continuava a chorar sem consolo, angustiosamente, dramaticamente. Sua irmã, na desesperação de seus quatro annos, não sabia como deter o ruido de seu pranto. Mostrava-lhe a boneca atirada no chão. Repetia-lhe as mesmas palavras consoladoras ouvidas á china fluminense. Mas tudo era inutil. A pequena chorava cada vez mais forte...

Então pensou que talvez ella se acalmasse si lhe repetisse as mesmas palavras que a mãe dizia frequentemente, para fazêl-a calar. E si désse tambem um beliscão?

Experimentou.

— Cala-te! Toma este beliscão. E si não te calares ainda, vou atirar-te de cabeça ao mar.

A menina continuava chorando.

— Cala-te, enjôada, sinão eu te lanço á agua.

A menina chorava. Então ella, louca de medo pelo castigo que lhe daria sua mãe si voltasse e encontrasse a pequena chorando, se aproximou da borda do navio. Levantou a menina, beijou-a na fonte e lançou-a ao mar.

— Agora — disse comsigo — mamãe vae ficar contente. A maninha não chora mais.

Apanhou a boneca do chão. Sentou-se com ella na cadeira e cantou:

*Arrorró, meu menino,*
*arrorró, meu sol...*

(*Traduzido especialmente para o* "FON-FON", *por* M. C.).

---

# CRUZADA DE COOPERAÇÃO NA EXTINCÇÃO DA FEBRE AMARELLA

## APPELLO ÁS DONAS DE CASA

AINDA se vêm encontrando fócos de mosquitos em latas inuteis, deixadas ao abandono nos quintaes, ou em terrenos baldios, para onde, muitas vezes, são atiradas.

A Cruzada appella para as donas de casa, pedindo-lhes que façam reunir as latas em um só logar, no quintal, para que os "mata-mosquitos" as encontrem facilmente, para removel-as.

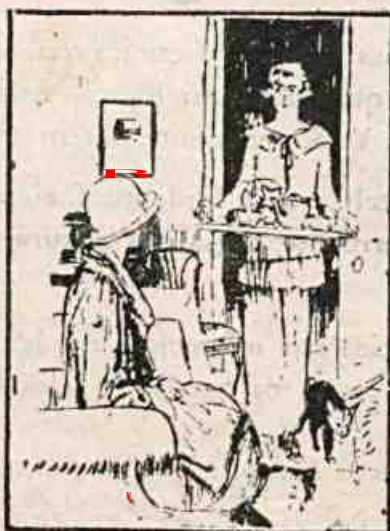
A Cruzada pede, ainda, que não se permitta atirar latas nos capinzaes e moitas, pois, assim escondidas, mais facilmente podem escapar á attenção dos "mata-mosquitos" e em pouco tempo serão novos fócos de estegomias.

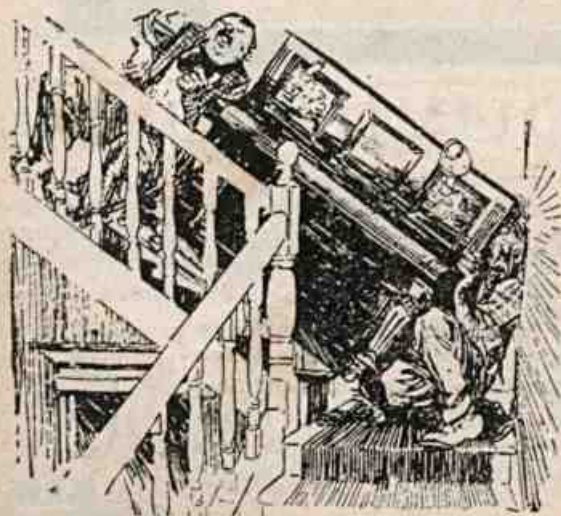
Attendendo a este appello, as donas de casa prestarão um grande serviço a favor da saude e do bom nome da nossa Cidade.

# ESPIRITO ALHEIO

RECOMMENDAÇÃO

A criada (que deixa o emprego).
— Senhora, ao abandonar esta casa, sinto-me tão feliz como seu pobre esposo, que em paz descanse...

SERVIÇO MODELO

A visita — De modo que tua criada te deixou?
A dona da casa (pensando em sua louça quebrada). — Sim. Mas não penses que ella me deixou muita cousa...

— Isto é intoleravel! E' este o terceiro operario que daqui me sahe sem aviso prévio!

— Espera um bocadinho, que meu cachimbo se apagou...

UM ERRO GRAVE

— Commetteste algum erro grave, na escola?
— Sim, papae. Respondi a uma pergunta a que Carlinhos não soube responder.
— Mas isso não foi erro algum.
— Foi, sim. Porque, á sahida, elle me deu uma série de pontapés...

UM BOM EMPREGO

— E você, que pretende ser neste restaurante?
— Reclamo. O senhor me põe comendo, na vitrina.

AS FILHAS MODERNAS

— Dançaste muito a noite passada?
— Não até muito tarde. Cinco coktails e um maço de cigarros...

# O caso da valise marron

De NELSON CÓLEMAN

*(Continuação)*

— Ouça o que lhe vou dizer — exclamou o detective. — A senhora não tem confiança em mim, mas vou eu ter na senhora. Meus perseguidores voltarão dentro de um momento, quando virem ter seguido uma pista falsa, e é preciso, absolutamente preciso, entende-me? que esta *valise* não volte a cahir nas mãos do dono. Dá-me a sua palavra de guardal-a emquanto procuro pôr-me a salvo?

Voltarei depois para buscal-a. Se não voltar até ás 24 horas, entregal-a-á pessoalmente ao chefe da policia de Londres. Com isto terá prestado a sua patria um verdadeiro serviço. Ha alguma conducção na granja? Seria o melhor meio para chega resta noite mesmo a *valise* ao seu destino.

A moça vacillou; mas, de repente, respondeu:

— Meu irmão, que neste momento está ausente, tem um Ford, empregado no transporte de frutas á cidade.

— Silencio! — interrompeu o detective, levando o indicador á bocca. — Ha gente no jardim.

Fóra do galpão reinava a mais completa obscuridade. No silencio da noite podiam ser percebidos distinctamente os passos de alguem que se approximava com precaução.

— Quem poderá ser? — perguntou o detective.

— Por emquanto não é ninguem de casa. O peão vae embora ás seis, e meu irmão só voltará ás nove.

Ouviam-se os passos cada vez mais proximos. Um momento depois, Cóleman reconhecia o detective do chapéo de palha que, por duas vezes, naquelle mesmo dia, havia-se atravessado em seu caminho. O intruso approximou-se decidido e, ao chegar galpão, exclamou sem mais preambulos, dirigindo-se a Cóleman e apontando com o dedo a *valise* que o rapaz tinha aos pés:

— Quer o senhor mostrar-me o que ha ahi dentro?

Ao penetrar Cóleman no galpão, os pés tinham tropeçado em alguma cousa macia, que pelo tacto, reconhecêra ser um sacco de grande tamanho. Com um movimento rapidissimo abaixou-se, apanhou o sacco e, no momento preciso em que o detective punha o pé no umbral da porta, Cóleman metteu-lhe o sacco pela cabeça abaixo.

— Corra agora — ordenou á moça; — leve a *valise* e entregue-a a quem acabo de dizer.

Emquanto isto, o detective se agitava desesperadamente com a cabeça e parte do tronco dentro do sacco. Cóleman, depois de alguns momentos de lucta, conseguiu que penetrassem no sacco os braços do collega; em seguida, applicando-lhe varios socos na cabeça, fel-o tombar meio desfallecido.

Fóra, já se ouvia o ruido caracteristico de um automovel ao pôr-se em marcha. Cóleman nada tinha á mão para amarrar o detective espancado; mas calculando que tardaria dois ou tres minutos a voltar a si e livrar-se do sacco, correu para onde se produzia o ruido, chegando á porta da granja no momento em que o automovel, no meio do caminho, começava a tomar velocidade, em direcção a Londres.

Cóleman correu com toda a ligeireza que lhe permittiam as pernas ageis, logrando alcançal-o e sentar-se na parte trazeira do mesmo. Mas apenas trepado sobre o automovel, este, gyrando rapidame foi dar de encontro a uma das arvores do cami A violencia do golpe atirou Cóleman a varios me de distancia. A conductora do vehiculo, pouco ha havia-o projectado contra a arvore. Arrojado do a movel ao sólo, ficou sentada em meio da estr entre montes de papeis que branquejavam na esc dão da noite. A pouca distancia estava a *valise*, cuja fechadura saltára em consequencia do golpe; e torno da mesma viam-se papelinhos brancos. En trava-se, ao que parece, cheia delles. Cóleman le tou-se apressadamente e approximou-se da joven.

— Assustei-me tanto ao notar que alguem s por detrás do automovel, que perdi por comp a calma; vê o senhor o resultado — exclamou, gindo um olhar ao vehiculo. — Que dirá agora irmão quando vir o estado em que puz o seu movel! — acrescentou rompendo a chorar am mente.

Mas o detective não prestou attenção a suas mas palavras. Ao apanhar do chão um dos pa não póde conter uma exclamação de assombro. O minho estava coberto de bilhetes do Banco de In terra.

Eram todos de cinco e de dez libras, novi brilhantes, em meio da escassa claridade da no

— Deus do céo! — exclamou a moça no cumulo surpresa. — Roubou algum banco?

— Cahiu afinal na realidade, senhorita, com ção a este passaro — disse uma voz ás costas ambos, — Flood, mãos para cima!

Cóleman e a joven voltaram-se simultaneam e viram o detective, que, com a roupa no mais la tavel estado que se póde imaginar, apontava pistola automatica com a mão esquerda, para man, emquanto segurava com a direita um pa enormes algemas. O roubo do Banco de Liverp — acrescentou o detective. — Se quer seguir conselho, senhorita, tenha, daqui por diante, m cuidado com as pessôas que penetram em sua saltando pelo muro da quinta. Vamos, Flood; disposto a seguir-me sem obrigar-me a lançar má meios violentos?

Obedecendo á ordem do detective, Nelson Cóle erguera as mãos para o alto. Seu contendor ter muito viva a recordação dos murros rece e não seria de estranhar que ao menor signal de dia tratasse de tomar alguma represalia.

Um momento depois, Cóleman tinha as mãos madas. O detective poz-se a revistar-lhe os bo Num delles encontrou um pequeno objecto que lhou á tenue claridade das estrellas. Era a me profissional de Cóleman. O detective vacill instante, transformou-se como por encanto a ex são do seu rosto, e apressou-se a tirar as al que prendiam as mãos do prisioneiro.

A joven da granja contemplava a scena com assombrados.

— Desculpe o meu erro — disse com voz resp o detective.

— Eu tambem tenho que lhe pedir desculpa observou Cóleman; — e creia-me que, se me co de tal fórma, foi em obediencia a instrucções riores.

## ...ORNARÃO A NASCER ...MANHÃ OS CABELLOS QUE PERDEU HOJE

?

...e o seu cabello fôr raro é um ...gnal quasi certo de que as raizes ...tornam anemicas. Nesta altura ...evem tomar-se precauções, de con-...trario a calvicie é inevitavel. Os ...cabellos caem porque as raizes ...são sufficientemente alimentadas ...por que se acham obstruidas pela ...aspa. O remedio indicado neste ...caso é a Lavona — Tonico dos ...cabellos. Este tonico fortifica o ...couro cabelludo, faz desapparecer a ...caspa, ao mesmo tempo que alimenta ...raizes, e faz parar a quéda do ...cabello. A Lavona — Tonico dos ...cabellos — é indispensavel pois ...que com ella os cabellos se tornam ...ados, brilhantes e sedosos.

## NÃO SE ESQUEÇA

...incluir hoje na sua nota de ...compras o remedio necessario para ...ricos e pobres, que deve existir ...em todas as casas.

...Nada superior para doenças de ...pelle: eczemas, frieiras, empin-...gens ou golpes, escoriações, ulceras ...varicosas, etc., etc. Não suja a roupa ...se conhece a applicação.

...preza a saude, e quer poupar ...dinheiro, compre hoje mesmo um ...vidro de Dermol e leia o livro ...que o acompanha, citando reme-...dios para varias doenças difficeis ...de curar. — A' venda em todas as ...pharmacias e drogarias importan-...tes. Exija DERMOL do pharma-...ceutico Henrique E. N. Santos, e ...não acceitar as imitações baratas. ...Pedidos a Henrique E. N. San-...tos. — Caixa Postal 638 — Rio de ...Janeiro — Phone 4737.

## OVO-LECITHINE BILLON

TONIFICA
CURA
NEURASTHENIA
DEBILIDADE
ANEMIA

Porque se deve usar a OVO-LECITHINE BILLON.

Porque ella é o Remedio-Alimento que maiores e mais rapidos beneficios proporciona nos casos de ESGOTAMENTO INTELLECTUAL * INSOMNIA * ABATIMENTO PHYSICO * FALTA DE MEMORIA.

AMPOLAS - DRAGEAS - GRANULADOS DE SABOR AGRADAVEL

"RHONE-POULENC" PARIS

FILIAL NO BRASIL COMP. CHYMICA RHODIA BRASILEIRA Caixa P. 2916 S. PAULO

Leiam ás Quartas Feiras

## SELECTA

A RAINHA DAS REVISTAS CINEMATOGRAPHICAS

Á venda em todos os pontos de jornaes

## FERRO QUEVENNE

APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS

*é a medicação mais poderosa a empregar nos casos de*

## ANEMIA·FEBRES·DEBILIDADE

Emprego Facil mesmo para as Crianças

Encontra-se em todas as Drogarias

26, Rue Petit, St-DENIS (Seine)

# O CASO DA VALISE MARRON

*(Conclusão)*

* * *

Ambos riram cordialmente.

Cóleman ajuntou:

— E fique sabendo, agora, o senhor, que é o primeiro homem que me poz na necessidade de apresentar a medalha que me acredita nas minhas funcções. Sinto verdadeiramente tel-o tratado com tanta rudeza; mas a ordem era não me dar a conhecer a ninguem.

O outro sorriu sem o menor signal de rancor.

— Acreditei ter feito uma captura de primeira ordem, — disse, — pois todos os seus traços coincidem com os de Jimmy Flood, o celebre bandido que acaba de roubar o Banco de Liverpool. Conforme informações, tomou esta manhã o trem de Folkestone e como temos por outro lado a mais completa certeza de que não embarcou para a França... Mas onde ia com essa *valise*?

— Quer examinar estes bilhetes? — perguntou Cóleman sem responder directamente á pergunta.

O detective inclinou-se, apanhou do chão um daquelles mysteriosos papelzinhos, e depois de examinal-o detidamente, disse:

— Estão perfeitos; mas não me cabe a menor duvida de que são falsos.

— Exactamente; é esta a minha opinião. E ha aqui uma bôa somma; duzentas mil libras esterlinas, pelo menos. Mas creia-me que existe um mysterio em tudo isto, mysterio que desconheço. O chefe da policia m'o explicará esta mesma noite.

* * *

— Green — disse naquella mesma noite o chefe da policia londrina ao detective Nelson Cóleman — é um dos agentes mais perigosos da propaganda bolshevista. Trata-se de um judeu russo que por muitos annos residiu nos Estados Unidos.

— Mas, por que não prendemos ao desembarcar em Folkestone? — perguntou Cóleman.

— As coisas não se podem fazer assim tão ás claras, meu amigo — respondeu o chefe. — Lembrei-me que ha grande numero de subditos britannicos em territorio russo e que nos é inteiramente impossivel impedir as represalias que o governo sovietico quizesse exercer sobre elles. Por esta razão era-nos impossivel em absoluto proceder de uma maneira differente com respeito a Green. O que nos interessava, pois, era a posse dos bilhetes e esses, graças a você, aqui estão. Amanhã, a policia ingleza demonstrará a perfeição da sua organização, devolvendo a mr. Green a *valise* que lhe foi roubada; a *valise* sem os bilhetes, já se vê. Assim nossa honra profissional fica a salvo e tambem a dos ladrões do Reino Unido.

---

# A ROSEIRA

JUAN JOSÉ DE SOUZA REILLY

— Toma, imbecil! Mereces que te esmague...

— Guau! guau! guau!

O cão — um precioso cachorrinho, todo branco — se queixava ao sentir nos ossos os pontapés daquelle bebedo...

Carlito — um menino de sete annos, loiro, encantador, que presenciou a scena — interveiu, indignado:

— Por que lhe bate, senhor? Tenha pena delle. E' um pobre cãozinho... Não tem vergonha de fazel-o?

O ebrio não ouviu o menino. Mas o cão o ouviu, e o animalzinho olhou Carlito com seus olhos humidos de lagrimas e se poz entre suas pernas como em um salva-vidas. Lamentava-se, com gemidos de criança. Então o menino, com o heroismo que nos dá a injustiça, tomou-o nos braços e deitou a correr. O ebrio ficou dando pontapés no vacuo...

Chegado a sua casa, Carlito lavou o cão. Encheu-o de caricias. Elle, agradecido, olhava-o com seus olhos cheios de soledade. Negava-se a comer. Tossia como um tysico.

— Está doente — exclamou a mãe de Carlito. — Não póde viver muito.

Com effeito. Agonizava. Dentro de tres dias, por fim, fechou os olhos.

— Mamãe — murmurou o menino — meu cãozinho está dormindo...

— Não, filho. Teu cãozinho morreu.

O menino chorou muito. Chorou tanto como si lhe houvessem tirado um caramello ou como si seu pae houvesse morrido. (Nos meninos, é tão grande a dôr, que todas as dôres se parecem).

— Mamãe — inquiriu Carlito — os cães que morrem vão para o céo?...

— Não. Por cada cão que morre, nasce na terra uma planta. Suas almas tomam, ao renascer, uma verde fórma vegetal. Teu cão se transformará, certamente, em alguma plantinha que dará bellas flores. Enterral-o-emos em nosso jardim.

Carlito ia todos os dias á tumba do cão, á procura de sua alma. Desejava vêl-o transformado em flôr. Mas nenhuma planta nova apparecia. Queixou-se á mãe...

— E' logico — respondeu a senhora. — P... que as almas das pessoas possam renascer no paraiso, é preciso cultivar sua recordação e regar o céo com nossas orações. Do mesmo modo, para que a alma de teu cão floresça, é necessario cultivar a terra onde aquella deve renascer á vida. Cultiva a terra. Rega-a. A agua é a unica oração que a terra nos pede para dar-nos o fructo...

Carlito regou o jardim. Dentro em pouco, sobre a tumba, viu surgir uma roseira: era a alma de rosa do cão... Uma roseira! Ainda existe. O menino rega-a. Trata-a. Fala-lhe. Hontem interpellou-a philosophicamente:

— Olha, cãozinho — ... se-lhe — tuas rosas ... divinas. São olorosas. Mas, desculpa-me: ... que, si não lates, não poderei querer. Um cão deve sempre ser cão. ... ve dar latidos e não ... sas. Por que não ... roseira? Assim, talvez chegue a acreditar ... depois de morrer, se suscita...

# TANGO

DE BRAZ GLÉTTE

UM salão quasi sem fim. O soalho, preguiçosamente estendido, escorregadio e sensual, namorando uma volupia...

A luz, escondida nas côres discretas das lanternas, velava o aspecto gritante das paredes. Janellas abertas, convidando a entrar a brisa fria da noite. As cortinas, em diabolicos bailados, davam-se, com as pontas, beijos de alvoroço.

De longe, da alegria do espaço, chegavam, tenues como corações infantis no rythmo suave das suas pulsações, a alma, o espirito, a sensibilidade da vida, traduzidos, todos, em accordes de uma musica ferida: o tango.

Maestro ouve-o e desespera-se. Deslisa a vista pela planura brilhante do salão e admira-se. Admira-se da ausencia da bem amada.

A melodia toca-lhe o transporte. Rouba-o da abstracção e toma-lhe o corpo, fustigando-o em volteios, na interpretação volatil de milonga.

Cego, arrebata, no rodopio, as cortinas saltitantes. Nellas envolto, acaba por pender, exangue, sobre si mesmo, arrastando-se a custo em busca de um apoio.

Morre a musica. Na sombra da sua ultima sonancia nasce, estridente, uma gargalhada de mulher.

Todo o seu cansaço se afina nu[...] vinco firme que se lhe crava [...] fronte.

— Tu, aqui? Núa?

Ella desenleia-lhe os trapos d[...] vestido e desapparece.

Olhando as cortinas intactas, el[...] comprehende.

* * *

A muito custo consegui tiral-o dalli. O primeiro "bar" que buscá[...]mos para um pequeno repouso trouxe-lhe, ao rosto livido, um riso co[...]lorido.

E, acercando-se de uma das me[...]sas, o punho cae-lhe pesadamente em cima:

— Esta noche me emborracho bien.

No mesmo instante surge-lhe [...] costas a sua Magdalena.

Antes que elle a descobrisse, olhei-o firme e tambem deixei cahi[r] o punho:

— Jura, maestro!

O pianista do frege, julgando que me houvesse a elle dirigido, desfilhou incontinenti o hymno d[o] Sinhô.

Quem acabou emborrachado fu[i] eu, que não posso ouvir maxixe se[m] parafusar com o corpo... e com [o] copo.

Braz Glétte.

## Abrem o appetite

QUANDO a lingua apparecer saburrosa, quando doer a cabeça e faltar o appetite, deve tomar-se as Pilulas Assucaradas de Bristol. Combatem a prisão de ventre e conservam a saude.

Uma ou duas toda as noites. São absolutamente inoffensivas, por serem de origem vegetal.

Convem ter sempre um frasquinho á mão. Não se deterioram em clima algum.

Vendem-se em toda a parte.

5087

# A arte de fazer-se photographar

De L. GANDOLIN

* * *

A reproducção de si mesmo, sob qualquer ponto de vista em que seja encarado, é uma aspiração humana e uma necessidade social.

O homem sempre sentiu o desejo de tirar de si proprio um ou muitos exemplares. Para conseguil-o, não havia senão um systema: ter filhos. Mas, no melhor da festa, estes não se pareciam com o original.

Agora, em troca, se recorre á photographia, a qual, força é confessal-o, ha tentado e submettido a humanidade, não sem causar frequentes dissabores. E — paradoxal contrasenso! — emquanto a arte de photographar tem feito progresso enorme, uma arte irmã permanece na barbarie: a arte de fazer-se photographar.

Basta folhear um album de photographias para ficar pasmado, horrorizado, ante a ignorancia dos que acceitaram em fazer o proprio retrato.

Ficam todos artificiosos! Ficam todos *poseurs!*

O homem ou a mulher que se abandona á photographia, deveria mostrar-se tranquillo, simples, como uma figura de Giotto.

E' um erro, e dos mais crassos, pôr uma roupa nova ou usada poucas vezes. O traje novo é um grande inimigo do homem, e o que sáe com elle, apparece sempre de physionomia contrafeita. Ri por um olho e chora pelo outro.

O direito sorri ao traje flammante e o admira nas vitrines das lojas: mas o esquerdo está temendo aquella mancha, que, a todo momento, pende sobre os trajes novos, nova espada de Damocles que, se assim querem, chamarei a dama de Espadocles. E' inutil.

O homem mettido dentro de um traje novo tem um andar distincto do costumado e uma maneira distincta de pensar.

Quer mais? Uma roupa nova póde até mudar bruscamente o curso fatal da vida de um individuo.

Supponhamos um caso dos mais communs.

E' um formoso domingo.

Não sei se terão notado que todos os domingos são formosos; porém eu, — digo de passagem — prefiro as Domingas.

Bem.

E' um formoso domingo: estréio uma roupa nova, saio, e vou ao meu restaurante. O *garçon*, que sabe os meus gostos, me serve um fricandó esquisito, um fricandó com uma salsa ins...peravel.

A mim, que trago um terno novo? Nem que estivesse louco.

Tenho que contentar-me com uns flambres e um bife secco, que me caem no estomago. A roupa ficou limpa, mas a barriga está compromettida.

A' noite vou á casa de minha noiva, supponhamos. Mas um homem que está mal do estomago não póde ser galante, e sobrevem uma troca de recriminações bem azedas. Dá-se o rompimento.

Para distrahir-me, vou ao club. Jogo. E, natural mente, perco.

Assim, por um lado, se vae o meu matrimo e pelo outro, o meu pa trimonio.

E tudo por causa minha roupa nova!

Então fico furioso. sulto o primeiro transeu te que reage. Entram em luta. Elle me dá tr tiros, que, por felicida só me attingiram o sobr tudo, salvo da mancha oleo do fricandó.

Um individuo, pois, ve tido de novo, se vê, qu sempre, em perigo morte.

E como é possivel ph tographar-se um ago zante?

Outro erro, tamb crasso, é entregar a beça ao cabelleireiro, tes do photographo. erro alisar ou frisar o bello, especialmente qu do não se tem muito cabeça. E' erro ting se o bigode, procuran se, assim, um rosto ar ficial, de curta dura e proprio para mystifi o photographo, dizen lhe mais ou menos isto:

— Desejo um retr que, dentro de duas ho não tenha commigo mais remota semelha

No momento supre todos caem em um fundamental: esque que estão deante do ph tographo; de modo qu retrato tira a marca sa de um homem que que o estão retratando.

O ideal seria poder zer ao photographo:

— Dou-lhe dois me seis, um anno: focal me no momento oppor no, sem que eu o saib me photographe.

Systema excelle porém impraticavel, bretudo para as senho

Uma dama tem sem momentos em que gostaria de ser surpre dida, por ninguem, m menos por um ph grapho.

Devemos convir em entre a photographia especie humana me todavia, um abysmo. espera de tempos me res, o razoavel seria o por este meio, simple pratico: usar da ph graphia... mas sem a sar.

## DENTRO DA NOITE

*Noite de prata*
*E luar*
*Pleno.*
*Sobe, macia, a voz da serenata,*
*Que, em notas de crystal, se evola e se desata*
*No ar*
*Sereno.*
*Pela face do céo,*
*Onde a lua se espraia como um véo,*
*Rola dos olhos das estrellas querulas*
*Uma chuva de opalas e de perolas*
*Pela face do céo.*
*A figura da lua*
*E' uma mulher que dança, toda núa,*
*Ante o fino vitral das espumas do mar.*
*E os grandes montes ondulados*
*Parecem monges macerados,*
*Em cujo olhar de bruma baça,*
*Numa restea de luz, passa e perpassa*
*A dançarina branca do luar.*

JORGE DUARTE RIBEIRO.

Picadas de Insectos
são causadoras de grandes dôres e muitas vezes dão logar a infecção seguida de molestia grave. A dôr causada pela mordida e ferroada dos insectos, mosquitos, abelhas e aranhas, é immediatamente alliviada com uma applicação d'
A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS.
Este admiravel medicamento devia estar sempre no armario de remedios em todos os lares, pois que não somente é bom para picadas de insectos, mas constitue tambem um excellente remedio para:
Talhos e feridas laceradas
Contusões, torceduras e luxações
Queimaduras e escaldaduras
Dôres rheumaticas
Lumbago
Nevralgía
Inflammação da garganta
Excoriações
Queimaduras do sol
E PARA USO GERAL DO TOUCADOR
Vendese em todas as Pharmacias
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Corner Prince and Lafayette Sts. New York City, U. S. A.
MARAVILHA CURATIVA
DE
HUMPHREYS
MARAVILHA CURATIVA
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
14-C